Abraão de Almeida

Israel, Gogue e o Anticristo

Edição revista e ampliada

ISRAEL, GOGUE E O ANTICRISTO

Abraão de Almeida

Israel, Gogue e o Anticristo

Edição revista e ampliada

SUMÁRIO

PREFÁCIOS

Prefácio 1

Tive a satisfação de ler os originais do livro *Israel, Gogue e o anticristo*, de autoria do jornalista Abraão de Almeida, que nos apresenta de forma singular o que consideramos um dos grandes, senão o maior mistério da história da humanidade: a sobrevivência do povo judeu. Como e por que pôde um povo sobreviver através de milênios, sempre íntegro, com a mesma fé, com os mesmos costumes e tradições, contra tanto infortúnio e adversidade?

Abraão pesquisou muito, penetrando nos caminhos de fontes históricas inacessíveis à maioria dos leitores, e fez aflorar fatos surpreendentes escondidos na caudalosa torrente dos séculos e milênios da história desse povo, único na sua peculiaridade. O escritor soube estear-se na Bíblia Sagrada, fonte *prima inter-paris*, cujas páginas aurifulgentes informam com a força da verdade incontestável o surgimento do povo hebreu e sua caminhada através dos séculos com as suas vitórias, derrotas, lutas, e seus sofrimentos, mas conservando o *sinal* que o distingue de todos os outros povos. Tudo isso fará com-

preender o que é o judeu, e cada judeu *de per si* sentir-se-á honrado de sua condição de pertencer ao povo de Deus.

O autor não se preocupa com divagações ou conceitos filosóficos — como Philon, judeu alexandrino, que afirmava que a maior perfeição que se atinge é o êxtase do profeta, no qual a luz da consciência individual se manifesta submersa "na consciência divina". Sendo o *êxtase* um elemento novo no desenvolvimento da psique humana, Abraão de Almeida, como crente em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, entende mais que Philon qual o verdadeiro *êxtase* que envolve aqueles que recebem a promessa do Pai.

Abraão de Almeida, portanto, não discute dogmas, mas procura mostrar, e o faz com rara facilidade, o papel que a nação judaica desempenha no contexto de todos os acontecimentos que envolvem a Igreja do Senhor Jesus Cristo — a coluna e firmeza da verdade.

Israel, Gogue e o anticristo expõe como o povo judeu surgiu na esteira do século, integrando-os e inteirando-os como guardador dos oráculos divinos, e como esse povo pôde vencer todas as vicissitudes — suportando sofrimentos, angústias, desterros e extermínios inexoráveis. Esclarece ainda pontos escatológicos obscuros para muitos leitores, mesmo os mais cultos.

A nação israelita será envolvida nos últimos acontecimentos. Gogue e o anticristo desempenharão seus papéis, porém serão derrotados, e Israel alcançará o *desideratum* determinado por seu Deus — o glorioso Deus de Abraão, Isaque e Jacó; o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus de toda a graça; o Deus que é o criador do Universo, que é a causa intrínseca e eficiente de todas as coisas criadas, visíveis e invisíveis.

Como dissemos, Abraão pesquisou e analisou. História não se forrageia. Cita-se. Ninguém pode ser açoitado pelo fato de se fundamentar exclusivamente em fatos históricos, pois todos os conhecedores de história, ou historiadores, dependem de informações das fontes históricas, e justamente neste particular consiste o peso e o valor deste livro.

Além da parte estritamente espiritual — que é a principal — esta obra é um excelente repositório histórico, onde Israel é apresentado no lugar de destaque que a história lhe conferiu e onde a figura vértice de todos os acontecimentos humanos — nosso Senhor Jesus Cristo — permanece cintilante no brilho que ilumina o coração daqueles que crêem no seu nome.

Israel, Gogue e o anticristo deve ser lido por todas as pessoas de bom gosto e, especialmente, pelo povo de Deus, que encontrará, sem dúvida, motivação maior para a sua vida espiritual, conseguindo ao mesmo tempo conhecer tantos fatos sobre a vida desse povo sofrido mas vencedor, que é a nação israelita, a qual na verdade é amada pelos cristãos verdadeiros — os evangélicos. São estes os que oram pelo povo israelita e o defendem, sabendo que o cumprimento das profecias relativas à posição da Igreja no mundo está intimamente relacionado com o que suceder a Israel, o povo de Deus.

Poderíamos dizer muito mais sobre este livro, porém julgamos desnecessário, porque a própria obra fala melhor.

João Pereira de Andrade e Silva
[De saudosa memória]

Prefácio 2

Ao assumir a diretoria executiva da Casa Publicadora das Assembléias de Deus, tracei como uma das minhas principais metas a edição de livros, por acreditar no papel preponderante da boa literatura para a formação intelectual e edificação cristã da Igreja. Na época, *Israel, Gogue e o anticristo* estava esgotado, depois de duas edições vendidas.

Conhecia já o valor desta obra de Abraão de Almeida, e por isso resolvi continuar a imprimi-la. E não nos enganamos, pois dezenas de milhares de exemplares têm sido distribuídos em todo o Brasil.

A causa da extraordinária aceitação deste livro (e de outros do mesmo autor) está no seu estilo claro e na segurança bíblica com que analisa os grandes temas do momento. Louvamos a Deus por este autor brasileiro e por esta obra, que está editada também em outros países.

Enfim, um marco. Um marco nos programas de editoração da CPAD, na história dos escritores pentecostais de nossa pátria, na abordagem de temas atuais e escatológicos.

Com o lançamento de mais esta edição — que está melhorada e acrescida de novos fatos e informações — esperamos corresponder aos anseios do grande número de leitores brasileiros, ao mesmo tempo em que cumprimentamos o autor pela sua brilhante carreira como escritor evangélico.

Custódio Rangel Pires

Prefácio 3

Desde o seu lançamento, em 1977, tenho recebido grande número de manifestações de leitores, alguns enviando documentos que comprovam minhas afirmações, outros simplesmente falando do despertamento que lhes representaram os temas sempre atuais de *Israel, Gogue e o anticristo.*

O interesse por este livro transcendeu as fronteiras do Brasil. Ele foi editado em Portugal e colocado à disposição de milhares de leitores na Europa, na África e na Ásia, em fina impressão com 252 páginas, e foi traduzido para a língua espanhola e editado nos EUA. Ao todo, cerca de 240 mil exemplares distribuídos em todos os continentes!

O motivo principal de tão calorosa acolhida está no tema *Israel*, sempre apaixonante para quem estuda as profecias bíblicas. A volta dos judeus para a sua antiga terra depois de quase dois mil anos de desterro e de padecimentos sem conta; a sua extraordinária sobrevivência como Estado e seu incrível desenvolvimento em todos os campos da ciência e da produção — a despeito de tantas guerras sofridas e de constantes e crescentes pressões e ameaças internacionais — são fatos que todo cristão deve considerar à luz da infalível profecia bíblica.

Jesus se referia a esse povo quando disse: "Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam" (Mt 24.34).

A história não registra caso semelhante ao do judeu. Ele permanece distinto onde quer que viva. Dezenas de outras nações nesse mesmo período têm surgido e mantido suas características próprias durante algum tempo, mas logo perderam-se inteiramente na grande massa da humanidade. O povo judeu, todavia, con-

serva hoje, na Ásia, na Europa, na América ou em qualquer outra parte do mundo a mesma distinção que possuía há três mil anos. Resistiu a todos os poderes da perseguição e a todas as influências que o compeliram ao caldeamento com outras nações, mas permaneceu fiel à sua linhagem, como descendente de Abraão.

Quando Frederico o Grande pediu uma prova da existência de Deus ao seu capelão, este respondeu prontamente: "O povo judeu, majestade!"

Nesse povo tão peculiar cumprem-se hoje profecias bíblicas de mais de três mil anos, muitas delas referentes ao recente renascimento de Israel, às guerras árabe-israelenses e ao papel que esse *novo* país desempenharia entre as nações nesse limiar do século XXI. Por isso são de grande atualidade as palavras de Jesus em Lucas 21.29-31:

> Olhai para figueira e para todas as árvores. Quando já começam a brotar, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão. Assim também vós, quando virdes acontecer essas coisas, sabei que o Reino de Deus está perto.

Israel é hoje a figueira que está brotando. Plantado na região mais cobiçada do mundo, no cruzamento de três continentes, e junto às vastíssimas reservas petrolíferas do Oriente Médio, o Estado de Israel tem sido o alvo das atenções e dos interesses de todos os povos. Até mesmo grandes potências e poderosas nações, como EUA, China e a Rússia — têm girado em torno desse pequeno país.

Israel é como o relógio divino, a mostrar a todos nós quão adiantados estamos na corrida do tempo, e os

milagres testemunhados por aquele país são um sinal de que o nosso Deus há de se manifestar aos olhos das nações quando ocorrerem as grandes invasões da Palestina, preditas nas profecias.

Desde 1977, quando esta obra foi lançada, até os dias atuais, muitos acontecimentos envolvendo a Rússia e seus ex-satélites, a Pérsia, o Iraque e Israel vêm confirmar nossas previsões nas edições anteriores deste livro.

É claro que não tenho nenhuma pretensão de esgotar, nestas páginas, tema tão profundo e abrangente como o de Israel nas profecias, nem tenho a intenção de dogmatizar acerca das conclusões a que cheguei. É meu propósito mostrar, na acessível linguagem jornalística que sempre uso, uma análise de Ezequiel 38 e 39 e trazer ligeiros comentários sobre o anticristo — os sinais visíveis que prenunciam a sua manifestação ao mundo e a aplicação e significação do misterioso número 666 —, dando ao leitor motivos para uma vida mais consagrada ao Senhor, em vista da proximidade de sua gloriosa vinda.

É meu sincero desejo que o Senhor continue abençoando esta obra. Se, depois de lidas estas páginas, o leitor sentir-se induzido pelo Espírito Santo a viver mais abundantemente o evangelho de Cristo, então recomende este livro aos seus melhores amigos. Se assim acontecer, esta mensagem terá cumprido seu nobre objetivo, e o autor sentir-se-á plenamente recompensado.

Abraão de Almeida

1

Judeu, um povo sofrido

E vos espalharei entre as nações e desembainharei a espada atrás de vós; [...] e as vossas cidades serão desertas. O Senhor te fará cair diante dos teus inimigos (Lv 26.33; Dt 28.25).

Calcula-se que, no início da era cristã, a população do vasto império romano era de cerca de 250 milhões, dos quais quatro milhões e meio de judeus. Desse total de judeus, mais que a metade vivia fora dos limites da Palestina.

Jerusalém, centro espiritual de todos os judeus da diáspora romana, abarrotava-se de peregrinos que ali compareciam anualmente, às centenas de milhares, por ocasião das festi-

vidades da Páscoa e do Pentecoste — pontos altos do culto judaico. O evangelista Lucas testifica desse fato quando descreve a descida do Espírito Santo no dia de Pentecoste:

> E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas nações que estão debaixo do céu. Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judéia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses, e árabes (At 2.5,9-11).

Numa atmosfera carregada de religiosidade e, por que não dizer, inflamada de um nacionalismo ardente e doentio, Jesus foi preso, julgado e crucificado. Particularmente porque suas doutrinas, baseadas no amor ao próximo, cheias de sentimento espiritual e vazias de cunho político-nacionalista, decepcionavam e enfureciam os judeus. E foi assim, num momento de incontido ódio a Cristo e à sua mensagem, que eles responderam a Pilatos: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (Mt 27.25).

Conscientes ou não, os israelitas rejeitavam o Messias tão ansiosamente esperado e atraíam sobre si e seus filhos as conseqüências terríveis de tão trágica escolha, como disse o Senhor a Moisés:

> Eu lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti; porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar. Eu mesmo pedirei contas de todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome (Dt 18.18,19, EC, Edição Contemporânea).

Mas os ideais judaicos de independência política não morreram com o advento do cristianismo nem com a conversão de milhares de israelitas à nova fé. Os partidos

político-religiosos continuavam sua trama secreta e multiplicavam os atentados violentos contra os seus dominadores, tornando impossível qualquer solução pacífica a partir de maio de 66 d.C., quando as autoridades romanas reagiram pelas armas na tentativa de sufocar a rebelião organizada que pretendia assumir o controle de todo o país.

A campanha para esmagar a revolta foi organizada pelo próprio imperador Nero, depois que os rebeldes aniquilaram as guarnições romanas do mar Morto e de Antônia. Várias e sangrentas batalhas travaram-se nas cidades da Galiléia, com elevado número de baixas em ambos os lados, mas prevalecendo sempre a férrea Roma.

Dessa época e de Vespasiano, diz Suetônio:

> Excluído não somente da intimidade do imperador, mas ainda da saudação pública, retirou-se para uma cidadezinha isolada, até o instante em que — apesar de escondido e temeroso de sua sorte — lhe foram oferecer um governo com um exército. Era uma antiga e sólida crença, difundida por todo o Oriente, predita pelos destinos, de que homens saídos da Judéia naquela época se tornariam os senhores do mundo. Este oráculo, que ia ser verdadeiro para um general romano, como os acontecimentos o demonstraram mais tarde, tornaram-no os judeus para si próprios e se revoltaram.

Mais adiante, prossegue o historiador romano do primeiro século:

> Como se fosse necessário, para reprimir esta sublevação, de um general valente, a quem se pudesse confiar sem perigo tal empresa, Vespasiano teve a preferência sobre todos os demais, como um chefe competentíssimo e experimentado e do qual nada havia a temer, em virtude da obscuridade da sua família e do seu nome. Nestas condições, reforçou as suas tropas com duas legiões, oito

esquadrões e dez cortes, incluindo o nome de seu filho no rol dos lugar-tenentes.

> Desde que assentou o pé na sua província, atraiu sobre si a atenção das províncias vizinhas. Restabeleceu prontamente a disciplina e ofereceu um combate, e, em seguida, outro, com tanta energia que, ao sitiar um forte, foi ferido no joelho por uma pedrada e aparou, no seu escudo, numerosas flechadas.[1]

Aclamado imperador romano após o suicídio de Nero (e depois que três imperadores, um após outro, perderam o trono e a vida), deixou Vespasiano o último ato da guerra dos judeus ao seu filho Tito. Este, na páscoa do ano 70, ordenou o início do cerco de Jerusalém, determinando a construção de uma muralha de estacas ao redor da cidade, de sete quilômetros de comprimento, levantada em apenas três dias, a fim de impedir a fuga dos sitiados e forçá-los à rendição. Cumpriam-se as palavras de Jesus:

> Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão e te estreitarão de todas as bandas, e te derribarão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem (Lc 19.43,44).

Convém salientar aqui, entretanto, que a população israelita da Palestina na época dessa guerra era bem maior, segundo testemunho de Flávio Josefo, que registrou em detalhes as terríveis conseqüências da rebelião judaica.

Os sitiantes empregaram a crucificação em larga escala, pendurando no madeiro todos os judeus capturados, até que uma vasta floresta de cruzes se erguesse ao redor de Jerusalém e não houvesse mais árvore alguma nas redondezas. Depois, um boato espalhou-se entre as legiões, segundo o qual os fugitivos famintos engoliam peças de ouro para recuperá-

las posteriormente caso conseguissem escapar, e isso originou uma nova modalidade de extermínio: a golpes de espada a soldadesca furiosa abria o ventre de suas vítimas ainda em vida, à procura dos supostos valores.

O terrível sítio de Jerusalém durou cinco meses de sofrimentos indescritíveis. Nesse período, seiscentos mil cadáveres foram lançados para fora dos muros da cidade. A peste e a fome encarregavam-se de dizimar centenas de pessoas diariamente, e muitas se punham a caminho da sepultura antes mesmo de chegada a sua hora. Quando a cidade caiu, contou-se cerca de um milhão e cem mil mortos, e apenas por uma das suas portas foram retirados 115 mil cadáveres. Dos 97 mil sobreviventes, a maior parte foi levada para Roma, muitos foram presenteados às províncias do império para que morressem como gladiadores nas arenas, em espetáculos públicos, e milhares de outros seguiram para trabalhos forçados no Egito.

Com relação à cidade e ao grande templo de Herodes, a predição de Jesus não poderia ser mais minuciosa: os alicerces dos edifícios foram removidos, inclusive os do templo, e toda a sua área ficou nivelada. Não ficou ali "pedra sobre pedra" (Lc 19.44).

Akiba e Bar Koba

De 132 a 135, os judeus tentaram de novo sacudir de sobre si o pesado jugo romano. Os fanáticos políticos da inflexível resistência judaica, sob a liderança do rabino Akiba, organizaram-se em heróicas legiões e enfrentaram com sucesso forças incomparavelmente mais numerosas. A crise avolumou-se até ao ponto de impedir qualquer acordo entre os rebeldes ocupantes e as autoridades romanas.

Então, de novo a teimosia dos israelitas os leva à beira de um extermínio total. O general romano Severius, numa fulminante operação de limpeza, devastou a terra e deixou em situação precária os novos exércitos organizados pelo famoso guerreiro Bar Koba, a quem Akiba apresentara como o Messias. Cerca de 580 mil homens caíram somente nas batalhas, e outros milhares pereceram de inanição na cidade fortificada de Betar, enquanto resistiam valentemente à implacável destruição levada a efeito pelos soldados romanos.

Em decorrência de mais essa trágica revolta nacionalista, novamente os mercados de escravos abarrotaram-se de judeus. Jerusalém foi reconstruída como uma cidade tipicamente pagã. Adriano proibiu a prática do judaísmo, sob pena de morte. Akiba foi capturado e esfolado vivo e, ao morrer, exclamou: "Ouvi, Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é o único!" Os romanos mudaram o nome da Judéia para Síria Filistéia, de onde se derivou a moderna palavra "Palestina".

Despatriados, humilhados, diminuídos e marginalizados, os remanescentes judeus dedicaram-se ao comércio e trocaram suas ambições políticas pelas conquistas do espírito, transferindo o centro da sua cultura da Judéia para a Babilônia, onde os comentários e as interpretações da Bíblia formaram mais tarde o famoso Talmude.

O horror das cruzadas

Vivendo em paz e dedicadas ao livre comércio, as comunidades israelitas em várias partes do mundo chegaram a ser prósperas. Porém, no ano 681, na cidade de Toledo, a Igreja Romana começou a impor-lhes restrições.

A superstição e o baixo nível espiritual a que desceu o cristianismo nominal durante a Idade Média ocuparam-se de fazer o resto.

No ano 1096, foi organizada em Clermont, França, a primeira guerra da cruz contra os maometanos ocupantes dos lugares santos da Palestina. Os cruzados comandados pelo mercenário francês Guilherme abateram-se sobre as comunidades judaicas da Renânia, de Treveris, de Espira e de Worms, além de outros lugares. As hordas sanguinárias arrastaram homens, mulheres e crianças aos templos católicos para serem batizados à força, mas a maioria preferiu pagar com a vida sua fidelidade aos milenares princípios do judaísmo. Raciocinavam os irmãos peregrinos que, antes de exterminar os sarracenos no Oriente, precisavam eliminar no Ocidente os descendentes daqueles que crucificaram o Filho de Deus.

O historiador Joseph-François Michaud conta o seguinte acerca de um grupo desses peregrinos reunidos às margens do Reno e do Mosela, que tinham por chefes o padre Volkmar e o conde Emicon:

> Esses dois chefes admiraram-se de que se ia fazer guerra aos muçulmanos, que tinham sob sua lei o túmulo de Jesus Cristo, enquanto se deixava em paz um povo que tinha crucificado o seu Deus.
>
> Para inflamar as paixões, eles tiveram o cuidado de fazer falar o céu e de apoiar sua opinião em visões milagrosas. O povo, para quem os judeus eram por toda parte objeto de horror e de ódio, já se mostrava muito propenso a persegui-los. Emicon e Volkmar deram o sinal e o exemplo. À sua voz, uma multidão furiosa espalhou-se pelas cidades vizinhas do Reno e do Mosela; massacrou impiedosamente a todos os judeus que encontrou em sua passagem.

No seu desespero, um grande número dessas vítimas preferiu suicidar-se, antes de receber a morte das mãos dos inimigos. Muitos encerraram-se em suas casas e morreram no meio de chamas que eles mesmos haviam ateado; alguns amarravam grandes pedras às vestes e precipitavam-se com seus haveres no Reno e no Mosela. As mães sufocavam seus filhos ao seio, dizendo que preferiam mandá-los ao seio de Abraão a vê-los entregues ao furor dos cristãos. As mulheres, os velhos, solicitavam a piedade para ajudá-los a morrer. Todos esses infelizes imploravam a morte, como os outros homens pediam a vida.[2]

Peste negra e Inquisição

Entre os anos de 1350, irrompeu devastadora a *morte negra*, uma peste virulenta que matou um terço de toda a população da Europa. Mais uma vez a superstição, o complexo anti-semita e a ignorância encarregaram-se de lançar toda a culpa da desgraça sobre os judeus.

Apesar de o papa Clemente VI inocentar os judeus, afirmando que eles morriam da peste tanto quanto os cristãos, o fanatismo falou mais alto que a razão e a ruína veio como uma tempestade: em mais de 350 cidades européias os infelizes israelitas foram mortos à pauladas, afogados, queimados vivos, enforcados e estrangulados.

Infamante, sob todos os pontos de vista, foi o martírio dos judeus na Espanha e em Portugal, durante a vigência da Inquisição. Só em Toledo, em poucas semanas, foram queimados vivos 2.400 homens, acusados de infidelidade ao catolicismo. Os que se diziam arrependidos da sua falsa conversão alcançavam a "misericórdia" de serem estrangulados antes de atirados às chamas "purificadoras".

Implantado em Portugal em 1536, esse nefasto tribunal agiu contra os judeus com tamanha crueldade que provocou um protesto do papa Paulo II, além de fazer com que o Concílio de Trento se ocupasse da sanha bárbara dos inquisidores lusos.

Mas o ódio aos judeus não começou com a Inquisição nem era uma característica exclusiva dos inquisidores, pois, emanado dos poderes eclesiásticos, ele transbordava nas massas fanatizadas, resultando sempre em sangrentos morticínios. Eis um exemplo:

> Vinte anos antes da instalação da Inquisição em Portugal, D. Manuel, fugindo de terrível peste, dirigiu-se no início de 1516 a Beja, em visita a sua mãe, D. Beatriz. Em Lisboa, onde a peste chegava a matar 230 pessoas por dia, levantavam-se preces públicas, organizavam-se procissões e penitências, implorando em gritos a clemência divina. Foi então que a 15 de abril desse mesmo ano ocorreu o conhecido episódio na igreja de S. Domingos, que deu origem à feroz matança dos cristãos-novos. Onde os cristãos-velhos queriam ver um milagre — um raio de luz filtrado pelos vitrais incidira sobre um crucifixo, aureolando-o de luminosidade...
>
> Um cristão-novo que estava entre os presentes deixou escapar imprudentes frases de incredulidade. A multidão, indignada, logo saltou sobre o blasfemo, arrastando-o pelo adro, assassinando-o e queimando-lhe o cadáver. Foi o rastilho! Iniciou-se a caça aos recém-convertidos. "Heresia! Heresia!" clamava-se. E o povo arrastado pela exaltação percorria as ruas, praticando cenas horríveis. O motim tornava-se em revolução popular.
>
> As marinhagens de muitos navios estrangeiros, fundeados no rio, vieram associar-se à plebe amotinada. Seguiu-se um longo drama da anarquia.

> Os cristãos-novos que perambulavam desprevenidos pelas ruas foram mortos ou mal feridos, arrastados, às vezes semivivos, para as fogueiras que rapidamente se tinham armado, tanto no Rossio como nas ribeiras do Tejo. Alagaram-se de sangue as ruas. Queimaram-se casas. Os cadáveres amontoavam-se em pilhas. As aterrorizadas vítimas nem mesmo escapavam nos templos aonde se acolhiam na derradeira esperança de se salvarem. Houve saques, violações de mulheres...[3]

O anti-semitismo, todavia, não desapareceu com as cruzadas nem com a Inquisição, mas continuou atuante em muitas partes do mundo. Nos países do Leste Europeu, os apóstolos da "última fé verdadeira" fizeram inveja aos inquisidores espanhóis e portugueses.

> As mais cruéis carnificinas, os despedaçamentos e mutilações, o rasgar dos membros, a queima de pessoas vivas, tudo enfim foi feito em nome da religião; as hordas fanatizadas parece que conheciam uma só fórmula: o batismo, ou a morte...
>
> Existem relatos e crônicas dessa época para a leitura dos quais são precisos bons nervos. É natural que a maioria dos judeus recusasse o batismo, com poucas exceções. Como o afirma um de seus historiadores, os judeus não queriam tornar-se cristãos, mas permanecer fiéis ao seu Deus e a sua nobilíssima tradição histórica, ainda que uma tal fidelidade trouxesse consigo o extermínio de seus filhos, a violação e a morte de suas mulheres. Em grandes massas e aos milhares, enfrentaram a morte do martírio. Tudo isso sucedeu no curto espaço entre abril e novembro de 1648. O número de judeus assassinados superou duzentos mil.[4]

Referindo-se a esse sombrio acontecimento, o sábio judeu de Volínia, Natan ben Moshe Hannover, que se salvou fugindo para Amsterdã, publicou em 1653, em Veneza, um relato, em hebraico, informando ao mundo

como morriam os judeus na Polônia, à mão dos cossacos e ucranianos:

> Arrancavam-lhes a pele, e a carne jogavam aos cães; cortavam-lhes as mãos e o pés, e deixavam à morte os corpos assim mutilados; rasgavam as crianças pelas pernas; assavam os bebês e obrigavam as mães a engolir a carne dos seus rebentos; abriam ventres de mulheres grávidas e com o feto que arrancavam batiam no rosto das vítimas; a muitas punham gatos vivos nos ventres abertos, costuravam o corpo com o gato dentro, cortando das mulheres os braços, para que não pudessem arrancar o animal, nem dar cabo de sua existência.[5]

Guetos e pogrons

A atual luta desesperada dos judeus pela conservação do seu território não pode ser compreendida sem o pano de fundo da História. Os sucessos nas guerras com os árabes, a invasão do Líbano em perseguição aos inimigos palestinos e o isolamento cada vez maior de seu país no contexto das nações têm suas raízes nos muitos sofrimentos da Diáspora, na qual os guetos tornaram-se o principal símbolo da odiosa e humilhante segregação racial e religiosa de que foram vítimas. Mas os guetos não se tornaram apenas o símbolo da perversidade humana, pois muitos deles se transformaram literalmente em verdadeiras sepulturas de numerosíssimas comunidades, como o de Varsóvia, por exemplo.

Uma das profecias acerca da restauração nacional dos judeus, diz: "Assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E

sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir as vossas sepulturas e vos fizer sair das vossas sepulturas, ó povo meu" (Ez 37.12,13).

Nenhuma outra figura dos modernos *guetos*, de onde muitos judeus têm saído para a sua pátria, poderia ser mais adequada do que uma sepultura. Em sentido estrito, "gueto" define um bairro judeu, uma área delimitada por lei para ser habitada somente por judeus. O nome deriva da fundição, ou *Guetto*, em Veneza, onde os judeus dali foram segregados em 1517. A idéia, entretanto, de segregação dos judeus, implícita na primeira legislação da Igreja Romana, monta aos Concílios de Latrão de 1179 e 1215, que proibiram judeus e cristãos de viverem juntos.

Na Espanha, os judeus viviam, desde o século XIII, em judeiras providas de muros e portões de proteção. No século XV, os frades na Itália começaram a pressionar no sentido de uma segregação efetiva dos judeus. Em 1555, o papa Paulo IV ordenou que os judeus nos Estados papais deviam viver em quarteirões separados, o que foi imediatamente levado a efeito em Roma e tornou-se regra por toda a Itália, no decorrer da geração seguinte.

O nome "gueto" era agora universalmente aplicado. A instituição tornou-se comum também na Alemanha, em Praga e em algumas cidades polonesas. Era uma cidade dentro de uma cidade, desfrutando de certo grau de autonomia e de vigorosa vida espiritual e intelectual. Era, porém, insalubre, superpovoada (visto que sua área não podia expandir-se) e sujeita freqüentemente a incêndios. Além do mais, o sistema de gueto era, com freqüência, acompanhado pelo batismo forçado, o uso da insígnia de judeu, sermões de conversão, restrições profissionais etc.

Na Itália, o gueto, abolido no período da Revolução Francesa, foi reintroduzido localmente no século XIX e

teve fim quando Roma uniu-se ao Reino da Itália em 1870. Em outros países, a situação foi semelhante. Uma das características dos novos núcleos na Europa Ocidental, a partir do século XVI, foi não serem submetidos ao sistema de guetos.

A lei muçulmana original não estipulava áreas de residência não muçulmanas. A degradação veio no século XVIII, quando os judeus foram obrigados a afastar-se das vizinhanças das mesquitas e ficaram restritos aos limites de suas casas; com o declínio econômico, os quarteirões judeus viraram favelas. No leste muçulmano (por exemplo, a Pérsia), o fanatismo xiita, fazendo-se sentir de dentro para fora, impôs a formação de quarteirões judeus separados, fechados à noite e no *sabath*. Foram estendidos, também, ao Iêmen e ao Marrocos. Muitos guetos marroquinos ainda hoje são habitados.

Os guetos estabelecidos pelos nazistas na Europa Oriental (1939-1942) não foram formados em caráter permanente, como bairros de judeus; eram parte do plano de extermínio dos judeus e visaram concentrar, isolar e enfraquecer espiritualmente os seus ocupantes, antes da aniquilação.

Entre 1939 e 1942, os judeus da Polônia, da Alemanha, da Checoslováquia e de outras regiões foram transferidos principalmente para as áreas de Varsóvia e de Lublin. Guetos foram instituídos aí e em outros lugares, como Lodz, Minsk, Vilma, Cracóvia, Bialystok, Lvov, Riga, Sosnowiec. A população do gueto de Varsóvia chegou a 445 mil habitantes; no gueto de Lodz, havia duzentos mil.

Tais guetos, já superpovoados de início, foram contidos com firmeza em seus limites originais. Eram todos, em última análise, fechados, e a saída (exceto com permissão) era punida com a morte. O controle estava em mãos da Gestapo e das SS, que nomeavam conselhos de judeus

para levar a cabo as suas ordens, através de uma força policial judia. Os conselhos organizavam escolas e promoviam o bem-estar, mantinham cortes de justiça e eram obrigados a fornecer mão-de-obra para os alemães.

À medida que os planos nazistas se evidenciavam, tanto os conselhos quanto a polícia judaica passaram progressivamente para as mãos dos colaboracionistas, que formavam um grupo privilegiado. O gueto possuía centros industriais, que trabalhavam para a Alemanha a salários nominais.

Os nazistas levaram os guetos sistematicamente à inanição, e qualquer assistência possível somente podia ser financiada às expensas dos próprios judeus. A despeito de indigência e de desmoralização, os judeus mantinham uma atividade cultural intensa, escolas e auxílio mútuo. Dessa resistência moral nasceram as revoltas de 1943. O extermínio metódico dos guetos começou com a sucessiva remoção de grupos para aniquilamento, em 1941. O gueto de Varsóvia foi liquidado em 1943, e os restantes por volta de 1944.[6]

Após a vitória israelense contra os exércitos invasores na Guerra da Independência, em 1948, centenas de milhares de judeus foram expulsos em massa dos países árabes. Eles deixaram suas "sepulturas" (os guetos) sem nada poderem levar consigo, cumprindo literalmente a profecia de Jeremias 31.8: "Eis que os trarei da terra do Norte, e os congregarei das extremidades da terra; e, com eles, os cegos, os aleijados, as mulheres grávidas e as de parto juntamente; em grande congregação, voltarão para aqui".

O que é um pogrom

Não é minha intenção tornar demasiadamente extenso este trabalho, mas não posso privar o leitor da descrição de um dos inúmeros pogrons de que tem sido vítima

o povo israelita. Este pogrom ocorreu em 1903, na cidade russa de Kishinev.

Segundo o relato da comissão de pesquisa da Organização Sionista de Londres, os dirigentes do pogrom utilizaram o início da noite de domingo para organizar de um modo racional e sistemático o massacre. Esses dirigentes muniram de armas e uniformes os arruaceiros, os operários, pessoas da classe média e mesmo os seminaristas da Igreja Ortodoxa, e os policiais.

Entre as armas distribuídas aos que haviam de participar do massacre, estavam o machado, peças de ferro e maças (arma de ferro com uma extremidade esférica provida de pontas aguçadas), capazes de quebrar todas as portas e todos os armários, mesmo blindados.

Durante a noite, os agentes do pogrom marcaram com giz branco todas as casas e lojas dos judeus, e organizaram um serviço permanente de informação e de ligação entre esses agentes por meio de ciclistas recrutados entre os estudantes, os seminaristas e os funcionários. A organização não se limitou à cidade, pois foram enviados emissários às aldeias mais próximas a fim de convidarem camponeses para que se juntassem à pilhagem e ao massacre dos judeus. Por volta das três horas da madrugada os preparativos foram considerados suficientes para que o sinal da nova fase do pogrom fosse dado.

É claro que os historiadores do pogrom não tiveram condições de descrever pormenorizadamente o que aconteceu a seguir, em meio a uma orgia de bestialidade abominável, uma sede bárbara de sangue e uma devassidão diabólica.

> Todo o dia de segunda-feira, desde as três horas da madrugada até às oito horas da noite, as hordas bárbaras entregavam-se a esta orgia em meio às ruínas que eles acumulavam. Enquanto acossavam, massacravam, violavam, martirizavam os judeus de Kishinev, onde 49 pesso-

as foram assassinadas em meio a torturas e violações das mais abomináveis. Representantes de todas as camadas da população tomaram parte nesta fúria selvagem: soldados, policiais, funcionários, padres, crianças, mulheres, camponeses, operários e vagabundos.

Desde o início da noite, todas as casas judias de Kishinev ressoaram com gritos medonhos de assassinos e gritos dilacerantes das infelizes vítimas. Em toda a parte e ao mesmo tempo, bandos de dez a vinte pessoas, às vezes de oitenta a cem, conduziram-se segundo o mesmo sistema. Como na véspera, as lojas foram atacadas e pilhadas; aquilo que não podia ser levado era embebido com gasolina e incendiado.

Os bandos penetraram em seguida, urrando, nas casas dos judeus, exigindo dinheiro e jóias. Se os judeus não os entregassem, rapidamente eram massacrados. Quando não tinham mais nada para entregar, ou quando os assassinos tinham outros caprichos, simplesmente massacravam os homens. Depois violavam as mulheres sob os olhos dos sobreviventes, maridos e filhos, e às vezes as mulheres eram violadas sucessivamente por vários bandidos. Arrancavam os braços e as pernas de criancinhas. Algumas crianças foram arrastadas aos andares superiores e jogadas nas ruas.

O pânico mais terrível reinava entre os judeus, que procuravam em vão abrigo em um porão, em um pátio, sobre os telhados, e corriam de casa em casa e de rua em rua. Reinou durante a noite inteira um terror indescritível, por mortes e destruições sistemáticas.

De manhã cedo, uma comissão de quarenta judeus se dirigiu ao governador a fim de implorar o seu socorro. O governador respondeu que nada poderia fazer porque não havia ainda recebido instruções de São Petersburgo. Mas, ao mesmo tempo, o governador transmitiu a todas as estações de telégrafo a interdição estrita de aceitar telegramas de São Petersburgo...

> O massacre prosseguiu o dia todo, sem esmorecer. Os bandos alçavam, como bandeiras, lenços e trapos molhados no sangue das vítimas judias. As torturas inventadas pelos assassinos são indescritíveis, mas são todas confirmadas por testemunhas oculares, por médicos cristãos e por alguns indivíduos cristãos que tentaram, mas em vão, opor-se à fúria de violências ou salvar algumas vítimas judias.
>
> As hordas de assassinos ainda acharam tempo para realizar o assalto e a pilhagem de sinagogas com uma cólera toda especial. Em uma das sinagogas, diante da Arca Sagrada, na qual se encontravam os rolos santos da Torá, estava um bedel animado de uma coragem exemplar. Com seu *talit* (xale de orações) e seus filactérios, aguardou o assalto dos assassinos, pronto para proteger com seu corpo os rolos sagrados. Foi assassinado da maneira mais abominável. Depois arrancaram os rolos da Torá da Arca Sagrada, retalharam os pergaminhos em pedacinhos que as crianças cristãs ofereciam em seguida, por alguns kopeques (moedas russas), como "lembranças de Kishinev"; profanaram o que restou dos rolos e submeteram os prédios das sinagogas a uma pilhagem sistemática.[7]

Os historiadores do pogrom afirmaram que a desenfreada loucura bárbara dos assassinos provocou entre os judeus numerosos casos de loucura, pois não tinham para onde fugir nem a quem recorrer. O desamparo das vítimas era total. Os bandidos não permitiam que os judeus gravemente feridos fossem levados a um médico ou ao hospital, e os bondes ou os carros recusavam-se a transportar passageiros judeus.

Entre as raras exceções que se verificaram entre as autoridades de Kishinev ficou registrada a tentativa do prefeito da cidade, Alexandre Schmidt, que tentou fazer

com que o governador agisse de algum modo em defesa dos judeus, mas tudo foi em vão. Toda a população, em suas diferentes camadas sociais, dos mais pobres aos mais ricos, inclusive mulheres, crianças, padres e seminaristas, todos participaram do massacre e tomaram parte nos excessos sob as suas formas mais cruéis.

Os praticantes do pogrom de Kishinev pilharam e demoliram mais de oitocentas casas e lojas, mataram, com requintes de crueldade, 49 judeus e feriram gravemente mais de uma centena, entre os quais muitos outros vieram a morrer em conseqüência de seus ferimentos. Uns trinta foram espancados até a mutilação, e todos os outros judeus foram gravemente feridos em sua condição física. Cerca de mil famílias foram tocadas pela morte.

O Holocausto

Construído em 1933, o campo de concentração de Dachau, Alemanha, foi a prisão de dezenas de milhares de judeus durante a Segunda Grande Guerra. Em 1966, o governo alemão instalou no local um mostruário dos horrores ali praticados e tornou obrigatória a visita de colegiais de nível médio, para que não esqueçam a que ponto chegou o desvario nazista.

Entre os dois fornos crematórios há uma estátua de bronze representando um prisioneiro de Dachau: um homem esquelético, faces encaveiradas, roupas esfarrapadas, cabeça raspada. Uma legenda, colocada ao pé da estátua, é um angustiante grito de alerta à raça humana. Diz a inscrição:

> À memória das vítimas de todos os campos de concentração; como expiação dos crimes cometidos nesses campos; para advertência à humanidade e instrução a todos os visitantes; pela paz das classes e das raças; para salvar a honra da nossa Nação, e pela comunidade dos povos.

Nesse local sombrio morreram homens e mulheres, depois de suportarem as mais variadas formas de tortura estudadas minuciosamente pelos carrascos. Havia nesse campo o local dos fuzilamentos, a barraca das experiências médicas (onde novas drogas eram testadas em cobaias humanas!), a barraca das punições especiais com suplícios e agonias, a força e a câmara de gás.

Acerca do centro de extermínio dos judeus de Buna Auschwitz, escreveu Lord B. Russel:

> Depois que as vítimas tinham desembarcado nas plataformas eram reunidas num só lugar onde tinham de tirar a roupa e os calçados; às mulheres cortavam-se os cabelos, e em seguida todo o grupo, homens, mulheres e crianças eram obrigados a caminhar nus pela estrada ao encontro das câmaras de gás. Chegados aí, eram impelidos para dentro das câmaras com os braços levantados para que coubesse o maior número de pessoas. As crianças eram amontoadas em cima das cabeças dos outros. Algumas vezes as crianças eram mortas antes...
>
> Um homem da SS era especialista em matar crianças; tomava-as pelas pernas e lhes rachava a cabeça contra a parede. A execução pelo gás durava 15 minutos, e, quando se supunha que todos estavam mortos, abriam-se as portas; o grupo de trabalho forçado, composto de judeus, retirava os cadáveres e arrumava a câmara para a próxima fornada.[8]

E que falar de Birkenau e Gleiwitz? No primeiro, as enormes filas de condenados caminhavam para dentro do forno crematório, não sem antes serem aspergidas de gasolina para se consumirem mais depressa. No segundo campo, uma esteira transportadora, guardada por soldados atentos e cães treinados, levava os condenados diretamente à fornalha, vivos! Eles eram atirados sobre a veloz esteira por outros judeus do trabalho

forçado, os quais, por sua vez, depois de exaustos, seguiam o mesmo trágico destino de seus irmãos!

Não é fácil ler esses relatos, nem acreditar na veracidade deles. Como pode alguém ser tão cruel, tão insensível à dor alheia? Mas quero trazer mais um testemunho insuspeito. Trata-se de uma testemunha ocular alemã de como foi a execução em massa feita em Dubno, em 5 de outubro de 1942:

> Meu capataz e eu fomos diretamente às valas. Ouvi tiros de fuzil em rápida sucessão por detrás dos montes de terra. As pessoas que deviam descer dos caminhões — homens, mulheres e crianças de todas as idades — eram obrigadas a despir-se por ordem de um indivíduo das SS, que empunhava um chicote. Tinham que deixar as roupas em lugares determinados para cada peça do vestuário. Vi um montão de sapatos, cerca de oitocentos a mil pares, e grandes pilhas de costumes e roupas de baixo.
>
> Sem gritar ou chorar, despiam-se todos; reuniam-se em grupos de família, beijavam-se uns aos outros, despediam-se e aguardavam um sinal de outro homem das SS, que se achava junto à vala e que também empunhava um chicote. Durante os 15 minutos que permaneci nas proximidades da vala, não ouvi uma queixa ou pedido de misericórdia...
>
> Uma senhora idosa, de cabelos brancos como a neve, segurava nos braços uma criança de um ano; cantarolava para ela e fazia-lhe cócegas. A criança ria, satisfeita. Os pais contemplavam aquele quadro com os olhos cheios de lágrimas. O pai segurava a mão de um menino de dez anos e falava-lhe carinhosamente; o menino esforçava-se por reprimir as lágrimas. O pai apontou para o céu e afagou-lhe a cabeça, parecendo explicar-lhe alguma coisa.
>
> Nesse momento, o homem das SS que se achava junto à vala bradou qualquer coisa para o companheiro.

Este contou cerca de vinte pessoas, ordenando-lhes que fossem para detrás do grande monte de terra... Recordo-me perfeitamente de uma jovem, esbelta e de cabelos pretos, que, ao passar por mim, apontou para si mesma e disse: "Vinte e três anos de idade".

Dirigi-me para o outro lado do monte de terra e deparei com uma imensa vala. Estava socada de gente, jazendo uns sobre os outros de modo que só se lhes viam as cabeças. Escorria sangue de quase todas elas. Algumas das pessoas ainda se moviam; outras erguiam os braços e viravam a cabeça como para mostrar que ainda estavam vivas. Duas terças partes da vala já estavam tomadas. Calculei que continha cerca de mil pessoas. Olhei para o homem que atirava. Era um elemento das SS. Achava-se sentado à beira da vala, em sua extremidade, e balançava as pernas. Tinha um fuzil-metralhadora sobre os joelhos e fumava um cigarro.

As pessoas, completamente nuas, desciam alguns degraus e subiam por sobre as cabeças das que já lá estavam nos lugares para os quais o homem das SS ordenava. Deitavam-se junto aos mortos ou feridos; alguns acariciavam os que ainda estavam vivos e murmuravam-lhes qualquer coisa. Ouvi, depois, uma série de tiros. Olhei para a vala; vi corpos contorcerem-se e algumas cabeças já imobilizadas sobre os corpos que se encontravam debaixo. O sangue escorria-lhes do pescoço.

Aproximava-se o grupo seguinte. Desceram todos para a vala e alinharam-se diante das vítimas que os antecederam. Foram também fuzilados.[9]

Em todos os campos de concentração, a matança era tão intensa que os nazistas só não conseguiram levar a cabo a sua solução final do problema judaico porque perderam a guerra!

A maquinaria da morte

Aqui estão alguns dos principais crimes cometidos pelos nazistas desde 1933:

• *Os primeiros atos de violência contra os adversários políticos.* Prisões arbitrárias e preventivas nos primeiros campos de concentração ilegais, conhecidos como *Wilde Konzentratioslager*; o número de presos em julho de 1933 somava 26.789.

• *O* putsch *de Rohm.* Prisão e morte sumária de Erneste Rohm, chefe do estado-maior das tropas de choque do Partido Nacional Socialista, e de vários oficiais dessa organização paramilitar, justificadas posteriormente como medida do Executivo em caráter de emergência nacional.

• *Campos de concentração.* Prisões que, a partir de junho de 1933, passaram a substituir os primeiros campos de concentração. Dachau, Lublin-Maidanek, Auschwitz, entre muitos, serviram de centros de extermínio e de exploração brutal de trabalho manual. No começo de 1945, o total de presos, de várias nacionalidades, superava seiscentos mil.

• *A Noite dos Cristais (Kirsallnacht).* Pogrom organizado contra os judeus na noite de 9 de novembro de 1938: vinte mil judeus foram presos, 36 assassinados e 101 sinagogas destruídas.

• *Eutanásia.* Programa instituído para assassinar os "não produtivos". Como exemplo, os doentes mentais. Câmaras de gás para este fim foram instaladas em Grafeneck e Sonnestein, entre outras localidades.

• *Grupos operacionais na Polônia e unidades de autoproteção da Etnia Alemã.* Comandos militares destacados para liquidar dirigentes e intelectuais poloneses e judeus. Cálculos conservadores colocam o número de

mortos por essas unidades, poloneses e judeus na grande maioria, entre sessenta e oitenta mil.

• *A polícia de segurança e os grupos operacionais do serviço de segurança na Campanha Soviética.* Quatro grupos formados por membros da Gestapo, Brigada Criminal e do Serviço de Segurança, em 1941, para solucionar o problema judeu e cumprir ordens executivas durante o ataque à União Soviética. Um relatório preliminar coloca o número de vítimas em 560 mil, em abril de 1942.

• *Crimes nazistas durante a luta contra a resistência.* Perseguição desumana contra o movimento de resistência, incluindo o assassinato de mulheres e crianças. Um relatório preliminar nazista registra a destruição de 150 aldeias e 1.987 fazendas na União Soviética, em dezembro de 1942. Entre oitenta e noventa por cento dos mortos eram judeus.

• *"A solução final do problema judeu".* Plano apresentado por Reinhard Heidrich em 1942 para exterminar todos os judeus na Europa. Só em Auschwitz mais de dois milhões de judeus foram assassinados nas câmaras de gás.

• *Crimes cometidos contra os prisioneiros de guerra.* Milhares de prisioneiros soviéticos e judeus, os outros acusados de atividades comunistas, foram executados pouco depois de capturados, por ordem do Alto Comando Militar.

• *Outros crimes.* Milhares de civis foram executados durante a guerra pelo exército alemão, sem serem enquadrados na lista dos crimes enumerados. Poloneses e soviéticos, submetidos a trabalhos forçados na Alemanha, foram assassinados por causa de pequenas infrações, e muitos desses operários estrangeiros foram mortos para impedir que fossem libertados pelos exércitos aliados.

"Não sabíamos o que fazíamos"

Boa parte da culpa pelo sofrimento do povo judeu pesa sobre os ombros da Igreja Romana, como vimos, e até da Igreja Protestante, em virtude de algumas declarações impensadas de Martinho Lutero. Talvez por essa razão, ou por medo, o protestantismo alemão pouco fez para impedir o extermínio de judeus, com muitas e honrosas exceções, como foi o caso bem conhecido da família holandesa Ten Boon, que tão alto preço pagou por abrigar os judeus e ajudá-los a escapar das garras dos nazistas.

Mas, além da Alemanha, que se penitenciou após a Segunda Grande Guerra pelo que havia feito aos judeus, a Igreja Romana confessou-se também culpada diante de incontestáveis relatos históricos a pesar-lhe na consciência e, quem sabe, num momento de profunda reflexão e de convicção do cuidado de Deus pela descendência de Abraão, ao restaurar-lhe a pátria e um nome respeitável no concerto das nações.

No dia 7 de setembro de 1966, o Vaticano confirmou a existência e a autenticidade de uma oração composta por João XXIII poucos dias antes de sua morte. Nela o papa pede a Deus perdão por todos os sofrimentos que a Igreja Católica fez que os judeus padecessem.

A existência dessa oração, que segundo as intenções do autor deveria ser recitada em todas as igrejas, fora recentemente anunciada no decorrer de uma conferência em Chicago pelo monsenhor John S. Quinn, um dos peritos do Concílio. Eis o texto da oração de João XXIII, agora publicada:

> Estamos hoje conscientes de que, no decorrer de muitos séculos, nossos olhos se achavam tão cegos que já não éramos capazes de ainda ver a beleza de teu povo eleito nem de reconhecer na face os traços de nossos irmãos privilegiados. Compreendemos que o sinal de Caim

esteja inscrito em nossa fronte. No curso dos séculos estava nosso irmão deitado ensangüentado e em prantos por causa de nossa falta, porque havíamos esquecido teu amor. Perdoa-nos a maldição que injustamente tínhamos atribuído ao teu nome de judeu. Perdoa-nos o te havermos uma segunda vez crucificado neles em sua carne, porque não sabíamos o que fazíamos.[10]

Um rastro de sangue

Resumindo tudo o que falamos até aqui, damos agora uma breve cronologia das perseguições por que passou o povo judeu, desde o primeiro século d.C. até nossos dias.

- 49: Cláudio expulsa os judeus de Roma (At 18.2).
- 115: expulsão dos judeus da ilha de Chipre.
- 640, 721, 873: os judeus do império bizantino são forçados a se converter ao cristianismo.
- 1009: os cruzados alemães exterminam diversas comunidades judaicas.
- 1099: a comunidade israelita de Jerusalém é vítima de matanças por parte dos cruzados.
- 1146, 1391: os judeus espanhóis são forçados a se converter ao cristianismo.
- 1290: expulsos da Inglaterra.
- 1306: expulsos da França.
- 1355: população massacra 12 mil judeus em Toledo, Espanha.
- 1349-60: expulsos da Hungria.
- 1420: aniquilada a comunidade judaica de Tolosa.
- 1421: expulsos da Áustria.
- 1492: expulsos da Áustria.
- 1492: 180 mil judeus expulsos da Espanha.
- 1495: expulsos da Lituânia.

- 1497: expulsão dos judeus da Sicília e Sardenha.
- 1502: todos os judeus de Rodes são forçados a se converter ao catolicismo, sob ameaça de expulsão ou de escravatura.
- 1516: massacre de milhares de judeus em Lisboa, Portugal.
- 1541: expulsos do reino de Nápoles.
- 1648, 1656: duzentos mil judeus são assassinados nas matanças perpetradas por Chmielnicki, na Polônia.
- 1727, 1747: expulsos da Rússia.
- 1838: a comunidade judaica de Meshed, Pérsia, é forçada a converter-se ao Islã.
- 1882-90: 750 mil judeus russos são obrigados a viver numa área limitada, dando origem aos guetos.
- 1939-45: seis milhões de judeus são mortos pelos nazistas alemães e seus cúmplices.
- 1941: a comunidade israelita de Bagdá é atacada pelo populacho turbulento: 180 judeus perdem a vida.
- 1948 até hoje: perseguição contra as comunidades judaicas nos países árabes e expulsões em massa.

2

RENASCE ISRAEL

E os plantarei na sua terra, e não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei, diz o Senhor, teu Deus (Am 9.15).

escrevendo a sangrenta história dos filhos de Abraão através dos séculos, alguém disse que ela é mais conhecida pelas crônicas de seus massacres. A Bíblia trata, de maneira inconfundível, das angústias desse povo entre as nações: "E vos espalharei entre as nações e desembainharei a espada atrás de vós; e a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas. E, quanto aos que de

vós ficarem, eu meterei tal pavor no seu coração, nas terras dos seus inimigos, que o sonido duma folha movida os perseguirá [...] e não podereis parar diante dos vossos inimigos" (Lv 26.33,36,37).

Mais adiante, continua a Palavra de Deus: "O Senhor te fará cair diante dos teus inimigos [...] O fruto da tua terra e todo o teu trabalho o comerá um povo que nunca conheceste; e tu serás oprimido e quebrantado todos os dias. E serás por pasmo, por ditado e por fábula entre todos os povos a que o Senhor te levará" (Dt 28.25,33,37).

É impressionante como tais predições tenham sido tão rigorosamente cumpridas. Mas assim como, findando a noite, surge a manhã de um novo dia, a aurora raiaria também para o povo judeu, porque também o Senhor prometeu: "E, demais disto também, estando eles na terra dos seus inimigos, não os rejeitarei, nem me enfadarei deles, para consumi-los..." (Lv 26.44).

Herlz, sonhador e visionário

E para muitos, a volta de Israel, como uma nação livre e soberana, tem significado, mais do que o começo de um novo dia, o início de uma nova vida. "Quem desejaria possuir uma terra tão estranha?" pergunta Meyer Levin, que responde:

> Um povo de temperamento extremo, a amá-la impetuosamente. E a história de Israel é a história de um povo e de um lugar, unidos, separados, sempre e sempre. [...] Nenhum drama de amantes separados e reunidos novamente é mais romântico que a história desta gente e sua terra natal. Os amantes passam pela prova de guerra, peste e exílio, sofrem a sedução de exagerada opulência e prazer e ainda assim permanecem fiéis em seu anseio um pelo outro, incessantes, tentando efetuar a reunião que finalmente aconteceu.[11]

Mas não se pode ignorar, na história moderna de Israel, a figura impoluta de Teodoro Herzl, idealista, sonhador e visionário, que tão bem traçou os planos para a redação política de seu povo. Nascido em 2 de maio de 1860, em Budapeste, estudou Direito em Viena e dedicou-se ao jornalismo e à literatura, exercendo as funções de correspondente, em Paris, da Neue Freie Presse, de Viena, de cuja página literária foi redator durante toda a sua vida.

Estadista nato, embora sem Estado e sem povo organizado, Herzl penetrou fundo no problema judaico e buscou avidamente a sua solução. Em seu livro *O Estado judeu*, registra:

> A questão judaica existe. É um pedaço da idade média desgarrado em nosso tempo, e da qual com a melhor vontade do mundo, os povos civilizados não se poderiam desembaraçar. [...] A questão judaica existe por toda parte onde os judeus vivem, por menor que seja o seu número. E acerca da Palestina: é a nossa pátria histórica. Esse nome por si só seria um toque de reunir poderosamente empolgante para o nosso povo.[12]

Por ocasião da trasladação dos restos mortais de Herzl, de Viena para Israel, em 1949, a poeta Bracha Kopstein escreveu estas palavras:

> Acorda, ao menos por uma hora,
> e mostra-nos o teu sábio sorriso,
> e nós te mostraremos a tua profecia...
> Esfrega os teus olhos do teu sono letárgico
> e verás: titãs judaicos estão perto de ti,
> com espadas desembainhadas contra o céu!
> A teus pés jazem flores frescas,
> de terra livre arrancadas.
> Jorra para ti — em carne e ossos —

o teu sublime sonho realizado.
Acorda, ó profeta, ao menos por uma hora
e verás: os que compareceram a esta solenidade:
a Bandeira Azul e Branca desfraldada!
A língua hebraica viva em nossas bocas!
A alegria imperando em nossos corações!
A Vitória e toda nossa fé!
Nossos titãs, novos e destemidos líderes,
diplomatas, parlamentares,
judeus de todas as camadas,
e nossas criancinhas, loiras e moreninhas.
Acorda ao menos por uma hora, e verás:
no grandioso dia da sua História,
o teu Povo está presente!

Os ossos secos

Conscientemente ou não, Teodoro Herzl teve muito a ver com a profecia de Ezequiel 37. Nesse capítulo, Deus mostra como Israel, ao final dos tempos, seria novamente recolocado em sua própria terra. Antes, porém, de nos determos na análise desse capítulo, vejamos o que outros profetas registraram:

> Levantará um estandarte para as nações, ajuntará os desterrados de Israel e os dispersos de Judá recolherá desde os quatro confins da terra (Is 11.12, ARA, Almeida Revista e Atualizada).
>
> Ouvi a palavra do Senhor, ó nações, e anunciai nas terras longínquas do mar, e dizei: Aquele que espalhou a Israel o congregará e o guardará, como o pastor, ao seu rebanho (Jr 31.10, ARA).
>
> Mudarei a sorte do meu povo de Israel; reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, plantarão vinhas e

> beberão o seu vinho, farão pomares e lhes comerão o fruto (Am 9.14, ARA).

No capítulo 37 de Ezequiel, o vale significa o mundo, os ossos indicam o povo de Israel e as sepulturas apontam para as nações atuais. Diz o texto:

> Veio sobre mim a mão do Senhor; ele me levou pelo Espírito do Senhor e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; eram mui numerosos na superfície do vale e estavam sequíssimos. Então me perguntou: Filho do homem, acaso poderão reviver estes ossos? Respondi: Senhor Deus, tu o sabes. Disse-me ele: Profetiza a estes ossos, e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis (vv. 1-5, ARA).

No versículo 11, temos a época para o cumprimento dessa profecia: "Então, me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel; eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; nós estamos cortados". O tempo desse lamento, e do reconhecimento por parte dos judeus da sua triste e desesperadora condição, teve início a partir de 1871, quando uma grande onda de *pogrons* exterminou dezenas de milhares deles em centenas de municípios da Rússia. Os massacres continuaram rotineiros até 1921.

A ordem dos eventos. "Então, profetizei segundo me fora ordenado; enquanto eu profetizava, houve um ruído..." (v. 7, ARA). As notícias acerca da organização de um movimento capaz de conduzir os judeus de volta à sua antiga pátria, levadas a todas as comunidades israelitas do mundo, soaram como uma claridade de esperança.

Prossegue Ezequiel: "... um barulho de ossos que batiam contra ossos e se ajuntavam, cada osso ao seu osso". Aqui temos o movimento [ou reboliço] dos ossos, ou seja, a preparação e a viagem à Terra Santa dos primeiros colonos israelitas, que tiveram de enfrentar grandes dificuldades.

O ajuntamento dos "ossos" vem ocorrendo como segue. Em 1917, ano da Proclamação Balfuor, havia 25 mil judeus na Palestina. Esse número aumentou para 83 mil em 1922 e para trezentos mil em 1935, ano em que Hitler se fortalecia na Alemanha e não escondia o seu anti-semitismo.

Em 1937, a população israelita da Palestina já era de 430 mil. Dois anos depois a Inglaterra proibiu a entrada dos judeus na Terra Santa, deixando-os, dessa forma, à mercê dos nazistas. Em 1945, havia quinhentos mil, e três anos mais tarde, quando Israel proclamou sua independência, o número chegava a oitocentos mil. Em 1956, já eram 1,9 milhão [quando ocorreu a segunda guerra árabe-israelense]; em 1967, 2,8 milhões. Em 1973, 3,3; em 1983, mais de quatro milhões, e no final de 1998, cerca de seis milhões.

"Olhei, e eis que havia tendões sobre eles, e cresceram as carnes, e se estendeu a pele sobre eles; mas não havia neles o espírito" [v. 8, ARA]. Os "tendões" [ou nervos] indicam alianças políticas, militares, o renascimento da língua hebraica e a recuperação econômica, principalmente através dos *kibutzim*. *Kibutz* vem da mesma raiz do verbo hebraico "congregar", usado por Jeremias no versículo 10 do capítulo 31 de seu livro.

As "carnes" indicam as estruturas políticas que deram forma à nação em 1948, da mesma maneira como o reboco dá forma à parede.

A "pele" indica proteção e acabamento. Em 1948, faltava a Israel um exército organizado. Hoje, as forças

armadas israelenses estão entre as mais bem treinadas e equipadas do mundo. Basta dizer que na guerra-relâmpago de 1967 havia quarenta soldados árabes para cada soldado israelense, e Israel venceu! É evidente que as palavras divinas de Amós 9.15 se cumpriram: "Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o Senhor, teu Deus" (ARA).

Embora todos esses ossos estejam unidos, com tendões, carnes e pele, falta-lhes ainda a vida espiritual, prometida no versículo 14: "Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabelecerei na vossa própria terra. Então, sabereis que eu, o Senhor, disse isto e o fiz, diz o Senhor"(ARA).

Note que a palavra "Espírito" aqui, com inicial maiúscula, refere-se ao Espírito Santo, conforme Joel 2.28,29 e Atos 2.17,18. O povo de Israel somente será cheio do Espírito Santo quando se converter a Jesus no final do "dia da vingança do nosso Deus" (Is 61.2), ou seja, da Grande Tribulação, do "tempo da angústia para Jacó" etc., que culminará com a batalha do Armagedom no final do reinado do anticristo. (Veja estas passagens: Jeremias 30.7; João 3.36; Apocalipse 3.10; 7.14; 11.18.)

O profeta Oséias indica esse tempo glorioso, quando todo o Israel será salvo: "Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele despedaçou e nos sarará, fez a ferida e a ligará. Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia, nos ressuscitará, e viveremos diante dele" (6.1,2).

Os dois dias correspondem aos dois períodos mencionados em Isaías 61.2: o "ano aceitável do Senhor" — ou "o dia que fez o Senhor", de Salmos 118.24 — e o "dia da vingança do nosso Deus", ou seja, o vindouro período de tribulação. Israel só será levantado ao terceiro dia, no Milênio, e então viverá diante do Senhor.

Note que, no que diz respeito a Israel, cada "dia" é marcado por dois eventos: um no início e outro no fim. Assim, o primeiro dia começou com o

despedaçamento da nação, no nascimento da Igreja, e terminará com a cura do despedaçamento, que está ocorrendo em nossos dias e assinala o tempo do arrebatamento da Igreja.

O segundo dia, o dia da ira, começa com a ferida de Israel, no início do período de tribulação, e termina com a cura da ferida, no final da tribulação, quando Jesus virá em socorro do remanescente israelita, que se converterá. Então a nação ressuscitará espiritualmente no terceiro dia, o Milênio, e viverá diante dEle, de Cristo.

A Proclamação Balfuor

O retorno dos judeus à sua terra começou precariamente no século XIX, em conseqüência dos horrorosos pogrons praticados livremente contra esse povo nos guetos de centenas de cidades européias e principalmente na Rússia. Cada grupo de imigração era conhecido como *aliyah*, palavra que significa "subida", extraída da expressão bíblica "subindo para Jerusalém".

Em 2 de novembro de 1917, a Inglaterra inclina-se a favor do sionismo, através da declaração do ministro dos Negócios Exteriores do Governo Britânico, Balfuor, submetida ao Gabinete de Ministros daquele país e por ele aprovada. Esse famoso documento, responsável por tantas reviravoltas políticas em todo o mundo e principalmente no Oriente Médio, foi remetido ao Lorde Rotschild. Dizia ele:

> O governo de Sua Majestade encara favoravelmente o estabelecimento de um Lar Nacional para o povo judeu, na Palestina, e empregará todos os seus esforços para facilitar a realização desse objetivo, estando claramente entendido que não se falará nada que possa acarretar prejuízo aos direitos civis e religiosos das comunidades não judias da

> Palestina, bem como aos direitos e ao *status* político de que os judeus possam gozar em qualquer outro país.
>
> Agradecer-vos-ei levar esta declaração ao conhecimento da Federação Sionista.[13]

Animados por essa promessa, o movimento imigratório aumentou consideravelmente, em cumprimento à profecia bíblica:

> E removerei o cativeiro do meu povo Israel, e reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão pomares, e lhes comerão o fruto. E os plantarei na sua terra, e não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei, diz o Senhor, teu Deus. E vos tomarei dentre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. E dirão: Esta terra assolada ficou como jardim do Éden; e as cidades solitárias, e assoladas, e destruídas estão fortalecidas e habitadas [Am 9.14,15; Ez 36.24,35].

O castigo e o jubileu

Sirvo-me, em parte, dos cálculos feitos por Alex Wachtel, missionário nazareno em Jerusalém, o qual examinou o longo exílio dos judeus à luz do ano bíblico do jubileu. Segundo o mandamento divino, o israelita que tivesse perdido a sua propriedade e tivesse sido feito escravo, receberia novamente a liberdade e a restauração da sua terra após 49 anos, no jubileu.

Desde o ano 70 d.C. até o ano recente de 1948, quando Israel tornou-se de novo um Estado independente, houve um intervalo de 1878 anos. Israel obteve a posse de toda a terra apenas em 1957, e somente em 1981 o país passou a contar com uma população judaica suficientemente numerosa para sentir-se seguro contra

as nações vizinhas hostis. O período de tempo entre 70 e 1981 é de 1911 anos, começando com a destruição e dispersão, e terminando com a volta e a segurança.

Como somos um povo dirigido pela Bíblia, um precedente bíblico seria de grande ajuda. Dentro do cativeiro babilônico de setenta anos, há um período mais acentuado do exílio, que vai da destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, em 587 a.C., até o regresso do primeiro grupo de judeus, em 538 a.C. Esse período é de 49 anos, que também foi o tempo gasto na restauração de Jerusalém (Dn 9.25). Dividindo-se 1911 por 49, encontramos o número 39.

É interessante notar que o número máximo de açoites que um homem culpado podia receber era de quarenta (Dt 25.3). No tempo de Jesus, entretanto, esse número havia sido reduzido para 39 a fim de evitar que as autoridades, por erro de cálculo, quebrassem a lei.

Se levarmos em conta que o exílio para os judeus é sempre considerado na Bíblia como um castigo, então para cada ano que o judeu sofria em Babilônia, os judeus haveriam de sofrer, depois da destruição de Jerusalém pelos romanos, um castigo de 39 anos. Esse longo exílio repleto de sofrimentos revela quão profunda era a tristeza de Deus pelo fato de Israel haver rejeitado seu Filho e o levado à morte!

Wachtel conclui:

> No período de 1911 anos, vemos o número máximo de anos de escravidão e de separação da terra — multiplicado pelo máximo número de golpes que alguém poderia receber num castigo. Apropriadamente, os dois ensinos se acham no Antigo Testamento, e por isso falam com autoridade tanto para os cristãos como para os judeus.[14]

Há outros cálculos interessantes relacionados com o moderno Estado de Israel, feitos especialmente por Adam Clarke no início do século XIX e baseados no texto de Daniel 8.8,14, que afirma: "O bode se engrandeceu sobremaneira; estando, porém, na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado, e subiram no seu lugar quatro também notáveis, para os quatro ventos do céu. Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário será purificado" (EC).

O império grego, sendo o primeiro a unir três continentes, estendeu-se pelo Sul da Europa, pela parte ocidental da Ásia e pelo Nordeste da África. Mas estando na sua maior força, isto é, quando Alexandre estava no apogeu do seu poderio, "aquele grande chifre foi quebrado", ou seja, Alexandre o Grande morre repentinamente em 323 a.C., com a idade de 33 anos.

Entre os versículos 8 e 14 de Daniel está descrita a perseguição dos judeus por Antíoco Epifanes no século segundo antes de Cristo. Na segunda parte do versículo 17, entretanto, Gabriel diz a Daniel: "Entende, filho do homem, porque esta visão se realizará no fim do tempo" (EC). Clarke entende que essa passagem se refere não somente a Antíoco, mas também aos acontecimentos "do fim do mundo".

O primeiro cumprimento da profecia ocorreu 1.150 dias depois que o altar de Deus foi removido por Antíoco. Cada par de tarde e manhã corresponde, nessa interpretação, a um dia. (Ver nota na *Bíblia de Estudo Pentecostal*.)

Adam Clarke, entendendo também que as 2.300 tardes e manhãs poderiam referir-se a 2.300 anos, conforme sugere Ezequiel 4.6, comenta que se datarmos os anos desde o cumprimento da visão do bode (invasão da Ásia por Alexandre) em 334 a.C., contando 2.300 anos a partir dessa data, chegaríamos ao ano 1966 d.C., quando

o santuário seria purificado mediante a volta dos judeus à parte antiga de Jerusalém e à área do templo.

Considerando que o ano 1 a.C. é o ano de Roma 753, e o ano 1 d.C. é o ano de Roma 755, omitimos assim o ano zero, ou 754 de Roma, que deve ser interposto entre 1 a.C. e 1 d.C. Esse ano, acrescentado a 1966, nos daria 1967, ano em que de fato Israel obteve a sua maior vitória nas guerras contra os árabes, passando a ocupar os lugares mais sagrados de Jerusalém.

Israel proclama a independência

Apesar de todos os sofrimentos por que passou o povo israelita entre as nações, muitos judeus discordaram da criação do Estado de Israel, entre eles o famoso físico Albert Einstein. Em 1938, ele expressou seus temores diante do crescimento do nacionalismo judaico.

> Eu queria muito mais ver um acordo de paz com os árabes na base de uma vida em comum em paz do que a criação de um Estado judeu. Fora considerações práticas, meu conhecimento da natureza essencial do judaísmo resiste à idéia de um Estado judeu, com fronteiras, exército e uma certa quantidade de poder temporal, não importa quão modesto.
>
> Estou temeroso dos danos internos que o judaísmo sofrerá, especialmente os provenientes do desenvolvimento de um estreito nacionalismo dentro do Estado judeu. Já não somos mais os judeus do período macabeu! O retorno a uma nação no sentido político da palavra seria equivalente a voltar as costas à espiritualização de nossa comunidade, a qual devemos ao gênio de nossos profetas.[15]

Einstein não poderia perceber, como tantos outros judeus também não perceberam e ainda não percebem, que o renascimento de Israel como um país, longe de

ser um "voltar as costas à espiritualização", é exatamente um avanço do povo israelita rumo à futura espiritualização, pois o seu renascimento político precede o seu renascimento espiritual.

Esse aspecto espiritual do povo israelita não poderia estar ausente na Declaração da Independência, lida à nação no dia 14 de maio de 1948, no mesmo dia em que os britânicos deixavam o país e as nações árabes iniciavam a primeira guerra oficial não declarada ao novo Estado:

> Aqui se forjou sua personalidade espiritual, religiosa e nacional. Aqui tem vivido como povo livre e soberano. Aqui tem legado ao mundo o eterno Livro dos livros.

Mais adiante, afirma o histórico documento:

> Exortamos os habitantes árabes do Estado de Israel — ainda em meio à agressão sangrenta que se leva a cabo contra nós desde alguns meses — a manter a paz e a participar na construção do Estado, sobre a base dos plenos direitos civis e de uma representação adequada em todas as suas instituições provisórias e permanentes.
>
> Oferecemos a paz e a amizade a todos os países vizinhos e a seus povos, e os convidamos a cooperar com o povo judeu independente em seu país, na base da ajuda mútua. O Estado de Israel está disposto a colaborar no esforço comum para o progresso do Médio Oriente em sua totalidade.
>
> Chamamos o povo judeu de toda a diáspora a congregar-se em torno da população do Estado, e a ajudá-lo em suas tarefas de imigração e construção, e em sua grande empresa pela materialização de suas aspirações milenárias de redenção de Israel.
>
> Com a fé no Todo-poderoso, firmamos de nosso próprio punho e letra esta declaração, na sessão do Con-

> selho Provisório do Estado, sobre o solo da Pátria, na cidade de Tel-Aviv. Este dia, véspera de sábado, é 5 de Iyar de 5708 [14 de maio de 1948]. Seguem-se 38 assinaturas, encabeçadas pela do primeiro presidente, David Ben Gurion.[16]

Operação Tapete Mágico

Uma das mais extraordinárias operações de imigração dos tempos modernos realizou-se em 1948. Foi denominada Tapete Mágico, e transportou dezenas de milhares de judeus para Israel, todos procedentes do Iêmen, pequeno país situado na extremidade sul da Arábia, junto ao mar Vermelho.

A história desse povo é fascinante. Acredita-se que muitos deles tenham imigrado para o Iêmen nos dias do rei Salomão, e fontes fidedignas confirmam a continuidade deles naquele país desde os primeiros séculos do cristianismo.

Durante todo esse longo tempo, nunca viram um automóvel, um trem de ferro, um avião, a luz elétrica ou qualquer invento moderno. Toda a sua cultura consistia em saber de cor o Antigo Testamento. Também haviam copiado a Bíblia à mão, de Gênesis a Malaquias, da mesma maneira como faziam os escribas dos dias de Jesus. Quando cometiam qualquer erro, por menor que fosse, todo o manuscrito era inutilizado, e a tarefa recomeçada. A cópia tinha de ser absolutamente perfeita.

Enquanto viveram no Iêmen, esses israelitas sofreram todo o tipo de opressão. Por estarem sempre sujeitos às mudanças da política local, em algumas épocas a situação desses judeus foi comparada à dos escravos. Em 1846, por exemplo, eles foram obrigados a limpar os esgotos da cidade de Sana, enquanto em 1921 um decreto deter-

minava a conversão dos órfãos judeus ao islamismo. Como se isto não bastasse, não podiam vestir roupas finas nem usar meias; era-lhes proibido possuir armas e estudar a Torá fora da sinagoga. Era um verdadeiro milagre que conseguissem ganhar a vida como ourives, tecelões, ferreiros, marceneiros e mascates.

Nessas condições de pobreza geral e de repetidas humilhações, não é de admirar que os movimentos messiânicos florescessem, sendo reprimidos duramente pelos governantes da época; contudo, os pseudomessias continuaram a entusiasmar a população até o século XIX.

Os primeiros imigrantes do Iêmen que chegaram a Israel pareciam seres vindos de outro mundo. Em lugar nenhum, durante todo o exílio do povo judeu, as antigas tradições haviam sido preservadas tão fielmente como entre eles. Desde que os primeiros núcleos se estabeleceram no Iêmen, na época do Segundo Templo, ali viveram virtualmente isolados de qualquer influência cultural externa. Imprensados entre os conquistadores otomanos e a população árabe do Iêmen, foram excluídos por leis discriminatórias da sociedade muçulmana dominante.

> Porém, embora perseguidos pelo mundo exterior, dentro de suas comunidades mantinham com extraordinária pureza todos os ensinamentos e os hábitos transmitidos de pai para filho, desde os dias em que o Sinédrio tinha sua sede em Jerusalém.[17]

Ao tomar conhecimento da criação do Estado de Israel, em 1948, os dirigentes iemenitas organizaram um grande êxodo da Arábia para a Palestina.

> O primeiro-ministro de Israel, David Ben-Gurion, pediu auxílio ao governo americano, o qual enviou aviões comerciais ao porto de Áden, de onde, controlados pelos ingleses, levaram os judeus iemenitas à sua antiga pátria. O único meio possível para chegarem ao porto de Áden era a pé, e assim fizeram. Alguns deles caminharam 1.500 quilômetros através de desertos e montanhas. Em certas ocasiões, andaram debaixo de temperaturas escaldantes, noutras, sob temperaturas frígidas, muito abaixo de zero.
>
> O governo de Israel enviou pessoal e equipamento para filmar este grande êxodo. [...] Ouviam-se as crianças gritar por água, umas tropeçando, outras caindo, mas podiam-se ouvir também os rabis que, em tom vibrante e estranho, diziam: "Dai mais um passo, filhinhos! Nós vamos a caminho da pátria para encontrar o Messias". Dificilmente eles punham um pé à frente do outro, mas, mesmo tropeçando, prosseguiam.[18]

Ao chegarem a Áden e verem aquelas enormes "aves" enviadas pelo governo israelense para transportá-los à sua antiga terra, os judeus iemenitas se recusaram a entrar nelas. Então seus rabis leram a profecia de Isaías acerca do futuro retorno dos filhos de Israel, no capítulo 60, versículo 8, que diz: "Quem são estes que vêm voando como nuvens e como pombas, às suas janelas?"

Depois de explicarem que Deus os mandaria buscar e levar à pátria em asas de águias, os judeus iemenitas subiram resolutamente para os aviões, sem qualquer receio. Em 450 vôos, a operação Tapete Mágico transportou cerca de setenta mil israelitas, e muitos deles, ao chegar a Israel, beijaram o solo e perguntaram: "Onde está o Messias?"

O deserto floresce

Foi em circunstâncias as mais adversas que várias comunidades judaicas se instalaram na Terra Santa, principalmente a partir do final da Primeira Guerra Mundial, realizando, a duras penas, o sonho de Teodoro Herzl, um dos mais destacados pais da moderna nação de Israel. Através de congressos sionistas internacionais, os israelitas discutiram e lançaram as bases de sua futura pátria, muito embora a Inglaterra adotasse uma política egoísta e imediatista e fechasse os olhos aos seus compromissos assumidos em 1917, abandonando as populações judaicas da Palestina à sua própria sorte.

Além das dificuldades de ordem política, os imigrantes judeus, fugindo dos rotineiros massacres na Europa, tiveram de vencer tremendos obstáculos na Palestina. Subjugada durante séculos por povos estranhos, a Terra Santa se foi tornando pouco a pouco em um enorme deserto, a ponto de deixar perplexos os viajantes que a visitavam.

Os turcos fizeram recair sobre cada árvore um imposto, e os beduínos, que odiavam qualquer tipo de tributo, cortaram-nas uma a uma. E à medida que a vegetação desaparecia, as chuvas escasseavam e a desolação avançava, chegando mesmo aos lugares antes bem arborizados e onde outrora erguiam-se florescentes cidades. Era o cumprimento da Palavra de Deus, em Levítico 26.33: "... e a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas".

Foi exatamente na condição de terra assolada e de cidades desertas que os primeiros judeus encontraram a Palestina. Todavia, trabalhando diuturnamente nas condições mais desfavoráveis possíveis, os novos colonizadores plantaram dezenas de milhões de árvores e drenaram extensos pântanos através de um arrojado programa de

recuperação do solo, em que parte do rio Jordão foi desviada, até que o deserto começasse a florescer.

O crescimento dos desertos tem preocupado tanto nos últimos anos que a ONU criou a palavra *desertificação* especialmente para o fenômeno, e tem organizado conferências em várias partes do mundo, especialmente na África, onde o problema é mais grave e requer providências urgentes.

No meio de tanta preocupação internacional, Israel prova que nem tudo está perdido na luta contra o fantasma da desertificação. Desde que chegaram os primeiros colonos israelitas aos desertos da Palestina, parece que nada tem sido mais importante para Israel do que transformar desertos em florestas, pomares e jardins. Flores e frutos são abundantes no Neguebe e no restante do país, a ponto de esses produtos se tornarem importantes itens de exportação e geradores de divisas.

Mas, por que a imprensa em geral enfatiza tanto as terríveis conseqüências da expansão dos desertos do mundo e dá tão pouca atenção ao milagre da agricultura no deserto de Israel? A resposta é que as boas notícias não vendem tanto quanto as más, nem a ciência é mais interessante do que a política, especialmente em se tratando da política do Oriente Médio e da tendência anti-sionista dos meios de comunicação.

Segundo o professor Arieh Issar, diretor do Instituto de Pesquisa do Deserto (IPD), uma das tragédias básicas do deserto, atualmente, é que a questão é sócio-política. "Ninguém sabe melhor disso do que o israelense. Enquanto as árvores de pistacho crescem no Neguebe à base de dois copos d'água por ano, e os *kibutzim* usam água cujo limite de salinidade é quatro vezes maior do que era considerado o limite há vinte anos, a imprensa prefere concentrar-se nas sutilezas políticas".

O IPD, que tem sido um dos campi da Universidade Ben Gurion do Neguebe, está localizado em Nahal Zin, ao lado do *kibutz* Sde Boker, e ocupa grandes prédios modernos. Mas muito mais importante do que a bela arquitetura são os projetos de pesquisa desenvolvidos no instituto. "Os cientistas do deserto não vivem numa torre de marfim, nem o querem", afirma Issar. E acrescenta: "O instituto tem por trás de si uma filosofia definida. Não se pode reconstruir o deserto por controle remoto. Não se pode viver longe do deserto se existe interesse de se trabalhar com ele. É preciso ser parte dele, é preciso viver nele".

Muitos dos pesquisadores do instituto mudaram-se do Norte e do centro do país para Berseba, e todos eles sabem o que devem fazer: transformar o deserto em terreno adequado à agricultura, à indústria, à habitação e recreação. Afirmam os pesquisadores do IPD que há três maneiras de enfrentar o deserto. A primeira delas, geralmente adotada pelos Estados Unidos, é a tendência de impor o homem ao deserto. A segunda maneira é a dos beduínos, que vivem das sobras do deserto. A terceira maneira é a do israelense, que se torna parte do deserto, acentuando o seu equilíbrio ecológico e cuidando em não perturbá-lo.

Outra observação interessante que se pode fazer em relação aos desertos da Palestina é que, pelo menos naquela parte do mundo, a desertificação não pode ser atribuída ao clima, pois este não sofreu nenhuma mudança climática ecologicamente significativa nos últimos dez mil anos. Não havendo outra explicação razoável para o problema, resta a profecia de Moisés em Levítico 26.33: "Espalhar-vos-ei por entre as nações, e desembainharei a espada atrás de vós. A vossa terra será assolada, e as vossas cidades ficarão desertas" [EC].

Em virtude da grande necessidade de poupar água, Israel inventou e adotou um sistema de irrigação à base de borrifo ou respingo, o que lhe permite ser o pioneiro no uso da água salobra. Esta é fornecida diretamente à raiz da planta, limitando assim o grau de salinidade do solo.

Há, no deserto do Negueve, grandes depósitos naturais de água salobra, que estão entre cinqüenta e cem metros de profundidade e são renovados pelas nuvens. Por isso, muitas fazendas usam essa água na irrigação, às vezes mediante sofisticado sistema computadorizado, que controla a quantidade de água com referência a variáveis como temperatura, vento e secura do solo.

Esse sistema de irrigação à base de água salobra tem permitido ricas safras de tomates, beterrabas, trigo, melões, pepinos e melancias.

A restauração dos desertos de Israel é claríssimo cumprimento de muitas profecias, como estas: "Então farei que [...] sejam edificados os lugares desertos. Lavrar-se-á a terra deserta, em vez de estar desolada aos olhos de todos os que passam. Dir-se-á: Esta terra desolada ficou como o jardim do Éden" (Ez 36.33-35, ARA). Esta última frase profética tem sido repetida em nossos dias por tantos quantos visitam aquele país.

Realmente, as cidades antigas foram reconstruídas e habitadas, e a triste paisagem desértica foi substituída pelo verde alegre da natureza. Hoje, flores colhidas no Neguebe são congeladas e exportadas para as grandes cidades do mundo, e frutas israelenses alcançam as melhores cotações no mercado internacional.

3

Deus luta por Israel

Naquele tempo, os egípcios serão como mulheres, e tremerão, e temerão por causa do movimento da mão do Senhor dos Exércitos, porque ela se há de mover contra eles. E a terra de Judá será um espanto para o Egito (Is 19.16,17).

Embora a ONU tenha determinado a partilha da Palestina em dois Estados — Israel e Jordânia — os judeus tiveram de garantir o seu direito de propriedade da terra às suas próprias custas. A guerra começou no dia da partida dos britânicos, 14 de maio de 1948, e mais uma vez o pequeno "Davi" teve de defrontar-se com o "gigante Golias". Poucos

acreditavam que o novo Estado durasse duas semanas. Como poderiam setecentos mil judeus, mal armados, proteger cidades desguarnecidas contra mais de trinta milhões de ferozes inimigos equipados com o mais moderno material bélico?

Conta Meyer Levin que os comandantes árabes já escolhiam as casas de Tel-Aviv que pretendiam ocupar. Às tropas foram prometidos os despojos da guerra: mulheres e produto do saque.

> Nada disso aconteceu. Logo tornou-se evidente que na realidade os *kibutzim* (fazendas coletivas) estavam muito bem colocados, pois formavam uma cadeia de fortins na periferia de Israel. Os acampamentos da fronteiras dividiram-se para uma ação final. As crianças foram enviadas ao interior do país. Os colonos cavaram redutos subterrâneos [...]
>
> Uma história clássica de defesa é a de Negba, no caminho egípcio, no Negueve. O novo *kibutz* não passava de uma fileira de cabanas à volta de uma torre para água feita de concreto armado, em pleno deserto [...] Foi construída uma completa fortaleza subterrânea, com cozinha, casamatas e um hospital; assessorado por um médico e quatro enfermeiras. Totalmente cercados pelo inimigo, abastecidos apenas pelos "Piper Cubs", todos os edifícios da superfície arrasados, os defensores de Negba resistiram durante meses e saíram vitoriosos.
>
> Seis mil bombas caíram sobre Negba em um único dia, antes do ataque, na madrugada de 2 de junho, quando apareceram sete tanques egípcios, seguidos por sete carros blindados e dois mil homens. Um par de "Spitfires" tripulados por árabes roncavam sobre suas cabeças; um deles foi abatido a tiros de fuzil.
>
> Esperando que os tanques chegassem a uma distância de 200 jardas, os colonos acionaram sua única bazuca.

O primeiro tiro pôs um tanque fora de combate. Dois tiros se perderam. Os dois tiros restantes atingiram um tanque cada. Um outro tanque, a cinco jardas dos defensores, atingidos por granadas de mão explodiu. Dois outros bateram em minas. O último fugiu. Chegou então a infantaria, e a batalha durou cinco horas.

As perdas foram pesadas, mas Negba agüentou firme. Os colonos saíam à noite arrastando-se para regar suas mudas. Sua resistência ultrapassou os limites da bravura. Isto foi explicado na frase de guerra *"ein brayra"* que significa "não há escolha". Os judeus não tinham para onde bater em retirada.[19]

Barril de pólvora

Batidos vergonhosamente em todas as frentes de batalha pelo minúsculo mas heróico povo israelita, os países árabes consolavam-se uns aos outros dizendo que haviam perdido a batalha, mas não a guerra. Esta, realmente, transferiu-se dos campos da Palestina para as tribunas das organizações internacionais, de onde a nova nação judaica foi alvo das maiores intrigas e ameaças por parte dos seus inimigos feridos e humilhados.

Acreditando na feroz ameaça de seus irmãos de sangue, muitos árabes residentes em Israel, ao iniciar-se o conflito de 1948, abandonaram o país para que os judeus fossem varridos e exterminados. Porém, como tal não ocorreu, esses deslocados foram mantidos fora de Israel para fins de propaganda política.

Confinados numa área designada pelas Nações Unidas, os refugiados foram alimentados diuturnamente por uma ardilosa campanha anti-semítica e explorados ao máximo pelos inimigos do Estado judeu. Nasser, o co-

ronel egípcio que se rendeu em 1948 no mesmo local onde Golias caiu diante de Davi, apoderou-se do governo do Egito e tentou unir o seu povo pelo ódio aos judeus, como fizera Hitler na Alemanha. Ele instigou seus irmãos refugiados, e desses campos grupos assassinos treinados, chamados *fedaym'*, foram enviados ao território de Israel para destruir e matar.

Enquanto se multiplicavam os atentados à soberania do novo Estado e à vida de seus cidadãos, agravava-se a guerra fria. As potências mundiais, extremamente dependentes dos recursos petrolíferos da Mesopotâmia, deixaram-se envolver cada vez mais no problema palestino, sugerindo soluções para a paz e ao mesmo tempo procurando consolidar sua influência na região, através de vasto fornecimento de modernos equipamentos militares.

Dessa maneira, a situação na Terra Santa transformou-se num perigoso barril de pólvora.

Em 1956, todo o ódio árabe, alimentado dia a dia desde 1948, transbordou. Nasser apoderou-se do canal de Suez e ameaçou Israel. Já por diversas vezes gritara ele que haveria de vingar sua derrota de 1948, empurrando os judeus até o mar. Mas o primeiro-ministro Ben-Gurion resolveu atacar primeiro, numa rápida e fulminante campanha. E os israelenses, comandados por Moshe Dayan, limparam o Sinai, localizando e destruindo as bases inimigas, onde encontraram vastos depósitos de armas russas.

Seis dias gloriosos

As derrotas de 1948 e 1956 não bastaram para que os povos árabes aceitassem a realidade inegável da existência de Israel como nação e de sua firme determinação de manter a independência do país mesmo às custas de enormes sacrifícios.

Armados pelas grandes potências e estimulados por seus governos belicosos, os árabes, liderados pelo ditador egípcio Gamal Abdel Nasser, planejaram e tentaram, em junho de 1967, a destruição do Estado judaico. Foram seis dias de medo e apreensão em todo o mundo, de terrível surpresa e humilhação para os invasores e de grandes e inesquecíveis glórias para a jovem nação israelense.

Em 26 de maio de 1967, Nasser assustou o mundo com uma arrogante ameaça: "Nosso objetivo básico é destruir Israel". Falava na qualidade de comandante supremo das numerosas e bem armadas forças árabes. Mas os seus ambiciosos intentos, perfeitamente praticáveis do ponto de vista da lógica humana, não foram alcançados. Os soldados judeus, constituindo talvez o mais eficiente exército do mundo, enfrentaram heroicamente os inimigos, destroçaram por completo o seu moderníssimo equipamento bélico e ampliaram, para quase quatro vezes, o território de seu país.

Os prejuízos sofridos pelos árabes, em preciosas vidas humanas e em caríssimo armamento, foram deveras impressionantes. Nos seis dias de guerra, morreram dez mil egípcios, 15 mil jordanianos e milhares de sírios, iraquianos e combatentes de outros países. Somente o Egito perdeu quatrocentos aviões, seiscentos tanques e milhares de peças de artilharia, munições, armas leves e veículos, superando o valor de um bilhão e meio de dólares! Em toda a guerra apenas setecentos soldados judeus perderam a vida.

> Como a maioria das guerras, a de junho de 1967 foi conseqüência de estimativas mal feitas por vários dos implicados. Se houve alguma responsabilidade pelas grandes perdas infligidas aos árabes, ela é inteiramente dos soviéticos. Foram os soviéticos que incitaram os árabes a movimentos perigosos.[20]

Como resultado de mais esse confronto bélico, Jerusalém passou inteiramente para o domínio israelita no dia 8 de junho. A sua reunificação pôs termo a uma série de restrições impostas pelas autoridades jordanianas aos cristãos, como:

1. proibindo a aquisição de terras na cidade ou em seus arredores;
2. obrigando os membros da Irmandade do Santo Sepulcro a se tornarem cidadãos jordanianos, sendo eles gregos desde o sexto século;
3. exigindo dos cristãos a guarda dos dias de repouso semanal dos muçulmanos;
4. abolindo as isenções de impostos a que tinham direito as instituições cristãs.

Sob o domínio israelense, Jerusalém tornou-se uma cidade aberta, onde há liberdade de culto para todas as religiões, e onde o progresso está presente em todos os setores de sua vida. A cada ano, um número cada vez maior de turistas visitam a cidade. Sua população fixa, que era de 165 mil em 1948 e de apenas 261 mil em 1967, subiu para perto de quinhentos mil em 1999, considerando-se toda a área da Grande Jerusalém.

O empenho do governo em proteger os lugares sagrados de Jerusalém pode ser notado em uma lei aprovada em 27 de junho de 1967, segundo a qual os santos lugares seriam protegidos contra qualquer violação, assim como contra qualquer intento de dificultar aos membros das diversas religiões a liberdade de acesso aos lugares que lhes são sagrados ou pelos quais sentem veneração. A profanação dos santos lugares seria punida com até sete anos de prisão.

Tanto antes como durante a Guerra dos Seis Dias, a então União Soviética empenhou-se vigorosamente pela vitória árabe. Aos inimigos de Israel ela forneceu armas e munições em abundância, orientou o seu uso e finalmente empurrou-os para o desastre. Mas a União Soviética não esperava a derrocada de seus aliados e protegidos, e teve de suportar vergonhosamente essa dura realidade. Moral e psicologicamente, ela também sofreu o revés da guerra.

"Proibido para judeus"

Em decorrência da gigantesca campanha empreendida pelos aliados dos países árabes após a derrota destes em 1967, com o fim de obrigar os judeus a um recuo em suas fronteiras de segurança, o jornalista norte-americano Eric Hoffer publicou o seguinte artigo no *Los Angeles Times*:

> Os judeus são um povo singular: coisas permitidas a outras nações são proibidas aos judeus. Outras nações expulsam milhares de pessoas e ninguém fala de um problema de refugiados. A Rússia o fez; a Polônia e a Checoslováquia também; a Turquia expulsou um milhão de franceses; a Indonésia mandou embora não se sabe exatamente quantos chineses. E ninguém disse uma palavra sobre refugiados.
>
> Mas no caso de Israel, os árabes deslocados tornaram-se eternos refugiados. Todo o mundo insiste em que Israel deve trazer de volta cada árabe. Arnold Toynbee considera o deslocamento dos árabes uma atrocidade maior do que as que foram cometidas pelos nazistas.
>
> Outras nações, quando vitoriosas no campo de batalha, ditam os termos da paz. Mas quando Israel vence, deve clamar pela paz. Todo mundo espera que os judeus sejam os únicos verdadeiros cristãos deste mundo.

> Outras nações, quando derrotadas, sobrevivem e se recuperam. Mas se Israel tivesse sido derrotada, teria sido destruída. Se Nasser tivesse vencido em junho do ano passado (1967), ele teria varrido Israel do mapa e ninguém teria levantado um dedo para salvar os judeus. Nenhum compromisso dos judeus com qualquer governo, incluindo-se o dos Estados Unidos, valeu o papel em que foi escrito.
>
> Há uma grita geral em todo o mundo contra o ultraje quando pessoas são mortas no Vietnã ou quando dois negros são executados na Rodésia. Mas quando Hitler assassinou os judeus ninguém protestou. Os suecos, que estão prontos a romper relações com os Estados Unidos por aquilo que é feito no Vietnã, não se mexeram quando Hitler assassinava judeus. Mandaram para Hitler minério de ferro da melhor qualidade, além de rolamentos, e abasteceram seus trens de tropas que se dirigiam para o Noroeste.
>
> Os judeus estão sozinhos no mundo. Se Israel sobreviver será exclusivamente por causa dos esforços judeus. E dos recursos judeus [...][21]

Pela sua eloqüência, a opinião de Eric Hoffer dispensa comentários e expressa uma realidade que já não pode ser negada. Israel precisa viver! Mas acerca desse isolamento de Israel, escreveu um jornalista judeu:

> No curto período de nossa história nacional, nós nos acostumamos à idéia de que estamos mais ou menos isolados dentro da família das nações.
>
> Tão logo a cortina se ergueu, os ingleses nos traíram, por uma questão de tradição; depois, foram os russos que passaram para o outro lado do corredor; os franceses nos jogaram um embargo nas costas assim que sentiram uma inebriante aragem de petróleo bruto; e os alemães esfriaram consideravelmente, tão

> logo compreenderam as vantagens inerentes à derrota militar. Quem mais?
>
> U Thant nos odiou até a medula dos nossos ossos desde o princípio, por causa de nossas pequenas dimensões, e quanto aos nossos amigos norte-americanos, o ardor deles arrefece assim que as eleições presidenciais se encerram. [...] E agora só nos restam os judeus do mundo.[22]

Assombro e milagre

As espetaculares vitórias dos judeus têm sido um assombro para o mundo. Como pode uma pequena nação, habitada por menos de três milhões de pessoas, levar à bancarrota nada menos que 14 países aliados, com uma população superior a cem milhões?

Nenhuma resposta, fora da Bíblia Sagrada, pode satisfazer plenamente a razão humana. A Palavra de Deus fala com uma clareza meridiana dos últimos sucessos israelenses no Oriente Médio:

> E os plantarei na sua terra, e não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei, diz o Senhor, teu Deus (Am 9.15).
>
> Naquele tempo, os egípcios serão como mulheres, e tremerão, e temerão por causa do movimento da mão do SENHOR dos Exércitos, porque ela se há de mover contra eles. E a terra de Judá será *um* espanto para o Egito; todo aquele a quem isso se anunciar se assombrará, por causa do propósito do SENHOR dos Exércitos, do que determinou contra eles (Is 19.16,17).

Nesses dois textos, a Palavra de Deus afirma que os judeus seriam plantados na sua terra, de onde não seriam mais arrancados, e que os egípcios seriam como mulheres diante de Israel. Quão à risca essas palavras têm sido

cumpridas! O medo dos soldados egípcios diante do exército israelense tem sido tão grande que, muitas vezes, os judeus não encontraram a mínima resistência.

Antes da Guerra dos Seis Dias, em 1967, o otimismo dos árabes era evidente e se manifestava nos discursos de seus chefes. Nasser, discursando a 29 de maio daquele ano, portanto uma semana antes do início do conflito, afirmou solenemente:

> O povo árabe tem que lutar. Esperamos o dia propício para estar plenamente preparados. Agora nos sentimos bastante fortes e, se entrarmos na batalha contra Israel, Deus nos ajudará e haveremos de triunfar. Com esta certeza decidimos dar os passos atuais.[23]

> "Atingimos o estágio crucial da guerra", alardeava a rádio do Cairo. A rádio de Amã advertiu os israelenses: "É melhor fugir agora, enquanto não chegamos. Vocês sabem como os árabes exercem a sua vingança. Vocês serão todos mortos; portanto, é melhor abandonar o país agora, enquanto ainda há tempo".[24]

Nada disso ocorreu. Aluf Shlomo Goren, principal capelão do exército israelita, redigiu uma prece para os soldados judeus recitarem antes dos combates, baseada em passagens bíblicas:

> Ouve, ó Israel, hoje vos achegais à peleja contra os vossos inimigos; que se não amoleça o vosso coração; não temais nem tremais, nem vos aterrorizeis diante deles; pois o Senhor vosso Deus é quem vai convosco, a pelejar contra os que pelejam contra mim. Pega do escudo e da rodela, e levanta-te em minha ajuda. Porque eis que teus inimigos se alvoroçam, e os que te aborrecem levantaram a cabeça. Astutamente formam conselho contra o teu povo, e conspiram contra os teus protegidos.

Os judeus foram vitoriosos e muitos voltaram do campo de batalha convertidos e relatando os milagres que tinham visto com os próprios olhos. Um jornal cristão de Jerusalém publicou alguns desses milagres, salientando que, de maneira estranha e inexplicável, centenas de tanques e canhões inimigos nem sequer chegaram a entrar em ação; muitos aviões de combate egípcios não estavam preparados, apesar do alerta total; o radar não funcionava devidamente e, por vezes, o alarme dos ataques aéreos só era ouvido quando as fortalezas voadoras de Israel já haviam atingido os seus objetivos e regressavam ilesas às suas bases.

Muitos soldados contaram que, em situações difíceis, quando já não havia nenhuma possibilidade de sobrevivência, "um varão de branco apareceu por alguns segundos entre as fileiras, e os egípcios, tomados de repentino assombro, fugiram em debandada".

Alguns pára-quedistas que partiram com a missão de desalojar o inimigo de uma posição estratégica chegaram ao local como turistas, porque os egípcios fugiram sem disparar um só tiro!

> Em Sharm-el-Sheik, dois pára-quedistas israelenses depararam-se com um enorme tanque egípcio do qual sobressaíam as cabeças de dois soldados. "Por que será que eles não nos matam?" pensei. "Ou será uma emboscada? Mas por que fazer uma emboscada, se nos vêem perfeitamente?" O meu companheiro e eu nos movíamos vagarosamente, cuidadosamente, em direção ao tanque — mas os dois soldados que o tripulavam não se mexiam; pareciam rígidos. "O que será? Que aconteceu?"
>
> Contamos 18 soldados egípcios dentro daquele tanque, e todos estavam vivos e com saúde — e todos eles levantaram as suas armas em rendição! O tanque estava cheio de armas, canhões carregados e prontos a semear a morte e a destruição. Perguntamos aos soldados por que

> é que não disparavam. "Não podemos explicar", responderam eles. "Quando vimos os soldados israelitas, as nossas mãos ficaram paralisadas — não pudemos mover os dedos — e um medo terrível se apossou de nós. E é só".[25]

O jovem judeu Abraham Eliezer, cristão evangélico, que serviu nessa guerra, testifica:

> Antes da Guerra dos Seis Dias, um homem idoso andava pelas ruas de Jerusalém predizendo exatamente o que se iria passar e o dia em que o conflito principiaria. Ele declarou que o Deus de Israel está vivo e que prometeu estar com o seu povo durante a batalha. A profecia cumpriu-se literalmente. Deus lutou por Israel na Guerra dos Seis Dias, pois de outra forma nunca poderíamos vencer, tal a desproporção dos exércitos em cena.
>
> Depois da guerra, alguns dos meus companheiros disseram-me que as nossas forças haviam avançado com tanta rapidez, em determinada zona, que tomaram um campo de aviação egípcio na península do Sinai, antes de os aliados árabes telefonarem para o campo oferecendo aviões de combate argelinos. O nosso oficial respondeu em egípcio, permitindo a aterragem dos aviões. Todos eles foram imediatamente capturados.
>
> O mais interessante — continua Abraham Eliezer — ocorreu na campanha do Sinai com os militares egípcios feitos prisioneiros. Perguntamos a um veterano de guerra egípcio por que motivo desistiram eles com tanta facilidade. Respondeu-nos que tanto ele como seus companheiros tinham visto anjos ao lado dos israelitas. Verdadeiramente Deus interveio em defesa da minúscula nação israelense.

A respeito dos inúmeros aparecimentos de objetos voadores não identificados (óvnis), por ocasião das ba-

talhas entre judeus e árabes na Palestina, não deixa de interessar a afirmação de Robert Barry, chefe da divisão de divulgação e diretor do escritório sobre óvnis, num programa de rádio de Yoe, Pensilvânia, EUA, sob o título "A invencibilidade de Israel e dos óvnis":

> Deus e seus óvnis, dirigidos por anjos pilotos, ajudaram Israel na vitória sobre os árabes nas quatro guerras de 1947, 1956, 1967 e 1973.

De fato, a imprensa divulgou que, durante as guerras árabe-israelenses, grande número desses estranhos objetos foram observados no ar, provocando o pânico entre as tropas árabes. Barry conta que mil soldados egípcios se entregaram a cem opositores porque se viram rodeados por milhares de israelenses e por dez tanques.

Os milagres realmente aconteceram no Oriente Médio, em razão da presença ali do povo de Israel. Mesmo não aceitando a informação de que os óvnis realmente existam e sejam pilotados por anjos, temos de reconhecer que houve, de fato, a ocorrência de coisas espantosas em favor dos israelitas, facilitando-lhes as vitórias em todos os campos de batalha.

O fortalecimento e florescimento de Israel é hoje uma realidade incontestável e assinala, como o relógio de Deus, a proximidade da vinda de Jesus.

Deus guerreou por Israel

E na guerra do Yom Kipur (Dia do Perdão) não aconteceu diferente. Mesmo atacados de surpresa, os judeus assumiram o controle completo da situação, e quase se apoderaram do Egito, não fosse o cessar fogo decretado às pressas pelas Nações Unidas, por insistência do próprio Egito e de seus aliados.

Segundo cálculos do Instituto Estratégico Internacional, sediado em Londres, egípcios e sírios perderam nessa guerra o total de 22 mil homens, tendo o Egito 15 mil mortos e 45 mil feridos, e a Síria, sete mil mortos e 21 mil feridos. Israel teve 2.812 mortos e 7.500 feridos.

A mesma fonte dá conta de que os sírios empregaram entre novecentos e 1.200 tanques e cerca de 45 mil homens contra um destacamento israelense de apenas 4.500 homens e 180 tanques no Golã! Na frente egípcia, a Linha Barlev tinha seiscentos homens apoiados por uma brigada motorizada e cerca de 240 tanques. As perdas em tanques foram, para os lados: oitocentos israelenses, 650 egípcios e seiscentos sírios. E em aviões: 106 israelenses, 185 sírios e 230 egípcios.

Outra fonte informou que, nessa guerra, o Egito lançou setecentos mil homens na batalha, assessorados por 2.500 tanques, 650 aviões e 150 baterias de mísseis antiaéreos. E, apesar de todo esse gigantesco aparato militar, foram duramente batidos.

Levando em conta todo o esforço bélico dos árabes e mais o fator surpresa, muita gente afirmou que só um milagre poderia salvar Israel. E o milagre aconteceu. O surpreendente resultado dessa e de outras guerras entre árabes e israelenses não pode ser atribuído somente ao treinamento rigoroso dos batalhões e à eficiência das armas de Israel.

A expansão territorial

A instalação de várias colônias judaicas nos territórios ocupados por Israel, nas últimas guerras, vem trazendo complicações internacionais certamente já previstas pelo governo israelense, pois está sendo considerada uma afronta aos planos de paz na região só poder ser "discutida" após o recuo do Estado judeu às suas linhas demarcatórias de 1948.

Israel defende a necessidade de fronteiras seguras para seu país e suas últimas mudanças políticas vie-

ram reforçar ainda mais essa posição. Atraiçoado várias vezes por seus vizinhos, abandonado por seus aliados e mais de uma vez deixado à sua própria sorte pelos organismos internacionais, o país hebreu sabe dos riscos que corre e por isso mesmo age segundo o seu próprio critério de segurança.

Mas existe outro aspecto do problema palestino, quase sempre desconhecido e negligenciado pelas grandes potências: a escatologia bíblica. Em realidade, a Bíblia não é compulsada pelos políticos em busca de uma resposta aos mistérios que envolvem a descendência de Abraão. Como justificar a sobrevivência desse povo perseguido durante tantos séculos e o seu retorno à Terra Santa, senão pela ação de um Deus eterno?

E, para tornar em fato histórico o que prometeu, Deus se serve até mesmo dos inimigos do seu povo, como aconteceu após a Segunda Grande Guerra. A União Soviética, tradicional opressora de três milhões de judeus radicados em seu território, movimentou-se diplomaticamente pela criação do Estado judeu na Palestina, e esse Estado nasceu num só dia, 29 de novembro de 1947, por deliberação da Assembléia Geral da ONU, presidida pelo chanceler brasileiro Osvaldo Aranha. Cumpria-se Isaías 66.8: "Pode, acaso, nascer uma terra num só dia?" [ARA].

Como é sabido, a intenção russa na ocasião era a de estabelecer no Oriente Médio uma base de influência via Israel, mas foi frustrada. Então voltou-se para os árabes, armou-os e os empurrou para sucessivas guerras contra os judeus, resultando na ampliação territorial destes em prejuízo daqueles. O povo judeu, amado por Deus por causa das promessas, nunca mais será arrancado da sua terra.

Mas a colonização israelita dos territórios tomados aos árabes não deve ser encarada apenas do ponto de

vista da segurança do país judaico, pois tem raizes na profecia bíblica. A terra dada por Deus aos filhos de Israel nunca foi por estes ocupada em toda a sua plenitude. Ela é ainda mais extensa do que a atual área sob o domínio israelense, conforme Deuteronômio 1.7.

A Palavra de Deus não falha!

4

Gogue e seus Aliados

Então, subirás, virás como uma tempestade, far-te-ás como uma nuvem para cobrir a terra, tu e todas as tuas tropas, e muitos povos contigo (Ez 38.9).

Um dos grandes paradoxos do século XX foi, sem dúvida, a atitude da Rússia de empenhar-se, como nenhuma outra nação, em favor dos interesses do povo de Israel.

Logo após o término da Segunda Grande Guerra, delegados da então União Soviética, numa febril atividade, convenceram o maior número possível de países a votarem a favor da criação do Estado judeu na Palestina. Graças em grande parte ao

apoio da Rússia, Israel nasceu como país em 29 de novembro de 1947 por deliberação da ONU, mediante a votação a favor de 33 a 13. Presidia a Assembléia Geral o chanceler brasileiro Osvaldo Aranha.

A criação do Estado de Israel cumpriu uma profecia de Isaías, que diz: "Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisas semelhantes? Poder-se-ia fazer nascer uma terra em um só dia? Nasceria uma nação de uma só vez? Mas Sião esteve de parto e já deu à luz seus filhos" (Is 66.8).

O estranho comportamento dos comunistas em favor dos judeus não poderia passar despercebido. Várias conjecturas vieram à tona e muitas perguntas foram feitas em todo o mundo sobre o que estaria pretendendo a superpotência vermelha.

As suspeitas eram perfeitamente procedentes, uma vez que os judeus, por sua secular tradição religiosa, sempre foram considerados, dentro e fora da "cortina de ferro", inimigos declarados do regime ateísta de Moscou. Nessas condições, eles foram alvo do ódio comunista, muitas vezes extravasado em sangrentos massacres.

Fiéis à sua antiga fé, as comunidades israelitas da União Soviética constituíam sério entrave ao programa de comunização do país, razão pela qual V. Stepanov, tradutor de Marx e um dos mais destacados líderes revolucionários, assim determinou as diretrizes a serem seguidas pelo governo, tão logo a revolução bolchevista assumiu as rédeas do poder na Rússia:

> Precisamos lutar contra o padre, seja ele denominado pastor, abade, rabino, *mullhah* ou papa. De certa época em diante esta batalha deve se transformar em luta contra Deus, seja ele denominado Jeová, Jesus, Buda, ou Alá.[26]

Que pretendia a Rússia comunista ao favorecer os judeus? Que secreto objetivo teria a superpotência ateísta, cujos planos não eram nada menos que dominar todo o mundo?

Segundo Moshe Sné — um dos sionistas fundadores do Estado de Israel —, a política externa soviética, ao final da Segunda Grande Guerra, estava longe de significar uma tolerância para com o povo judeu.

> Naquela época (1948), em que a União Soviética proporcionou ao jovem Estado de Israel, cercado de inimigos, todo seu apoio político e moral, inclusive até o fornecimento de armas e encaminhamento de *aliyá* (via Checoslováquia e Polônia) — perpetrou-se o terrível assassínio de escritores judeus soviéticos e caiu o machado sobre a vida cultural da coletividade judaica na URSS [...]
>
> O apoio à criação do Estado de Israel e sua posterior defesa contra os invasores harmonizavam-se inteiramente com os propósitos políticos da URSS, com vistas à primeira abertura de sua posição no Mediterrâneo como grande potência.
>
> Não obstante, ao mesmo tempo, Stalin, Béria e seus comparsas temiam que o apoio ao Estado de Israel pudesse ser interpretado pelos judeus russos como sinal verde à intensificação e ao cultivo da simpatia ou de quaisquer laços com o novo Estado judeu e com o povo judeu espalhado pelo mundo, num instante em que a guerra fria ainda se encontrava no auge, o que fazia com que qualquer contato de um cidadão soviético com o estrangeiro o tornasse suspeito desde o início como traidor, espião ou agente do inimigo.[27]

O malogro da política russa

O testemunho insuspeito de Moshé Sné — em virtude de suas atividades pró-comunistas e tentativas de aproximação com o Kremlin — mostra que o comportamento da URSS, na época, correspondia a mais uma tentativa visando aos seus próprios interesses nacionais, uma vez que o sonho da expansão russa rumo ao Levante, que vem desde a época czarista, sempre foi frustrado pelas potências ocidentais, notadamente pela Grã-Bretanha.

O interesse russo na Palestina foi aguçado no início do século XX com a descoberta dos vastos lençóis petrolíferos e das facilidades da navegação propiciadas pela rota do canal de Suez. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, surgiu então a esperada oportunidade para os russos, e eles apegaram-se a ela com o maior entusiasmo possível. Num mundo mergulhado na miséria e no feudalismo, como era o Médio Oriente, Israel despontava como uma nação moderna e, acima de tudo, simpática à URSS e à sua causa, pois já era sobejamente conhecida a inclinação socialista dos líderes e fundadores do Estado israelita.

Os *kibutzim* eram modelos de organizações soviéticas e muitos políticos de influência em Israel manifestavam publicamente sua tendência esquerdista. Além disso, a Inglaterra, que sempre constituiu o maior obstáculo à penetração russa no Oriente Médio, tornara-se detestada pelo Estado judeu em virtude de sua política anti-sionista na região.

Todavia, malogrou a política russa em relação a Israel, e esse malogro levou os russos a procurarem vingar-se por mãos de terceiros. Aproveitando-se de um lamentável erro de cálculo das potências ocidentais, ao negarem ao Egito a ajuda militar que este solicitava, os russos penetraram e ampliaram sua influência na região

através de fornecimento de sofisticado equipamento militar aos inimigos do Estado hebreu.

Em 1972, quando os milhares de assessores e conselheiros militares russos foram expulsos do Egito pelo presidente Sadat, eles procuraram transferir suas cabeças-de-ponte para outras nações, principalmente Síria, Iraque e Líbia.

Identificando Gogue e seu bando

> Filho do homem, dirige o rosto contra Gogue, terra de Magogue, príncipe e chefe de Meseque e de Tubal, e profetiza contra ele. E dize: Assim diz o Senhor JEOVÁ: Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe *e* chefe de Meseque e de Tubal. E te farei voltar, e porei anzóis nos teus queixos, e te levarei a ti, com todo o teu exército, cavalos e cavaleiros, todos vestidos bizarramente, congregação grande, *com* escudo e rodela, manejando todos a espada; persas, etíopes e os de Pute com eles, todos *com* escudo e capacete; Gomer e todas as suas tropas; a casa de Togarma, *da* banda do Norte, e todas as suas tropas, muitos povos contigo (Ez 38.2-6).

Sugerimos ao leitor o exame de todo o texto compreendido pelos capítulos 38 e 39 de Ezequiel.

A descrição que o profeta faz dessa futura invasão talvez se ressinta da profunda impressão deixada pela invasão dos citas em 630 a.C. Procedentes do norte, eles devastaram como um turbilhão as antigas civilizações mesopotâmicas e siríacas, mas acabaram aniquilando-se em virtude de seu próprio esforço desordenado.

Como Ezequiel escreveu as suas profecias cerca de sessenta anos depois da invasão cita e como nenhum outro evento ocorreu no passado que sugerisse o cumprimento de tais predições, não temos alternativa senão aceitar como o mais razoável que se trate efetivamente

de acontecimentos projetados numa extrema distância, no fim dos tempos. Seriam, então, textos escatológicos contextualizados com as predições apocalípticas (20.7) de grandes e misteriosas batalhas que deverão preceder o final da história.[28]

Antônio Neves de Mesquita identifica os povos mencionados por Ezequiel como descendentes de Jafé:

> Magogue, Tubal e Meseque são mencionados por Ezequiel, e seus nomes correspondem aos de Mogul, Mongólia, Tobolski, Moscou e Moscovi.[29]

Um reino de trevas

Entre os lexicógrafos modernos, é opinião corrente que a Rússia representa hoje a antiga *Rosh*, pois essa palavra, que nas versões modernas aparece como *chefe*, no original hebraico é *rosh*.

> Em súmere — afirmam os teólogos — Gogue significa *trevas* e nos soaria bem tão expressivo nome dos típicos inimigos do povo de Deus. Magogue deveria ser decomposto em *Mãtu* (*terra* ou *região*) e *Gogue*: *a terra das trevas*. Entretanto, são mencionados na relação dos povos vizinhos de Moscou e Tubal (Gn 10.2), um país e um povo de Magogue. Aqui, abstração feita dos dados geográficos e nacionais, os referidos povos se nos apresentam como os derradeiros inimigos de Israel, como no Apocalipse, quais últimos opositores de Cristo e dos seus fiéis.[30]

É fato incontestável que em nenhum país do mundo tenha havido tanta treva espiritual como na Rússia, onde durante cerca de oito décadas a saudação comunista tenha sido "o punho fechado e levantado contra o

céu, em desafio a Deus" [D. M. Panton], e onde cristãos de diversas confissões foram cruelmente martirizados. Somente a Igreja Ortodoxa venera como mártires 58 bispos e mais de mil padres, mortos sob o comunismo russo antes de 1923. E que falar dos milhões de evangélicos que ali sofreram ou foram martirizados por causa da sua fé? E que falar dos milhares de judeus vítimas dos pogrons livremente realizados na Rússia entre 1871 e 1921?

O pastor luterano Richard Wurmbrand, que passou 14 longos anos em cadeias comunistas e que possui em seu corpo as marcas das torturas que sofreu por não denunciar os nomes dos crentes secretos, conta o seguinte:

> Experimente colocar uma colher bem cheia de sal em sua boca e então engula o sal. Depois disto, espere uma hora para tomar água. Você não agüenta. É insuportável. Entretanto, quatro colheres cheias de sal foram colocadas em nossas bocas e não nos foi dada água nenhuma. Crentes foram presos a cruzes por quatro dias e quatro noites. Duas vezes por dia as cruzes eram baixadas até o chão e os outros prisioneiros eram obrigados a fazerem as suas necessidades fisiológicas sobre as faces e corpos dos crucificados. Então as cruzes eram levantadas novamente e os comunistas ao redor delas, zombando diziam: "Vejam o seu Cristo, ele traz o perfume celestial".[31]

O testemunho da arqueologia

Parece providencial que aqueles nomes bíblicos tenham sido conservados, pelo menos em suas raízes, durante tantos séculos, desde que os descendentes de Jafé habitaram a região localizada ao norte da Palestina.

Um estudioso do assunto assim comenta a profecia de Ezequiel 38:

> A tradução grega do Antigo Testamento, a *Septuaginta*, que aparece mais ou menos trezentos anos antes de Cristo e que foi citada muitas vezes por Jesus e pelos escritores do Novo Testamento, diz neste lugar: "Eis que Tubal..."; assim também consta na tradução alemã feita por Menge.
>
> Que esta designação se refere ao império russo está fora de dúvida. *Gogue* é o símbolo para a expressão *cabeça* ou *imperador* de todos os russos. *Magogue*, igualmente, uma expressão simbólica, é a terra.
>
> Caso ainda persistam dúvidas com relação à pergunta de quem se trata aqui, seja dito nesta oportunidade quais eram os nomes das antigas capitais do império russo: a sede governamental da Sibéria ou capital asiática é Tubal ou Tobolsk, enquanto que a capital européia, desde a grande ofensiva de Napoleão era Meseque, que mais tarde passou a ser chamada de Moscou. O nome *Moscou* manteve-se até hoje.[32]

Mais adiante, afirma o mesmo autor:

> Tendo como base as descobertas arqueológicas, sabemos que estas tribos [antepassados dos russos e de outros europeus orientais] se estabeleceram ao norte do mar Negro, tendo-se estendido então ao sudeste até os últimos limites da Europa. Flávio Josefo as localizou entre outras no Leste da Alemanha, na Polônia e na Checoslováquia. O Talmude judaico confirma esta figura geográfica.
>
> Concluímos disto que Gômer e suas hordas são povos que se localizam atrás da cortina de ferro na Europa Oriental. Isto incluiu a Alemanha Oriental e os países eslovacos.[33]

A interpretação de Josefo e do Talmude de que o Leste da Alemanha, a Polônia e a Checoslováquia seriam os territórios dos aliados dos russos levanta algumas interessantes questões. Voltaria a Rússia a exercer domínio sobre tais territórios? Seriam os atuais ocupantes daqueles antigos territórios os mesmos povos que se unirão aos russos na invasão da Palestina?

Como se sabe, a Rússia, desde que deixou de ser a superpotência comunista, vem atravessando uma série de crises tanto na economia como na política. Todos os países do Leste Europeu, aliados da Rússia, abandonaram o marxismo e a sua dependência dos russos, inclusive a Alemanha Oriental que, com a queda do vergonhoso muro de Berlim, desapareceu como país e uniu-se a seus irmãos ocidentais.

No que diz respeito à antiga Alemanha Oriental, é bom ressaltar que, antes dos nazistas deflagrarem o que veio a se tornar a Segunda Grande Guerra, o missionário João Kolenda, de nacionalidade germânica, apresentou um estudo profético à igreja que pastoreava no Texas, EUA, no qual mostrava o lugar exato onde o seu país deveria ser dividido. Suas predições, baseadas em Ezequiel 38 e passagens paralelas, tiveram fiel cumprimento.

Mais provas

É interessante notar como se avolumam as provas a favor da tese defendida neste trabalho, em decorrência da absoluta ausência de outra explicação convincente. Henry H. Halley, profundo estudioso da Palavra de Deus, afirma:

> Meseque entendem uns que significa Moscou, ou Moscóvia, nome antigo russo; ou um povo chamado Mosqui, do qual se fala nas inscrições assírias, como habitantes do Cáucaso. Julga-se que Tubal é Tobolsk, cidade

> da Sibéria; ou um povo chamado Tibereni, das praias S. E. do Mar Negro. Gômer pensa-se ter sido a nação dos cimerianos que do Norte vieram em grande número através do Cáucaso, nos dias do Império Assírio, e ocuparam partes da Ásia Menor, mas que foram repelidos. Togarma julga-se que era a Armênia.
>
> Seja qual for a exata identificação destes povos, Ezequiel declara que habitavam nas "bandas do norte" (38.6, 15; 39.2), e não pode haver muita dúvida de que ele queria significar nações além do Cáucaso. Relanceando-se a vista pelo mapa ver-se-á que ele tinha em mente *aquela parte do mundo conhecida hoje como Rússia.*[34] (Grifo meu.)

O mesmo autor conclui tratar-se aqui de uma terrível invasão, nos moldes da que foi levada a efeito há 2.600 anos pelos citas, povos de quem os russos atuais são descendentes. Em 627 a.C., durante o reinado de Josias em Judá, esses bárbaros foram um horror para as nações do Sudoeste da Ásia.

> Correndo pelos desfiladeiros do Cáucaso — de onde vinham, ou o que pretendiam, ninguém sabia — hordas após hordas de citas escureciam as ricas planuras do Sul. Avançavam como uma nuvem de gafanhotos, incontáveis, irresistíveis, achando as terras que encontravam tal e qual um jardim, e deixando-as após si como um deserto ululante. Não poupariam idade nem sexo. Os habitantes das terras seriam impiedosamente massacrados pelos invasores, ou, na melhor das hipóteses, forçados à escravidão. As colheitas seriam devoradas, os rebanhos tomados ou destruídos, as vilas ou fazendas incendiadas, a região toda tornada um espetáculo de desolação.[35]

Não estariam os *citas* modernos ensaiando mais uma destruidora ocupação armada do Médio Oriente, ainda mais pavorosa do que a acima descrita e que foi a ruína de Judá?

Hal-Lindsey e C. C. Carlson, em *A agonia do grande planeta Terra,* citam Lowth, Chamberlain, Cumming e o sábio judeu Gesenius para provar que não é recente a identificação da Rússia como sendo a Gogue da Bíblia. Aqueles eruditos viveram nos séculos XVIII e XIX, quando a vasta Rússia jazia mergulhada na miséria e em grande atraso industrial, parecendo impossível que dali pudesse surgir uma potência, mas eles se firmaram na palavra dos profetas "como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça" (2 Pe 1.19).

Para Lindsey e Carlson, Etiópia ou Cuxe são as nações da África negra, onde a influência russa tem sido muito acentuada. Líbia ou Pute são as nações árabes do Norte da África, cuja inclinação ideológica tem sido cada vez mais hostil a Israel. Gômer e todas as tropas, os países da ex-cortina de ferro; Togarma e seu bando, a Rússia Meridional e os cossacos.

Escrevendo antes das crises políticas ocorridas no continente africano, os autores citados acertaram em sua previsão, pois Angola e Moçambique durante muitos anos se tornaram satélites da Rússia. Riquíssima em diamantes, petróleo, ferro e café, Angola ocupa uma posição estratégica para o domínio do Atlântico Sul e poderia facilitar aos russos avanços para outras nações, tanto da África como da América do Sul. Moçambique, por sua vez, esteve praticamente perdido para o Ocidente. Na África do Sul, a onda de violência decorrente do cruel regime racista foi explorada em todos os seus aspectos pelos russos. Enfim, não fosse a derrocada do comunismo no Leste Europeu, a África negra estaria ainda nas garras do marxismo.

Synésio Lira, autor de vários trabalhos sobre escatologia bíblica, dá sua opinião acerca de Gogue:

> Que a Rússia e seus satélites invadirão o Oriente Médio, e em particular as terras de Israel, em cumprimento às profecias, não resta a menor dúvida. Basta para isto que sejam lidos com atenção os capítulos 38 e 39 de Ezequiel e outras indicações proféticas [...]
>
> Em outras palavras, o profeta apresenta a árvore genealógica desse comandante do Norte, de modo a podermos seguir a trilha das migrações das tribos que ele refere até à nação que hoje conhecemos. Gogue é o nome que simboliza o chefe dessa nação, e Magogue é a sua terra. É também o príncipe dos antigos povos que se chamam Roxe, Meseque e Tubal. Esses nomes são mencionados no capítulo da Bíblia comumente chamado pelos eruditos de *Índice das nações* (veja-se Gênesis 10). São apresentados como netos de Noé, através de seu filho Jafé, com exceção de Roxe (Gênesis 10.1,2). Magogue é o segundo filho; Tubal é o quinto; e Meseque é o sexto.
>
> A conclusão a que chegamos é que Gogue representa o governante russo.[36]

Vejamos, finalmente, o interessante testemunho do escritor norte-americano H. L. Heijkoop:

> Os capítulos 38 e 39 dão-nos a resposta concreta a esta pergunta. Em 38.6,15 e 39.2 está escrito que vem do Norte. Literalmente, do extremo Norte, conforme lemos nas mais recentes traduções. Para podermos determinar este lugar temos que sair forçosamente da Palestina. Estes dois capítulos tratam da Palestina, e este país é também o centro, ou o umbigo da terra, como traduz literalmente o versículo 12 do capítulo 38. Logo, não pode

tratar-se de outro país que não seja a Rússia, visto que ao norte da Palestina existe somente uma parte da Ásia Menor, e depois segue-se o imenso reino russo [...]

Os nomes confirmam também que se trata da Rússia. A palavra empregada em muitas traduções por *chefe* é, na realidade, um nome próprio e deve, pois, ficar sem tradução. Neste caso devemos ler *Gogue, príncipe de Ros, de Mesech e Tubal.* As traduções mais antigas do Antigo Testamento seguem esta versão a qual é, aliás, aceita também pelos melhores tradutores e hebraístas contemporâneos.

Nas palavras Ros, Mesech e Tubal reconhecemos claramente os Russos, Moscovo e Tobolsk.

Vemos aqui, pois, a Rússia com seus aliados nos últimos dias. São chamados seus aliados: persas, etíopes (em hebraico Cuxe) e líbios (descendentes de Pute). Cuxe e Pute são filhos de Cam, uma parte de cujos descendentes habita o Eufrates (Gênesis 10). Gômer é o progenitor dos Celtas. A casa de Togarma são os armênios. Estes são os países que se encontram submetidos a Gogue ou ligados a ele.[37]

Para a expressão "o príncipe e chefe de Meseque", dos versículos 2 e 3 de Ezequiel 38, a Nova Versão Internacional da Bíblia, em inglês, traz como nota de rodapé: "príncipe de Rosh". Expressão similar foi mantida no rodapé da NVI (Nova Versão Internacional) em português: "príncipe de Rôs".

O norte-americano Frank Boyd, conhecido por suas conferências sobre profecias bíblicas, e que em 1958 previu a tomada por Israel dos territórios a leste do Jordão e da parte velha de Jerusalém então em poder da Jordânia — o que efetivamente se cumpriu em 1967

> — também conclui que os etimologistas têm identificado Mesech e Tubal como Moscou, capital da Rússia, e com Tobolsk, antiga capital da Sibéria. Moscou está situada na margem do rio Moscova (subafluente do Volga), e Tobolsk é banhada pelo rio Tobol. Assim temos aqui os mesmos nomes dados aos rios, às cidades e aos povos, sob a bem conhecida lei da toponímia; não há dúvida que as tribos com esses nomes vieram e estabeleceram-se nos vales que ainda os mantém.[38]

Boyd salienta que as formas modernas desses nomes podem ser facilmente explicadas pela transformação por que passam as línguas humanas na sua história. Depois de notar que essas nações invasoras da Terra Santa virão de regiões localizadas *na banda do Norte*, ele pergunta: "Há algum país que ocupe o extremo Norte, e com direto acesso à Palestina, conforme mencionado pela profecia, a não ser a União Soviética?"

5 Motivos da invasão

E acontecerá, naquele dia, que terás imaginações no teu coração e conceberás um mau desígnio [...] a fim de tomar o despojo, e de arrebatar a presa, e tornar a tua mão contra as terras desertas que agora se habitam e contra o povo que se ajuntou dentre as nações, o qual tem gado e possessões e habita no meio da terra (Ez 38.10,12).

As fabulosas riquezas da Palestina têm despertado, há muito, a cobiça dos russos, e explica todo o seu interesse pela criação de Israel. A Rússia também conhecia a tendência socialista dos judeus, principalmente da juventude, e sabia que o movimento trabalhista era muito forte em Israel antes de 1947. De fato, foi apoiando-se no *Mapai*, que

representava os trabalhadores, e no partido religioso que Davi Ben Gurion se elegeu presidente em 1948. É natural que, promovendo a criação de Israel na Palestina, a Rússia esperasse ampliar a sua influência em todo o Oriente Médio a partir do novo país.

A Palavra de Deus deixa bem clara a intenção de Gogue:

> Assim diz o Senhor Jeová: E acontecerá, naquele dia, *que* terás imaginações no teu coração e conceberás um mau desígnio. E dirás: Subirei contra a terra das aldeias não muradas, virei contra os que estão em repouso, que habitam seguros; todos eles habitam sem muro e não têm ferrolho nem portas; isso a fim de tomar o despojo, e de arrebatar a presa, e tornar a tua mão contra as terras desertas que *agora* se habitam e contra o povo que se ajuntou dentre as nações, o qual tem gado e possessões e habita no meio da terra (Ez 38.10-12).

Quando a Rússia deixar cair a máscara que ainda agora ostenta e invadir a Palestina, muitos lhe dirão: "Vens tu para tomar o despojo? Ajuntaste o teu bando [...] para tomar o gado e as possessões, para saquear grande despojo?" (Ez 38.13).

Mas a que grande despojo se refere a Palavra de Deus? Comecemos pelo mar Morto, onde o valor dos sais minerais ali depositados é quase incrível.

Quando Jerusalém foi conquistada pelo general Allenby, em 1917, um geólogo britânico começou a investigar as riquezas do mar Morto e chegou à conclusão de que a impressionante quantidade de vários sais minerais ali existentes chegava ao valor assombroso de 1,3 trilhões de dólares àquela época! O cientista inglês calculou o valor do brômio em 260 milhões, o da potassa em setenta bilhões de dólares e o do cloreto de magnésio em 825 bilhões de dólares, além de grandes valores em outros minerais.

Referindo-se a essas mesmas riquezas, o escritor Júlio Minhan pergunta: "Como estão estas riquezas?" — e responde:

> Estão em sais que as indústrias de todo o mundo procuram desesperadamente — vinte e dois bilhões de toneladas de cloreto de potássio, toneladas de tremolita, ou seja, asbesto comercial. Incluindo as inúmeras toneladas de sais dos metais preciosos, há muitos outros, e, como seria cansativa sua enumeração, nos limitaremos a dizer que a fortuna que pode ser retirada do mar Morto daria para comprar todos os países de influência muçulmana na Ásia, Europa e Egito, em contrapeso.
>
> Isto, que já seria muito, ainda não é tudo! Pesquisas feitas no subsolo da Palestina revelaram grandes jazidas de minérios de ferro, prata, chumbo, antimônio, níquel, tório, tungstênio e o urânio tão procurado atualmente para produzir o isótopo U-235.
>
> Se a Palestina não continua a *manar leite e mel,* como no passado, mana rios de ouro e pode muito bem ser que, por causa desses rios de ouro, árabes, ingleses e judeus se matam lá furiosamente.[39]

Mais recentemente, descobriram-se, no deserto do Negueve, enormes jazidas de xisto, avaliadas de início em cinqüenta milhões de toneladas. Esse produto é um bom substituto do petróleo, ainda escasso em Israel, mas que certamente poderá vir a ser descoberto a qualquer momento, aumentando ainda mais o já impressionante tesouro da Terra Santa.

Somente a fortuna do mar Morto foi considerada superior ao valor de todo o ouro já extraído das entranhas da terra, e foi também avaliada como sendo superior a toda a riqueza reunida da Inglaterra, dos Estados Unidos, da França, da Alemanha e da Itália!

Referindo-se a essas mesmas riquezas, o escritor Júlio Minhan pergunta:"Como estão estas riquezas?" — e responde:

> Estão em sais que as indústrias de todo o mundo procuram desesperadamente — vinte e dois bilhões de toneladas de cloreto de potássio, toneladas de tremolita, ou seja, asbesto comercial. Incluindo as inúmeras toneladas de sais dos metais preciosos, há muitos outros, e, como seria cansativa sua enumeração, nos limitaremos a dizer que a fortuna que pode ser retirada do mar Morto daria para comprar todos os países de influência muçulmana na Ásia, Europa e Egito, em contrapeso.
>
> Isto, que já seria muito, ainda não é tudo! Pesquisas feitas no subsolo da Palestina revelaram grandes jazidas de minérios de ferro, prata, chumbo, antimônio, níquel, tório, tungstênio e o urânio tão procurado atualmente para produzir o isótopo U-235.
>
> Se a Palestina não continua a *manar leite e mel,* como no passado, mana rios de ouro e pode muito bem ser que, por causa desses rios de ouro, árabes, ingleses e judeus se matam lá furiosamente.[39]

Mais recentemente, descobriram-se, no deserto do Negueve, enormes jazidas de xisto, avaliadas de início em cinqüenta milhões de toneladas. Esse produto é um bom substituto do petróleo, ainda escasso em Israel, mas que certamente poderá vir a ser descoberto a qualquer momento, aumentando ainda mais o já impressionante tesouro da Terra Santa.

Somente a fortuna do mar Morto foi considerada superior ao valor de todo o ouro já extraído das entranhas da terra, e foi também avaliada como sendo superior a toda a riqueza reunida da Inglaterra, dos Estados Unidos, da França, da Alemanha e da Itália!

Da ambição russa ninguém duvida. Ela apossou-se de oitenta por cento do trigo e de 85 por cento do equipamento industrial dos seus países satélites, além de transferir da Espanha para Moscou toneladas de ouro, numa ousada operação que ficou registrada nos anais da espionagem internacional.

A exaltada posição de Israel no meio das nações, o canal de Suez, os campos petrolíferos da Mesopotâmia e a incrível riqueza do mar Morto fazem da Palestina o cerne crítico da terra e constituem o principal motivo da invasão predatória dos russos, tão necessitados de posições importantes para dominar o mundo, e do petróleo árabe para alimentar sua gigantesca máquina de guerra.

As intenções russas

A maioria absoluta dos estudiosos da Bíblia afirma que Gogue é a Rússia, por ser este o único país que possui todas as características exigidas pela profecia bíblica. Dentre as afirmações do referido texto sagrado, duas são de fundamental importância para a compreensão deste assunto: 1) a invasão ocorrerá "*no fim dos anos*"; 2) Gogue virá "*das bandas do Norte*".

Ora, estamos vivendo nos últimos tempos e, atualmente, a região ao norte da Palestina está ocupada pela Rússia! Todos os povos mencionados como acompanhantes de Gogue, entre eles a Pérsia, estão a aproximar-se dele mais e mais.

Nasceu na Idade Média a idéia de que a Rússia estaria predestinada por Deus para ser a senhora do mundo. Para reforçar ainda mais essa atitude, Ivã IV, o Terrível, que assumiu o trono de Moscóvia em 1533, ampliou o seu reino de trinta mil quilômetros quadrados para um milhão, com uma população na época de 12 milhões de pessoas, somente inferior, na Europa, à da França.

A partir desse famoso monarca, que em 1547 adotou oficialmente o título de "césar" [tzar ou czar], todos os imperadores russos consideravam-se sucessores dos césares.

O escritor Marcos Margulies relaciona interessante registro acerca dessa pretensão russa. Em 1829, o filósofo Peter Iacovlevitch Chaadaev [1794-1856] afirmou: "A Rússia é grande em demasia para seguir uma política nacional; sua tarefa no mundo é a política do gênero humano [...] A Providência nos fez demasiadamente fortes para podermos ser nacionalistas. Ela nos colocou além dos interesses nacionais: ela nos confiou os interesses da humanidade".

Na mesma época, exclama o poeta F. I. Tiutchev: "Desde que a Rússia, mesmo sem Constantinopla, em suas fronteiras atuais se torne o império cristão em pleno sentido do termo e o reino da justiça e misericórdia, também o resto lhe será dado em adição!"

"Em 1589, o metropolita de Moscou outorgou-se o título de Patriarca autocéfalo de todas as Rússias, e Ecumênico — isto é, universal. No ato da criação do patriarcado, assim se dirigiu seu primeiro titular, Jeremias, ao tzar: 'Seu grande reino, ó pio tzar! é a Terceira Roma. Ultrapassa a todos os demais em sua devoção. Todos os reinos cristãos se unem no seu. Sois [sic] o único soberano cristão no mundo, soberano de todos os verdadeiros cristãos!"

O escritor Margulies informa-nos, ainda, que, em 1974, a coletânea de várias *Crônicas antigas sobre o início da nação eslavo-russa* descobria, finalmente, as origens "verdadeiras" de Moscou: "A cidade foi fundada", diz o cronista, "por Mosoc, sexto filho de Jafé, neto de Noé, que a Bíblia menciona em Gênesis 10.2. Sucessora universal de Roma e Bizâncio e sucessora russa de Kiev e Vladimir, Moscou surgia assim como a mais antiga urbe do mundo. À primazia espiritual unia-se a cronológica. Filoteu de

Pskov comparava o tzar a Noé, salvador dos homens no dilúvio. Dmitri Donskoi, o vencedor dos tártaros, era glorificado como Gideão, Saul e Davi. Em 1912, um estudioso russo compilou todos estes fatos e escreveu a seu respeito uma tese: *'Rus, novy Izrael'* — *'Rus* [Rússia], novo Israel'".

Acerca do antigo nome da Rússia, é interessante notar que ele aparece em vários documentos históricos como sendo Rus, ou Rhos, o que corresponde claramente ao termo usado por Ezequiel (38.3, *Versão brasileira*). "Baseando-se em Nestor (confirmado, no caso, por Annales Bertianini), o substantivo feminino *Rus* designa coletivamente um organizado grupo varejo, de características militares, que acompanha seu chefe. Daí, 'trazer toda a Rus' significa, positivamente, trazer consigo todos os grupos guerreiros dependentes do chefe ou do príncipe. Deste termo nasceria depois a denominação do país — doravante governado pelos príncipes varegos através da Rus".

Como se percebe, são antigas as pretensões dos russos de governarem o mundo. É por isso que a Rússia planeja lançar milhares de homens na conquista da Palestina. A Bíblia informa: "Virás, pois, do teu lugar, das bandas do Norte, tu e muitos povos contigo, montados todos a cavalo, grande ajuntamento e exército numeroso; e subirás contra o meu povo de Israel, como uma nuvem, para cobrir a terra; no fim dos dias, sucederá que hei de trazer-te contra a minha terra" (Ez 38.15,16).

Será essa a última e a maior aventura dos estadistas russos. Eles alimentam esse diabólico propósito há muitos anos, pois já provaram, em mais de uma ocasião, suas intenções expansionistas. Por força das armas, do terror e do extermínio, apoderaram-se de diversas nações vizinhas ao seu território durante a Segunda Grande Guerra, e ainda ocuparam, por via indireta, diversos países no Sudeste asiático e na África negra.

Em relação à Terra Santa e ao riquíssimo Oriente Médio, os russos sabem que, "quem ficar com a Palestina, governará finalmente o mundo", como afirmou Napoleão Bonaparte no início do século XIX. Por quê? Porque a Palestina é o cruzamento natural entre três continentes e está localizada no *meio da terra.* Assim diz Deus referindo-se a Jerusalém: "Esta é Jerusalém, que coloquei no meio das nações e terras que estão ao redor dela" (Ez 5.5, EC).

A medida da injustiça

Deus tem as suas próprias maneiras de punir uma nação. Algumas recebem um juízo rápido e desaparecem, como a poderosa Assíria e diversos pequenos reinos do passado. Outras são castigadas mediante a humilhação de se tornarem reinos pequenos, às vezes dominadas por estrangeiros, como o Egito, a Pérsia, a Babilônia, a Grécia etc.

No caso da Rússia, os motivos divinos são hoje bem conhecidos. Foi nesse país que os israelitas mais sofreram com os pogrons, em um período que vai desde 1871 a 1921. E, assim que terminaram os pogrons, o ódio ao povo israelita passou a ser exercido pelo regime comunista.

É fato sobejamente conhecido que o comunismo não pode subsistir num mundo ideologicamente dividido. O marxismo prega um só regime em todo o planeta, razão pela qual a Rússia gastava verdadeira fortuna na tarefa de exportar sua filosofia para todas as nações livres e consolidar a comunização nas áreas por ela conquistadas. Somente a manutenção do comunismo em Cuba, nos primeiros anos do governo Fidel Castro, teria custado à Rússia um milhão de dólares por dia.

As metas do comunismo nunca mudaram desde a sua implantação no final da Primeira Guerra Mundial. Em 1919, Josef Stalin, como porta-voz de Lênine, afir-

mou, referindo-se à divisão política do mundo: "O mundo dividiu-se em dois campos irreconciliáveis: o campo do imperialismo e o campo do socialismo". Quarenta anos mais tarde, numa Resolução do XXI Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), declarou Nikita Khruschev: "Agora, há no mundo dois sistemas sociais: o capitalismo, que está nos últimos estertores, e o socialismo, que está transbordando com uma crescente força vital e goza do apoio dos trabalhadores de todos os países".

Essa declaração otimista explica outra, de 1957, quando Khruschev falava a uma assistência na União Soviética acerca de coexistência pacífica: "Mas naturalmente temos que compreender que não podemos coexistir eternamente. Um de nós tem que ir para a sepultura. Não queremos ir para a sepultura. Elas [as potências ocidentais] tampouco querem ir para a sepultura. Que fazer, então? Temos que empurrá-las para a sepultura".[40]

O marxismo, sendo fundamentalmente oposto a qualquer outro regime, sempre pregou a subversão com o objetivo de assumir as rédeas do governo mundial. Um especialista em ciências políticas analisou a doutrina de Marx em contraste com os princípios democráticos, tomando como exemplo os próprios Estados Unidos:

> A contradição existente entre o marxismo e a tradição norte-americana surge com maior aspereza em quase todas as áreas às quais se estende o intelecto humano — como, por exemplo, na psicologia, onde os marxistas tratam o procedimento humano como um produto infinitamente plástico do meio social, enquanto nós estudamos as qualidades indeléveis comuns a todos os homens em toda a parte.
>
> • Na sociologia, onde insistem em afirmar que a relação existente entre as classes é um caso de exploração e

> de luta, enquanto nós a encaramos como um caso de cooperação e interdependência;
> • no terreno econômico, que julgam ter influência dominadora na vida, nos pensamentos e nos valores humanos, mas que nós encaramos como apenas uma das três ou quatro maiores influências;
> • na história, cuja maravilhosa complexidade transformaram em modelo de luta de classes e um cataclismo social, e que encaramos em termos de origens múltiplas e misteriosas;
> • na teoria política, que os ensina a temer o poder do Estado liberal e a confiar inteiramente no poder da ditadura do proletariado, mas que nos ensina a recear o poder sem peias posto em mãos humanas;
> • nos princípios do constitucionalismo, que encaram como uma fraude burguesa, e que nós consideramos como a essência de um governo livre;
> • e, sobretudo, na filosofia, nas idéias básicas que auxiliam o homem a aproximar-se tanto das grandes maravilhas como dos pequeninos fatos do mundo em que vive. Toda a sua doutrina está escravizada a um materialismo rígido, enquanto a nossa constitui uma mistura sutil de racionalismo, idealismo, empirismo e pragmatismo — em suma, de todos os caminhos que levam ao conhecimento, e que os marxistas desprezam e ridicularizam.[41]

Mais adiante, o mesmo autor salienta que "nosso sistema de idéias mostra-se aberto aos novos pensamentos e às novas evidências. Possui crenças monolíticas sobre a dignidade do homem, a excelência da liberdade, os limites da política e a presença de Deus; mas, sobre tais crenças, mesmo como um desafio à última, os homens gozam de absoluta liberdade de pensamento. Por este motivo, julgamos difícil encarar com muito respeito um sistema de idéias tão

monístico como o marxismo. Ou melhor, pensamos que é muito mais difícil ainda suportá-lo, sobretudo ante as inúmeras provas que temos diante dos olhos, mostrando que o monismo, ao mundo das idéias, leva ao absolutismo no mundo dos acontecimentos".[42]

É certo que a intensa campanha russa pelo domínio do mundo através do comunismo resultou num completo e humilhante fracasso. A cortina de ferro já não existe, o muro de Berlim já caiu e os satélites da Rússia são hoje nações independentes em busca de um desenvolvimento que o totalitarismo marxista nunca produziu.

Mas as grandes mudanças políticas e sociais ocorridas na Rússia, longe de invalidarem a profecia, representam cumprimentos de outras predições bíblicas. Em Isaías 43.6, que trata do retorno do povo israelita para a Palestina, Deus diz: "Direi ao Norte: Dá; e ao Sul: Não retenhas". O Norte, que claramente indica a Rússia, não permitia que os judeus partissem, mas agora milhões deles estão se dirigindo à sua antiga pátria! O Sul é clara indicação da Etiópia, que também tentava impedir a saída dos judeus, mas não pôde retê-los.

Por outro lado, se Deus vai tratar diretamente com a Rússia nos montes de Israel, aquela nação está agora sozinha para cumprir as profecias. As agudas crises econômicas e políticas por que passa a grande nação do Norte podem ser prenúncios de juízos vindouros, como querem alguns, mas prefiro vê-las como uma resposta divina às orações da igreja subterrânea da Rússia e uma grande oportunidade das igrejas do Ocidente de levarem o evangelho ao carente povo russo.

Quando chegar o momento exato de Deus puxar a Rússia e seus aliados até os montes de Israel, todo o terreno estará preparado. Ignorando ou não a Palavra de Deus, os soviéticos já revelaram suas reais intenções, através de um selo de correio emitido em

1930, no valor de 14 copeques, no qual o texto de Ezequiel 38 e 39 não poderia ser melhor ilustrado.

> O fundo representa a União Soviética. Vê-se a cavalaria vermelha, a lembrar um dos quatro cavaleiros do Apocalipse. A Rússia está ao norte da Palestina e a linha negra por baixo dos cavalos representa o caminho a seguir pelos cavaleiros e aponta diretamente para a Palestina. Todo o fundo do desenho é ocupado por uma nuvem que representa de modo perfeito a visão de Ezequiel. Pode-se ver o mar de Azov e desenhada a provável rota do exército vermelho.[43]

Guilherme Beirnes, editor de *O grito da meia-noite*, afirma que as três estradas ilustradas no selo apontam diretamente para o Sul da Turquia — a Togarma da Bíblia — em direção a Israel. "Seus exércitos são demonstrados como prontos para atacar, partindo da seção montanhosa do Sul da Turquia".

Há um detalhe na profecia de Ezequiel que não deve passar despercebido. É o que faz referência aos cavalos e cavaleiros de Gogue, que também ilustram o selo de correio referido. De fato, a Rússia possui hoje a mais numerosa cavalaria militar do mundo, e com toda certeza será esta a principal força terrestre a ser utilizada por Gogue em sua campanha contra a Terra Santa, por se adequar perfeitamente à acidentada topografia do caminho que leva à Palestina através da Turquia e que caracteriza o próprio solo israelense.

Centro de ateísmo num berço de religiões?

As autoridades da antiga União Soviética sempre afirmaram que sem o ateísmo o completo plano de Karl Marx não poderia subsistir. Por isso surgiram tantas campanhas contra a religião naquele país.

De fato, Marx deixou bem claro o seu conceito acerca de toda espécie de religião:

> Para se buscar hoje em dia a origem das idéias religiosas há que volver-se ao passado, à origem não explicada das dores sofridas e a sua aparência inevitável metamorfoseada em instituição sobrenatural. Ainda que a massa seja o joguete do modo de produção, as misérias que o regime capitalista cria e aquela sofre, conservarão a seus olhos um caráter sobre-humano, e, portanto, persistirá esse terror desconhecido que apavora, isto é, o sentimento religioso.
>
> A religião não é outra coisa senão *o refluxo das forças sociais na mente*, as últimas forças externas cuja maneira de ser faz crer ao homem que dimanam de uma força superior [...] O déspota terrestre, o capitalista, *arrastará na sua queda o fantasma celeste*; regendo o homem a produção em lugar de ser regido por ela; encontrando enfim o bem-estar sobre a terra; tendo noção clara e precisa de sua situação no universo em geral e na sociedade em particular, desaparecerá universalmente a necessidade desse gênero de esperanças e consolos, que são a conseqüência da tirania hoje misteriosa para as massas, assim como a crença em um ser supremo, dispensador soberano dos gozos e dos sofrimentos.
>
> Nós outros, fogosos anti-católicos, ridículos afeiçoados a batismos civis e outros ritos, que imaginamos *libertar a sociedade civil de toda ligação mística e mistificadora* porque comemos carne em sexta-feira santa, fazemos do livre pensamento a primeira condição da regeneração social; e não vemos, ou não queremos ver, que as religiões *não são organismos independentes do meio econômico em que se movimentam.*[44] [Grifos meus.]

Abraçando tão entusiasticamente as doutrinas marxistas, os comunistas russos trabalham em busca de um

governo mundial liberto, também, do "ópio do povo" — a religião. É impossível, portanto, conciliar marxismo e fé religiosa, daí a intensiva campanha anti-religiosa levada a efeito nos países vermelhos.

Idelfonso Albano, numa réplica ao livro *O poder soviético,* de Hewlett Johnson, mostra com riqueza de detalhes o que tem sido a perseguição religiosa na Rússia de 1917 a 1938:

> Em 1919, vários comunistas foram encarregados da campanha anti-religiosa. Em 1921, organizaram-se células atéias nas cidades e no campo. O 12° congresso do partido comunista, realizado em 1923, adotou uma sistemática campanha anti-religiosa, surgindo, em virtude disso, dois jornais, *O sem Deus* e *O sem Deus na Oficina.*
>
> Em 1925, fundou-se o União dos Sem-deus, com o fim de propagar o ateísmo em todo o país. Essa entidade contava, em 1926, com 2.421 células e 87.033 membros; em 1927 seu número chegava a 3.121 células e 138.402 membros. Em 1929 foi inaugurado um museu da central anti-religiosa em Moscou, capaz de proporcionar ao visitante, dentro de poucas horas, uma educação anti-religiosa completa. Em 1933, esse museu remeteu para as províncias 179 pequenas exposições ambulantes, destinadas também a propagar o ateísmo marxista-leninista.[45]

Albano continua a sua análise da perseguição religiosa na Rússia informando que, para os comunistas de cultura mediana, a "União" preparou um método altamente eficaz. Por poucos rublos, podia-se adquirir conferências redigidas pelo Conselho Central da União, acompanhados de dispositivos luminosos para projeção. Essas conferências eram destinadas a secundar a poderosa ação dos teatros, do rádio e sobretudo dos cinemas, que trabalhavam cada qual em sua área para acabar com toda espécie de deísmo.

A campanha anti-religiosa alcançou grande progresso nos anos trinta, chegando a possuir oitenta mil células e sete milhões de militantes sem-deus. Entre 1932 e 1936, lançou-se um plano qüinqüenal anti-religioso, que previa o fechamento das igrejas ainda abertas, a expulsão de pessoas religiosas das empresas e repartições do Estado, a proibição de toda a literatura religiosa, a preparação de 150 filmes anti-religiosos etc.

Em fins de 1963, informa ainda Albano, a cruzada anti-religiosa na então União Soviética entrou em nova fase. O Comitê Central do Partido Comunista estabeleceu uma instituição especial denominada Instituto para o Ateísmo Científico, projetado para dirigir todas as atividades ateístas. A imprensa foi colocada à disposição do novo organismo para que desacreditasse a *superstição* religiosa.

No propósito de propagar o ateísmo, os periódicos soviéticos passaram a publicar artigos condenando o individualismo cristão e o seu amor ao próximo, princípios abertamente opostos ao coletivismo marxista e ao seu implacável ódio a todos os não-comunistas. Especialmente o princípio cristão de amar o próximo passou a ser ridicularizado nos periódicos comunistas, sob a alegação de que é absurdo amar os inimigos da humanidade, ou seja, todos os governos não-comunistas do mundo.

Na moral marxista, a origem ideológica e a classe do indivíduo determinarão se ele deve ser amado ou odiado. Aos "capitalistas" e "imperialistas" não se deve amar, mas odiar. O progresso do comunismo sempre se baseou no ódio, jamais no amor.

Ainda na década de 1960, houve também uma ofensiva contra a religião para fora da cortina de ferro, como parte da estratégia comunista internacional que visava o domínio do mundo em médio prazo. Através da espionagem e da falsa conversão, pretendeu-se enfraquecer

internamente as estruturas religiosas e dar um sentido marxista à sua mensagem. Em parte como resultado dessa ofensiva, surgiu na América Latina a chamada teologia da libertação, que confunde evangelização com contextualização, igreja com comunidade, pobre com proletário, rico com burguês, pecado com opressão e o evangelho da paz com revolução armada.

Essa ofensiva comunista bem cedo conseguiu atingir o Concílio Mundial de Igrejas. Em sua 3ª Assembléia Geral, realizada em Nova Délhi, em 1961, ficou patente a infiltração comunista naquela organização ecumênica:

> Através da recepção da Igreja Ortodoxa Russa, o Conselho aceita a participação comunista. Líderes ingênuos do Conselho insistem em que não há nada de político nisso [...] Mas os dez eclesiásticos de batina que tomaram parte na delegação russa de dezesseis membros em Nova Délhi, chefiada pelo arcebispo Nikodim de Yaroslav e Rostov, foram expoentes alarmantes da classe comunista. Os seis leigos de roupa comum, inclusive o intérprete V. Zaitsen, quanto aos atos e à aparência davam substância à afirmação de que eram policiais secretos [...].[46]

Em 1975, o padre polonês Miguel Poradowski, radicado no Chile, denunciou que os comunistas, pelo fato de considerarem a igreja como o ópio do povo, pretendiam controlá-la a fim de tomarem o poder, e culpou o Vaticano pela queda de Saigon em mãos dos comunistas. No México, em 1977, um padre afirmou perante 15 mil fiéis que o comunismo era a única solução para o problema da miséria no mundo.

Na mesma década de 1970, o arcebispo Arrigo Pintonello, de Roma, em carta aberta ao papa, informou que o comunismo e o ateísmo já haviam contaminado mais de noventa por cento do clero jovem da Igreja

Católica, e lamentou o silêncio da sua igreja ante os crimes comunistas, por ele assim enumerados: 66 milhões de mortos sob o governo de Stalin, na URSS; 150 milhões de vítimas de Mao Tsé-tung, na China; 2,5 milhões de assassinatos no Camboja; destruição de 5.945 templos; extinção do episcopado nas prisões e no exílio, juntamente com 1.500 sacerdotes, na Ucrânia.

Todas as esperanças de liberdade religiosa na Rússia, decorrentes dos acordos de Helsinque, quando os soviéticos prometeram ao Ocidente respeitar os direitos humanos, ruíram por terra. A organização Ajuda à Igreja Necessitada informava, em 1978, que a nova constituição soviética reforçava a posição monopolística do Partido Comunista, dando-lhe base legal, e obrigava todos os cidadãos a trabalharem para a edificação da sociedade comunista atéia.

Idelfonso Albano esclarece ainda que enquanto a propaganda, dentro e fora da Rússia, exaltava a liberdade dos cidadãos, os crentes e os não-crentes que defendiam a liberdade de consciência eram submetidos a castigos severos, e só o fato de uma pessoa proclamar-se religiosa era interpretado como sintoma de anormalidade psíquica.

Apesar dos insistentes pedidos de milhares de fiéis e da pressão de organismos internacionais que defendiam a liberdade de religião e de pensamento, os sacerdotes e pastores mais ativos eram enviados pelo governo às prisões, aos hospícios ou aos campos de concentração; a educação religiosa para as crianças continuou proibida, e os filhos de pais religiosos continuaram a ser discriminados na escola e obrigados a receber uma educação atéia. Como resultado, o número de igrejas diminuiu na Rússia.

É difícil prever até onde o regime comunista impediu o avanço da evangelização da Rússia. Dos seus 150 milhões de habitantes em fins de 1998, 35 milhões se diziam ortodoxos e apenas um por cento da população professava a fé cristã evangélica, e isso apesar do esforço missionário pela evangelização do país desde o fim do comunismo.

Semeadura e colheita

Se a Rússia, desde 1917, manifestou sempre o firme propósito de banir Deus da vida do seu povo e destruir toda espécie de religião no mundo, não é de admirar que ela almejasse um dia ocupar a Palestina, que é berço de três religiões: judaísmo, cristianismo e islamismo.

Lênine disse: "Nossa propaganda exige a propaganda do ateísmo", e Stalin se vangloriava de reunir o maior exército já constituído para ser enviado à Terra Santa. Antes da sua morte, Stalin teria declarado que, se houvesse Deus, ele haveria de destruí-lo, mas que provaria ao mundo que Deus não existe.

Teria Deus se esquecido de todas as afrontas feitas a Ele pelos russos durante a vigência do comunismo e de todos os crimes cometidos contra os que confessam o nome dEle, quer cristãos, quer judeus?

O modo como Deus tem tratado as nações que se levantam contra Ele e o seu povo mostra que o dia da Rússia chegará. Deus, na sua misericórdia, derrubou por terra a cortina de ferro e o muro de Berlim, em 1991, para que duas coisas ocorressem dentro de seu propósito de cumprir as profecias. Primeira, a Rússia haveria de permitir a saída dos judeus de seu território, conforme Isaías 43.6 ("Direi ao Norte: Dá"), e Ezequiel 37.13 ("Quando eu abrir as vossas sepulturas"). Segunda, o evangelho haveria de ser anunciado também ao sofrido povo russo (Mt 24.14), o que vem acontecendo ultimamente mediante gigantesco esforço missionário de evangélicos do mundo todo, inclusive do Brasil.

A grave crise econômica, política e social por que passa a nação russa torna solenes as recentes palavras de um estudioso dos eventos de nossa época:

> A União Soviética pode ter desaparecido, mas a Rússia — a despeito dos dramáticos esforços em busca da demo-

> cracia e da liberdade — está, neste mundo cada vez mais instável, mais perigosa do que nunca. Jamais devemos nos esquecer de que a Rússia e suas ex-repúblicas representam um paradoxo da História. Eles têm uma economia doméstica de Terceiro Mundo e um padrão de vida acoplado a um complexo industrial militar de alcance mundial. A única coisa que eles têm para vender a um perigoso e lucrativo Oriente Médio é o melhor armamento de destruição de massa que o dinheiro pode comprar. Este é o tipo de ambiente — combinado com o remanescente desta colossal infra-estrutura militar — que produz o controle militar.[47]

Outro profundo estudioso das profecias bíblicas, cujo ministério pelo rádio e pela televisão alcança 25 mil cidades dos Estados Unidos e 160 nações ao redor do globo, fala que a atual Rússia pós-*perestroika* está pronta para cumprir o que as profecias prevêem:

> O urso não está hibernando. Ele está acordado, faminto, e pronto para atirar-se sobre o mundo, exatamente como a Palavra de Deus tem profetizado.[48]

Ressurgirá a União Soviética?

Quando caiu o comunismo no Leste Europeu, líderes cristãos de todo o mundo pressentiram que a *perestroika* não passava de uma oportunidade que Deus estava dando aos cristãos de todo o mundo de fazer que aqueles países também ouvissem o evangelho.

A rapidez com que agências missionárias e grandes denominações evangélicas do Ocidente, inclusive do Brasil, acorreram àqueles países levando a Palavra de Deus atestava a certeza de que a porta da liberdade não permaneceria aberta por muito tempo. De fato, a liberdade religiosa começou a ser cerceada em 1998, quando o parlamento russo e o presidente Bóris Yeltsin, pressionados

por Alexei II, líder máximo da Igreja Ortodoxa Russa, aprovaram um projeto que proíbe a abertura de novos trabalhos missionários e novas igrejas no país. Segundo esse projeto, somente igrejas com um mínimo de 15 anos de registro têm liberdade de funcionamento.

Adriano Marinho da Costa Júnior, que entrou na Rússia em 1995 como missionário evangélico, não descarta a possibilidade do retorno do regime comunista:

> A igreja russa teme perder a liberdade religiosa. Com a nova lei, a polícia nos pede outros documentos e uma autorização para evangelização nas ruas. No salão onde fazemos as reuniões, precisamos estar bem documentados e sempre com um russo ao nosso lado. Às vezes, a igreja tem que estar registrada no nome de um russo. Lá os cultos são bem diferentes, e eles não falam muito alto.[49]

A profunda crise política e econômica por que passa a Rússia, especialmente no momento em que escrevo, revela a possibilidade de um rápido retrocesso em termos de democracia. A esse respeito, outro estudioso das profecias, escrevendo acerca do desejo da Rússia de voltar a ser uma superpotência, afirmou:

> O império dos soviéticos durante o tempo do governo comunista era uma fonte de grande orgulho para muitos. A humilhação de perder esse império junto com o empobrecimento de sua economia trôpega deixou o povo russo saudoso de seu passado, amargurado com o presente e céptico sobre o seu futuro. É nesse clima que a ditadura desabrocha, e realmente não é preciso olhar mais para além das recentes eleições na direção da Duma Russa, para encontrar uma indicação do rumo que a Rússia está tomando.[50]

Mas a crise econômico-social da Rússia não representa apenas uma ameaça à frágil democracia. Essa

falta de recursos tem prejudicado a manutenção de todo o sistema eletrônico de controle das armas nucleares. A possibilidade de um foguete balístico nuclear ser disparado por falha técnica ou eletrônica é hoje muito maior do que no tempo da guerra fria.

A fim de atenuar a gravidade dessa crise, os Estados Unidos têm investido centenas de milhões de dólares na Rússia e reforçado a vigilância de suas fronteiras, pois algumas armas nucleares miniaturizadas, que podem ser abrigadas dentro de uma mala comum de viagem, desapareceram do país e podem estar em mãos até de grupos terroristas do tipo que tem atacado instituições norte-americanas em várias partes do mundo. Uma mala dessas deixada nas proximidades do Capitólio, em Washington, arrasaria tudo numa área quadrada de vários quilômetros, inclusive a Casa Branca. Em 1997, duas pessoas foram presas em Miami pelo FBI por estarem tentando negociar armas russas, saídas daquele país talvez em virtude de suborno ou de descuido dos militares russos.

Esses militares, que têm recebido seu soldo com vários meses de atraso — o que tem quadruplicado o índice de suicídio entre eles — poderiam, eles mesmos, num ato de desespero, causar uma destruição de proporções internacionais.

Todo esse caos que envolve a extinta União Soviética torna solenes as advertências de que o comunismo pode retornar a qualquer momento, ainda mais radical do que antes, e torna bem vivas as palavras apostólicas: "Quando disserem: Há paz e segurança, então, lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão" (2 Ts 5.3).

O Fim da Rússia

Nos montes de Israel, cairás, tu, e todas as tuas tropas, e os povos que estão contigo; e às aves de rapina, e às aves de toda a asa, e aos animais do campo, te darei por pasto (Ez 39.4).

Feliz ou trágico, o destino de um povo muitas vezes depende da sua atitude em relação à Palavra de Deus. Tal aconteceu e ainda acontece a Israel e a muitas outras nações. Em cumprimento à ordem imperativa de Jesus, o evangelho da graça de Deus tem sido proclamado em todo o mundo, para testemunho a todas as gentes. E os ouvintes, aceitando ou não as Boas

Novas, escolhem, individual e coletivamente, o futuro de sua própria nação.

A Rússia teve também a sua oportunidade de tornar-se biblicamente cristã, mas não soube aproveitá-la. Isso ocorreu no tempo do imperador Alexandre I, no início do século XIX. Possuidor de um caráter bastante contraditório, mas propenso a reconhecer a sua própria fraqueza e a se humilhar diante de Deus, Alexandre compreendeu, ao peso das graves circunstâncias da sua época, que a vida era algo muito sério e por isso procurou meditar e cuidar da formação de sua própria personalidade.

Na sua insaciável sede de domínio, Napoleão Bonaparte arrasava os países do Ocidente Europeu. Durante a guerra franco-britânica, em 1805, Alexandre aliou-se aos inimigos do ditador francês e também perdeu a guerra. Teve de pedir a paz em 1807. No ano seguinte, Alexandre aliou-se a Napoleão e declarou guerra à Suécia, e esta perdeu a Finlândia. A amizade entre os dois estadistas, todavia, durou pouco, e Napoleão, furioso, ameaçou ocupar a Rússia.

A intenção de Napoleão deixou Alexandre profundamente angustiado, e este procurou um amigo da sua juventude, o príncipe Galitzin, que abandonara uma vida tormentosa e se convertera ao evangelho. Os dois estavam diariamente juntos, e a nova vida do príncipe crente impressionou fortemente o imperador.

Certo dia, Galitzin, ao tomar a Bíblia de sobre a mesa para ler um trecho ao imperador, deixou-a cair inadvertidamente. Ao apanhá-la, notou que esta se abrira no Salmo 91. Alexandre leu as palavras e ficou impressionado. Tornou a lê-las. Galitzin disse-lhe que não fora por acaso, certamente, que a Bíblia se abrira ali, mas por vontade divina. Desde aquele momento Alexandre mostrou grande interesse pela Bíblia, e mais tarde escreveu: "Eu devorava a Bíblia e suas palavras deram consolo ao meu coração. Na sua imensa graça, o Nosso Senhor abriu os meus olhos

de modo que entendi o que li. Esta edificação, esta luz interior e muitas outras bênçãos tenho de agradecer à leitura das Sagradas Escrituras".[51]

Napoleão invadiu a Rússia, conforme prometera, mas sofreu fragorosa derrota pela espada, pelo frio e pela fome. Para Alexandre, que conhecia as campanhas napoleônicas, isso era a mão de Deus, em cumprimento ao Salmo 91. Tornou-se mais fiel ao evangelho e trazia sempre consigo a Bíblia Sagrada, que lia diariamente. No dia de seu aniversário, 11 de setembro de 1815, Alexandre estava na França e Napoleão era um conquistador definitivamente derrotado. Depois de passar em revista seus 150 mil homens, Alexandre ajoelhou-se perante todos e glorificou a Deus pela vitória.

A Sociedade Bíblica Russa, fundada por iniciativa inglesa em 1812, recebera todo o apoio do imperador, inclusive grandes subsídios. Mas o Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa, percebendo que os seus alicerces estavam sendo minados, moveu tal campanha contra aquela entidade "protestante" que o imperador não pôde resistir. Galitzin foi obrigado a deixar a presidência da sociedade, e os líderes do sínodo tomaram o seu lugar, impedindo assim todo o programa de distribuição de Escrituras naquele país.

Que teria acontecido à Rússia se ela tivesse sido semeada de Bíblias? O comunismo ateu teria ali prevalecido?

Por essa época, conta-se, houve uma grande fome num dos estados da Rússia, e um padre de uma freguesia pensou em vender um pouco dos muitos bens da igreja para comprar pão, porém o bispo afirmou que preferia ver o povo morrer de fome do que consentir que se gastasse ouro da igreja para matar a fome dos famintos. Essa atitude, tão oposta à doutrina de Jesus de Nazaré, despertou o ódio de muitos contra a rica igreja e isso, sem dúvida, levou o comunismo a tomar conta de toda aquela grande nação.

O fim do comunismo?

A história moderna do comunismo começou em 1848, quando Karl Marx e Frederik Engels lançaram *O manifesto comunista.* O movimento obteve boa repercussão em todo o mundo, mas só logrou ocupar o poder em 1917, na Rússia, na revolução bolchevique liderada por Lênine.

Duvida-se da originalidade do movimento comunista soviético. Historiadores vários afirmam que os responsáveis pela derrubada do czarismo pouco ou nada tinham de marxistas, tendo havido, isto sim, o aproveitamento por parte dos comunistas da situação caótica reinante no país. De qualquer forma, pela primeira vez o sistema foi implantado, à custa de milhões de assassinatos.

Da Rússia o comunismo conquistou outros países até ao ponto de dominar um terço da humanidade, mas a História testifica que o terrível regime vermelho caminha rapidamente para o seu próprio fim, graças à poderosa mão de Deus que tem impedido a sua marcha. As profecias dão-nos a garantia de que o ateísmo não existirá durante o governo do anticristo, que será religioso, e não materialista e ateísta.

Em edições anteriores deste livro, afirmei que somente Deus podia parar o comunismo, salientando que o caráter ateísta do sistema constitui uma blasfêmia que o Criador não deixaria ficar impune. De fato, assim ocorreu.

Acredito que o que ainda restar do comunismo no mundo desaparecerá mediante a liderança do anticristo no império romano restaurado. A séria crise de autoridade nos governos do mundo tornar-se-á cada vez mais acentuada, dentro da perspectiva da escatologia bíblica, segundo a qual toda a liderança será um dia concentrada nas mãos do anticristo.

É claro que a hábil política exterior de Ronald Reagan ajudou a fechar o cerco e levar a Rússia à *perestroika*, mas por trás de tudo isso está a mão de Deus, respondendo às orações angustiosas de milhões de crentes que suspiravam pela liberdade de poder cultuar a Deus livremente e de possuir, pelo menos, um exemplar da Escritura Sagrada.

A *perestroika* significa também o cumprimento da promessa de Deus de derrubar a cortina de ferro e o muro de Berlim para que os judeus pudessem retornar à sua antiga terra. Deus romperia as sepulturas em que estavam retidos os judeus!

Um julgamento de Deus

Bem no fundo, os comunistas russos alimentam ainda hoje o objetivo de retornar ao poder e ocupar a Palestina, que é o berço do judaísmo, do cristianismo e do islamismo, e banir a religião da face da terra, mas Deus intervirá com o seu braço forte em favor do seu povo, e então será trágico o fim dos exércitos invasores:

> Sucederá, porém, naquele dia, no dia em que vier Gogue contra a terra de Israel, diz o Senhor Jeová, que a minha indignação subirá a meus narizes. Porque disse no meu zelo, no fogo do meu furor, que, naquele dia, haverá grande tremor sobre a terra de Israel, de tal sorte que tremerão diante da minha face os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo, e todos os répteis que se arrastam sobre a terra, e todos os homens que estão sobre a face da terra; e os montes cairão, e os precipícios se desfarão, e todos os muros desabarão por terra. Porque chamarei contra Gogue a espada, sobre todos os meus

> montes, diz o Senhor Jeová; a espada de cada um se voltará contra seu irmão. E contenderei com ele por meio da peste e do sangue; e uma chuva inundante, e grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre farei cair sobre ele, e sobre as suas tropas, e sobre os muitos povos que estiverem com ele. Assim, eu me engrandecerei, e me santificarei, e me farei conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou o Senhor (Ez 38.18-23).

A batalha do gigante Gogue contra o pequeno Israel será das mais terríveis que se possa imaginar, e não terá similar na história do mundo. Será travada com violência nos mares ("tremerão [...] os peixes do mar"); o conflito aéreo será horripilante ("tremerão [...] as aves do céu"), e os combates em terra serão estarrecedores ("tremerão [...] todos os répteis que se arrastam sobre a terra"). Mas a vitória penderá em favor dos judeus, pelas próprias convulsões da natureza sob intervenção divina, como afirma a *Bíblia*:

> As montanhas serão arrasadas, as grandes pedras ficarão em pedaços e todas as muralhas cairão. Farei cair sobre Gogue todo tipo de desgraças, que o encherão de medo. Sou eu, o Senhor Eterno, quem está falando. Os soldados de Gogue ferirão uns aos outros com as suas espadas. Eu os castigarei com doenças e mortes. Derramarei chuvas pesadas, pedras de gelo, fogo e enxofre em cima de Gogue e do seu exército e em cima das muitas nações que estão do lado dele. Desse modo mostrarei a todas as nações que sou poderoso e santo. Elas ficarão sabendo que eu sou o Eterno (Ez 38.20-23, BLH, Bíblia na Linguagem de Hoje).

Quando isso acontecer, o mundo não terá dúvidas de que Deus lutou por Israel, tão grandes, espantosos e sobrenaturais serão esses julgamentos. As nações entenderão que se tratou de uma interferência direta do Deus vivo contra o inimigo da retidão e da justiça.

> Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe e chefe de Meseque e de Tubal. E te farei voltear, e te porei seis anzóis, e te farei subir das bandas do Norte, e te trarei aos montes de Israel. E tirarei o teu arco da tua mão esquerda e farei cair as tuas flechas da tua mão direita. Nos montes de Israel, cairás, tu, e todas as tuas tropas, e os povos que estão contigo; e às aves de rapina, *e* às aves de toda a asa, e aos animais do campo, te darei por pasto (Ez 39.1-4).

A exemplo do que tem ocorrido nas guerras árabe-israelenses, coisas espantosas e humanamente inexplicáveis poderão ocorrer aos exércitos de Gogue: aviões e tanques enguiçarão em plena batalha, sem qualquer motivo ("tirarei o teu arco da tua mão esquerda e farei cair as tuas flechas da tua mão direita"), e os soldados ficarão paralisados de medo ante as tropas israelenses.

A dura linguagem profética mostra ainda que o Deus vivo vai tratar a Rússia como a uma fera, pondo-lhe seus anzóis e trazendo-a para ser castigada e julgada nas montanhas de Israel.

É interessante notar que o Senhor especifica um número de anzóis: *seis*. Esse número, segundo os teólogos, corresponde ao número do homem, que foi criado no *sexto* dia e que deve trabalhar *seis* dias na semana (Gn 1.26; Êx 20.9; 23.12; 31.15; Lc 13.14 etc.), como veremos mais adiante, no capítulo 9. Em suma, os seis anzóis ajustam-se perfeitamente a Gogue e aos demais povos que o acompanharão, livremente ou sob pressão.

As armas dos invasores

Lemos na Palavra de Deus uma descrição do material utilizado para fabricação das armas de guerra usadas por Gogue:

> E os habitantes das cidades de Israel sairão, e totalmente queimarão as armas, e os escudos, e as rodelas, com os arcos, e com as flechas, e com os bastões de mão, e com as lanças; e farão fogo com tudo isso por sete anos. E não trarão lenha do campo, nem *a* cortarão dos bosques, mas com as armas acenderão fogo; e roubarão aos que os roubaram e despojarão aos que despojaram, diz o Senhor Jeová (Ez 39.9,10).

De um excelente periódico evangélico português, transcrevemos o interessante comentário:

> A palavra profética de Deus não tem falhas na sua descrição, no final da dispensação atual. Em *The Mount Zion Report*, John Weston apresenta um material chamado lignostone, do qual os russos fabricam dezenas de milhares de objetos diferentes para a guerra. Tudo para a invasão do Oriente Médio. Ele cita Ezequiel 39.9,10 acerca das armas russas que Israel usará como combustível durante sete anos.
>
> Lignostone é semelhante a [vinte a trinta] pedaços de contraplacado apertado por um tremendo poder de vapor. É uma invenção holandesa mais forte do que o aço, mais elástico do que molas da mesma matéria e que arde melhor do que o carvão. Os holandeses utilizam-no nas suas fábricas de gás; os ingleses, como raios de rodas nos seus enormes carros de carga, e os russos como material de guerra para aviões, tanques, espingardas e outros.

> É esta matéria que Israel, segundo a profecia de há 2.500 anos, usará como combustível durante sete anos.[52]

Ah! se os russos soubessem o que os espera em Israel! Será o desmascaramento público da Rússia.

Pelo fato de ser Joel o profeta dos grandes sinais dos fins dos tempos e das batalhas finais que consumarão os séculos, é possível que ele fale do fim humilhante da Rússia após a fracassada investida contra Israel, quando afirma:

> E aquele que é do Norte farei partir para longe de vós, e lançá-lo-ei em uma terra seca e deserta; a sua frente para o mar oriental, e a sua retaguarda para o mar ocidental; e subirá o seu mau cheiro, e subirá a sua podridão; porque fez grandes coisas (Jl 2.20).

Essa linguagem poderia significar um pequeno e pobre território compreendido pelos desertos da Sibéria, entre o mar de Bering e o oceano Glacial Ártico.

7 O NOVO IMPÉRIO ROMANO

Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e esse reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre (Dn 2.44).

Como introdução a este e aos demais capítulos, julgamos necessária uma palavra acerca dos diversos sistemas de interpretação da profecia bíblica aceitos hoje pelos cristãos.

É evidente que a situação mundial evolui mais de conformidade com o método futurista, preferido pela maior parte dos estudiosos da Palavra de Deus. Acerca desse sistema e de suas implicações teológicas

pouco falaremos, por não ser o objetivo precípuo deste trabalho, que é o de analisar a profecia de Ezequiel com respeito a Gogue, o que praticamente já o fizemos. Todavia, interromper aqui nossas considerações seria como deixar os leitores no meio do caminho, pois a queda da Rússia — acreditamos — provocará profundas modificações político-religiosas no mundo, algumas das quais já estão sendo ensaiadas.

Passemos agora à consideração das principais escolas escatológicas:

Preterista. Interpreta as profecias de Daniel e do Apocalipse como já cumpridas, com exceção de umas poucas. Essa forma de interpretação tem sido geralmente aceita pela Igreja Romana, pelos teólogos protestantes liberais e pelos que rejeitam o dispensacionalismo.

Nessa visão das profecias, quase todo o livro de Daniel se cumpriu no período interbíblico [antes de Cristo] e o Apocalipse, na sua quase totalidade, foi cumprido nos primeiros três séculos da Era Cristã. Assim, a septuagésima semana de Daniel teve seqüência imediata à sexagésima nona, e seu cumprimento deu-se há quase dois mil anos.

Progressista. Como o próprio nome já indica, interpreta Daniel e o Apocalipse como o desenvolvimento histórico do mundo. Esse método nasceu na Reforma Protestante, no século XVI, e alcançou seu apogeu com as pregações de Guilherme Miller, no início do século passado. Ela procura os cumprimentos proféticos nos grandes eventos, como o papado, a Reforma, a Revolução Francesa etc., e seus adeptos chegaram a marcar diversas datas para a volta de Cristo, sendo a principal delas a de 22 de outubro de 1844.

Foi tão grande a decepção dos que sinceramente aguardavam o retorno de Cristo para aquela data que, desde então, apenas adventistas, testemunhas-de-jeová e outros pequenos grupos ainda divulgam esse tipo de interpretação, e assim mesmo com divergências.

Futurista. Segundo essa escola, quase todas as profecias de Daniel e do Apocalipse se cumprirão durante os sete anos que se seguirão ao arrebatamento da Igreja, que, por sua vez, ocorrerá repentinamente.

A interpretação futurista ensina que a invasão de Israel por Gogue e seu bando dar-se-á no início ou às vésperas dessa última semana de anos e provocará a formação do novo império romano, de onde emergirá o anticristo. Este fará uma aliança com Israel, mas a quebrará no meio da semana, dando origem à Grande Tribulação, que só terá fim quando Jesus vier, com poder e grande glória, para inauguração do seu reino milenial na Terra.

Entre as passagens bíblicas que reforçam a interpretação futurista está a de Zacarias 14.2-4,9:

> Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres, forçadas; e metade da cidade sairá para o cativeiro, mas o resto do povo não será expulso da cidade. E o Senhor sairá e pelejará contra estas nações, como pelejou no dia da batalha. E, naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele, para o sul. E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia, um será o Senhor, e um será o seu nome.

O sistema futurista ensina ainda que a Igreja constitui um parêntese na cadeia profética das setenta semanas de anos (Dn 9.24-27), que abrange o período desde 445 a.C. até 32 d.C., e mais sete anos ainda por vir, após a ascensão da Igreja.

Qualquer que seja a opinião do leitor, os fatos narrados a seguir são dignos de uma análise imparcial à luz da Palavra de Deus, pois constituem uma advertência solene de que a vinda de Cristo está às portas.

Estados Unidos da Europa?

Um jornal paulista publicou uma notícia de elevado interesse para os que aguardam o cumprimento das profecias bíblicas. Sob o título "Proposta a união total da Europa", assim noticiou o importante matutino:

> O primeiro-ministro belga Leo Tindemans propôs a transformação da Comunidade Econômica Européia numa "autêntica" união da Europa, que seja o embrião de uma superpotência de mais de 300 milhões de habitantes. O documento [...] já desencadeou um debate que a agência *France Press* considera "um dos mais apaixonados do século [XX] na Europa". Bonn e Paris acolheram favoravelmente o relatório de 80 páginas preparado por Tindemans a pedido de seus colegas da CEE em 1974 e concluído dia 31 de dezembro, quando entregou as cópias aos outros membros da Comunidade.[53]

Vinte e cinco anos mais tarde, em janeiro de 1999, finalmente consolida-se o sonho de Tindemans e de tantos outros líderes europeus. A Comunidade Européia inaugura com grande sucesso a sua moeda única, o euro.

Esse passo é de importância tal que não pode ser comparado àquele dado por Júlio César há mais de vinte séculos, quando expandiu e consolidou as fronteiras do império romano. Naquele tempo, a união foi obtida por meio de sangrentas batalhas, ao passo que hoje essa fusão de nações ocorre mediante a renúncia ao nacionalismo intransigente e à entrega a uma batalha pacífica: a do livre comércio.

Surge, assim, a grande potência européia — biblicamente, o novo Império Romano —, criando as condições necessárias ao surgimento do anticristo.

O novo império romano

A invasão da Palestina pela Rússia e seus aliados insere-se no contexto dos grandes acontecimentos dos últimos tempos, preditos pela profecia bíblica, dentre eles a união européia e o surgimento do anticristo. Acredito que após a invasão russa e seu desastroso fim nas montanhas israelenses, os europeus ocidentais, "na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo" (Lc 21.26), serão unificados pelo medo.

Dessa união de países que constituirão o império romano restaurado ficarão de fora os russos e o povo europeu identificado como Gômer, além dos demais, que são: os persas, os armênios, os etíopes e os líbios. De todos os povos que acompanharão os russos na invasão de Israel, a descendência de Gômer tem sido a mais difícil de ser claramente estabelecida na Europa atual. As opiniões indicam que poderiam ser os habitantes alemães orientais (da antiga Alemanha Oriental), húngaros, checos e eslováquios, os quais integraram a antiga União Soviética.

O ressurgimento do império romano como um domínio mundial será a concretização do anseio de ecumenistas, sincretistas e cientistas nucleares modernos, pregadores de uma só religião e de um só governo para o mundo. Até mesmo Stanley Jones, apreciado autor de livros devocionais de grande aceitação nos meios evangélicos, defendia um tipo de federação de nações. Diz ele:

> A dificuldade, que se apresenta como problema mundial, está, portanto, crua e nua à nossa frente: delegarão as nações sua soberania a uma união federativa mundial, ou negarão delegá-la, continuando a confiar em

> ligas, pactos, tratados e cartas? Todas as questões são secundárias e marginais. Esta é central. Se de livre e espontânea vontade não delegarem sua soberania e independência em favor da paz, mui a contragosto a legarão em favor da guerra.[54]

Em nossos dias, diversas seitas do Oriente e do Ocidente pregam a necessidade do governo mundial como único meio para se evitar o desastre total da humanidade, destacando-se o Conselho Mundial de Igrejas — já detentor de considerável influência no mundo político-religioso, por falar em nome de mais de meio bilhão de seres humanos — que vem pregando a mesma mensagem.

Shoghi Effendi, o Guardião da Fé Bahá'í, seita oriental que está sendo amplamente propagada no Ocidente e em todo o mundo, descreve o modelo do governo mundial preconizado pela sua religião:

> A unidade do gênero humano — assim como Bahá'úlláh a concebeu — compreende o estabelecimento de uma comunidade mundial em que todas as nações, raças, credos e classes estejam estreita e permanentemente unidas, e na qual a autonomia dos Estados que o compõem, a liberdade e a iniciativa pessoal dos membros individuais destes sejam garantidos de um modo definitivo e completo. Tal comunidade mundial deve abranger, segundo o nosso conceito, um Legislativo mundial, cujos membros, os representantes de todo o gênero humano, controlarão todos os recursos das respectivas nações componentes e criarão as leis que forem necessárias para regular a vida, satisfazer as necessidades e ajustar as relações de todas as raças e povos entre si.
>
> Um executivo mundial, apoiado por uma força internacional, efetuará as decisões desse legislativo mundial, aplicará as leis por ele criadas e protegerá a unidade orgânica de toda

a comunidade mundial. Um tribunal mundial deverá adjudicar toda e qualquer disputa que surja entre os vários elementos que constituem esse sistema universal, sendo irrevogável a sua decisão [...] Um idioma mundial será criado, ou escolhido dentre as línguas existentes, e será ensinado em todas as escolas de todas as nações, como auxiliar à língua nativa. Uma escrita mundial, uma literatura mundial, um sistema universal e uniforme de moeda, de pesos e medidas simplificarão e facilitarão intercâmbio e entendimento entre as nações e raças da humanidade". [55]

Nos meios científicos, essa tese nasceu logo após a explosão da primeira bomba atômica, em 1945, e seu grande defensor foi Albert Einstein, um dos pais da terrível arma. Einstein propôs, em 1957, o estabelecimento de um governo mundial efetivo, até mesmo dotado de poderio militar. Ele acreditava que somente uma instituição supranacional desse tipo seria capaz de evitar uma guerra nuclear. Numa carta escrita a uma editora de Tóquio, Japão, diz ele:

Eis por que não há a menor dúvida de que se nós deixarmos produzir-se uma nova guerra, grande parte da humanidade será destruída, as cidades transformar-se-ão em ruínas e até mesmo a terra ficará envenenada. Semelhante desastre só poderá ser evitado pela criação de um governo mundial que teria à sua disposição todas as armas, assim como o controle das instituições. Ele teria os poderes legais de trancar sempre todos os casos que, até agora, conduziram à guerra. A criação de um governo mundial dotado de poderes tão amplos só será possível se os povos de todos os países compreenderem perfeitamente que não existe meio mais econômico e mais em harmonia com o pensamento político tradicional das nações. É preciso um trabalho de educação paciente e intensivo em todos os países para que seja possível tal

> mudança fundamental, que deverá ser realizada antes que seja tarde [...] Nossa missão principal é sempre convencer os povos de que a Federação Mundial representa sua única esperança para o futuro. Se conseguirmos propagar esta convicção entre as nações, sua realização não esbarrará em dificuldades técnicas.[56]

À luz da Palavra de Deus, o mundo deverá inclinar-se, cada vez mais, para esse governo internacional. E essa inclinação será acelerada à medida que se sucederem os próximos acontecimentos no Médio Oriente, para onde convergem as atenções e interesses atuais das nações. A própria atitude condenável da Rússia, ao abater-se covardemente sobre uma região desarmada e que repousa em paz, motivará os povos a optarem pelo governo mundial, como única alternativa contra os terríveis males de uma generalizada conflagração nuclear.

As Escrituras afirmam que desse "novo" mundo emergirá o "homem forte" da paz, o falso messias, o cristo do diabo. Diz a Bíblia, porém: "Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então, lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão" (1 Ts 5.3).

O testemunho de Daniel

Na imponente e terrível estátua mostrada em sonho a Nabucodonosor, rei da Babilônia, está representado o poder político das nações. Nela viu o monarca o desenrolar da história dos grandes impérios mundiais, simbolizados nos elementos que a constituíam.

A cabeça de ouro era o poder babilônico (608-538 a.C.), jamais igualado. Os braços e o peito de prata referiam-se ao domínio dos medos e persas (538-331 a.C.) que, embora mais extenso que o seu antecessor, foi, todavia, menor em magnificência. O ventre e as coxas de

cobre falavam do terceiro governo mundial, grego (331 a 168 a.C.). E, finalmente, as pernas de ferro e os pés em parte de barro e em parte de ferro caracterizavam o quarto poder mundial, o romano, que teve início em 168 a.C. e permanece ainda nos dias atuais. Foi nesse período que se deu a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

Afirma a Bíblia que os dez dedos dos pés da estátua representam igual número de nações remanescentes da férrea potência dos césares, nações estas que estão delineando hoje, na Europa Ocidental, os contornos de um novo império romano, de onde há de sobressair o anticristo.

O profeta Daniel, intérprete fiel dos acontecimentos revelados por Deus a Nabucodonosor, conclui:

> Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro se não mistura com o barro. Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e esse reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre. Da maneira como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem mãos, e ela esmiuçou o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro, o Deus grande fez saber ao rei o que há de ser depois disso; e certo é o sonho, e fiel a sua interpretação (Dn 2.43-45).

A pedra referida por Daniel é Cristo, que afirmou: "Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isso e é maravilhoso aos nossos olhos? E quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó" (Mt 21.42,44).

Pedro corrobora esta mesma doutrina quando escreve: "E, chegando-vos para ele [Cristo], a pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita *e* preciosa" (1 Pe 2.4).

Ao rejeitarem o seu Messias, os judeus tropeçaram na Pedra e foram feitos em pedaços — espalhados e perseguidos por todo o mundo. Mas sobre o governo mundial do anticristo, cuja plataforma será o novo império romano, a pedra cairá e reduzirá tudo a pó!

Salienta Daniel que os povos representados pelos dedos dos pés da estátua "misturar-se-ão com semente humana [casamento], mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro se não mistura com o barro".

De fato, houve ocasião em que a maioria dos monarcas europeus eram membros de uma mesma família, mas daí à unificação da Europa permaneceram enormes barreiras. No século XIX, tantos foram os casamentos entre príncipes e princesas que a rainha Vitória, da Inglaterra e Irlanda (1837-1901), e o rei Cristiano VIII, da Dinamarca (1863-1906), ficaram conhecidos como os avós da Europa. Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, o rei da Inglaterra, o czar da Rússia e o kaiser da Alemanha eram primos entre si!

Pelo poder das armas também não se conseguiu levantar um novo império das cinzas do velho, e os esforços das hordas árabes, tártaras e turcas, bem como as campanhas impetuosas de Carlos Magno, Othon, Carlos V, Felipe II, Luís XIV, Napoleão I, Guilherme II e Hitler foram todas infrutíferas.

Apesar dos fracassos do passado, a união da Europa é hoje uma tremenda realidade! Um passo importante nesse sentido foi dado em 1º de julho de 1979, com a eleição do Parlamento Europeu. Àquela época, sessenta por cento dos 180 milhões de eleitores dos nove países membros elegeram seus 410 representantes.

De 1979 para cá diversos outros decisivos passos têm sido dados na direção do objetivo fixado por Carlos Magno no século VIII: a unidade européia. Como se sabe, o célebre filho de Pepino, o Breve, ampliou os domínios dos francos pelas armas, sonhou com uma Europa unida

e foi coroado imperador dos romanos pelo papa Leão III no dia 25 de dezembro de 800. Estava fundado no Ocidente um novo império, que rivalizava com o do Oriente. Mas o grande guerreiro e estadista morreu em 814, e o seu império começou a enfraquecer-se.

Embora o número de países integrantes da Comunidade Européia seja hoje maior que o número de povos preditos na Bíblia, o décimo país a ingressar na Comunidade Européia foi exatamente aquele que representa as unhas de bronze dos dedos: a Grécia (Dn 7.19).

Daniel deixa claro que o número final de nações que constituirão o império romano nos tempos finais será de dez. A mesma profecia acha-se também no livro de Apocalipse:

> E eu pus-me sobre a areia do mar e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e, sobre os chifres, dez diademas, e, sobre as cabeças, um nome de blasfêmia. E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada (Ap 13.1,11,12).

Segundo a interpretação que o próprio anjo dá a João, as sete cabeças representam as sete montanhas onde a primeira besta está assentada, ou seja, a cidade de Roma, mundialmente conhecida por suas sete colinas. Os dez chifres são os dez reis (reinos), correspondentes aos dez dedos da estátua de Daniel 2, demonstrando que o antigo império romano será restaurado nestes últimos dias para ser reduzido a pó pela Pedra.

O profeta Daniel não deixa dúvidas a respeito, ao afirmar que os dez dedos dos pés da estátua, ou os dez chifres do quarto e terrível animal, serão destruídos

pela Pedra (Dn 7.7,8). E como esta, que é Cristo, ainda não se manifestou em poder e grande glória, o cumprimento dessa profecia está ainda para acontecer.

Alguns intérpretes históricos do Apocalipse procuram ver no papa a primeira besta, e nos Estados Unidos, a segunda. Todavia, essas hipóteses não possuem qualquer fundamento bíblico. A Roma papal está identificada no capítulo 17 de Apocalipse, enquanto o capítulo 13 refere-se ao império romano restaurado, inicialmente sediado em Roma ou diretamente influenciado por essa cidade.

Não dogmatizo sobre matéria tão controvertida. Apenas saliento o ponto de vista de estudiosos da escatologia bíblica, inclusive o meu. Acredito, porém, que quando essas coisas estiverem acontecendo aqui, a Igreja — a fiel Noiva do Cordeiro — já terá sido arrebatada a encontrar o Senhor nos ares, "porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens [...] e assim estaremos sempre com o Senhor" (1 Ts 4.16,17).

Removendo as Dúvidas

Sabeis diferençar a face do céu e não conheceis os sinais dos tempos? (Mt 16.3).

Não poucas pessoas confundem as passagens bíblicas relativas às guerras previstas para os tempos finais. As Escrituras fazem referência a grandes batalhas:

- A batalha de Gogue, travada principalmente nas montanhas de Israel, embora se faça referência a grandes choques navais.

- A batalha do anticristo, no vale do Armagedom, após o arrebatamento da Igreja e antes do estabelecimento do milênio e ao final da septuagésima semana de Daniel.
- A tentativa de Satanás, no final do milênio, de atacar a cidade amada, será frustrada por Deus, que intervirá em defesa de seus santos.

Também defendemos, no presente capítulo, firmados em inúmeras e claras passagens bíblicas, a tese de que a Igreja não passará pela Grande Tribulação. Esperamos não a tribulação, mas a pessoa bendita de nosso Senhor Jesus Cristo.

Ao interpretarem Gogue como sendo o anticristo, alguns comentaristas das profecias bíblicas concluem que Ezequiel 38 e 39 só se cumprirão após o arrebatamento da Igreja. Firmam-se na passagem:

> Sabeis o que atualmente o retém, de maneira que só a seu tempo ele se manifestará: porque o mistério da iniqüidade já está em ação, apenas esperando o desaparecimento daquele que o impede. Então se manifestará o Ímpio, que o Senhor Jesus destruirá com o sopro de sua boca, aniquilando-o com o resplendor de sua Vinda (2 Ts 2.6-8).[57]

Todavia, esse texto refere-se à manifestação do anticristo, do qual Gogue é apenas um precursor, como o foram Antíoco Epifanes, Adolfo Hitler e outros. O anticristo será não um povo, ou uma confederação de nações, mas sim um homem. É o que afirma claramente o apóstolo:

> Que ninguém vos engane de forma alguma. Há de vir, antes, a apostasia, há de manifestar-se o Homem ímpio, o Ser perdido, o Adversário, que se levanta contra tudo

> o que tenha o nome de Deus, ou seja objeto de culto, chegando ao ponto de sentar-se, ele próprio, no santuário de Deus, ostentando-se como se fora Deus. O aparecimento do Ímpio será acompanhado, por influência de Satanás, de toda a sorte de milagres, sinais e prodígios falsos, bem como de todas as seduções do mal, para aqueles que se perdem, por não terem abraçado o amor da verdade, que os salvaria (2 Ts 2.3,4,9,10).[58]

Portanto, infere-se do texto supra que o anticristo será judeu, e não russo, e o seu trono final será Jerusalém, e não Moscou. Surgirá como o Salvador do mundo e o Messias dos judeus, cumprindo-se as palavras de Jesus: "Vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis" (Jo 5.43, ARA). Gogue será derrotado nas montanhas de Israel e não chegará a ocupar o trono de Davi, na Cidade Santa.

A confusão de muitos decorre do seguinte texto de Apocalipse: "E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número *é* como a areia do mar, para as ajuntar em batalha" (Ap 20.8). Mas Gogue e Magogue têm aqui sentido diverso, pois simbolizam os inimigos declarados do povo de Deus, que marcharão contra a Nova Jerusalém (não a velha cidade) sob o comando de Satanás (não o anticristo), no final do Milênio (e não antes).

Recapitulando, as Escrituras fazem referência a duas grandes batalhas, sendo: a) a batalha de Gogue, nos montes de Israel, que poderá ocorrer tanto imediatamente antes do arrebatamento da Igreja como imediatamente após; e b) a batalha do anticristo, no vale do Armagedom, após o rapto da Igreja e antes do estabelecimento do Milênio, ao final da septuagésima semana profética de Daniel.

Ao final do Milênio, Satanás planejará uma batalha contra a Nova Jerusalém, mas não conseguirá seus objetivos: "E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu e os devorou. E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre" (Ap 20.9,10).

Finalmente, a ação predatória de Gogue e seu bando será de caráter político e econômico e não contará com o apoio de todas as nações. O próprio Deus os induzirá a tal iniciativa, pois o seu nome será glorificado na humilhante derrota deles.

Guerras diferentes

Como vimos, os capítulos 38 e 39 de Ezequiel não tratam do conflito do Armagedom, pois este tem características diferentes e acontecerá no final da Grande Tribulação. Será uma época de terrível angústia e sofrimento para todo o mundo, mas especialmente para o povo hebreu, antes de sua conversão final a Cristo.

Há, portanto, uma diferença muito grande entre estas duas guerras profetizadas na Bíblia. Em Ezequiel, Deus mesmo guerreia contra Gogue nos montes de Israel, enquanto no Armagedom todas as nações são reunidas com um propósito único: "Congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá; e ali com elas entrarei em juízo, por causa do meu povo e da minha herança, Israel, a quem eles espalharam entre as nações, repartindo a minha terra" (Jl 3.2). E mais adiante: "Movam-se as nações e subam ao vale de Josafá; porque ali me assentarei, para julgar todas as nações em redor" (Jl 3.12).

Nessa guerra final, ninguém se colocará ao lado do povo israelita, a não ser Jesus Cristo (Jl 3.12; Ap 19.11),

enquanto na invasão liderada por Gogue algumas nações desafiarão o poder do Grande Urso. "Sabá, e Dedã, e os mercadores de Társis, e todos os seus leõezinhos te dirão: Vens tu para tomar o despojo? Ajuntaste o teu bando para arrebatar a presa, para levar a prata e o ouro, para tomar o gado e as possessões, para saquear grande despojo?" (Ez 38.13).

"Sabá, e Dedã, e os mercadores de Társis, e todos os seus *leõezinhos*" (grifo meu), parece indicar claramente a Inglaterra, que tem o leão como o seu símbolo e o de sua comunidade de nações, inclusive os Estados Unidos da América e Canadá, que foram inicialmente colonizados pelos britânicos. "Társis" deriva-se de Tartesus, que era uma província da Espanha, abrangendo a área hoje conhecida por Gibraltar, pertencente ao Reino Unido.

Ainda mais alguns contrastes:

- Na primeira guerra, o objetivo principal é tomar o despojo; na segunda, o propósito é destruir os judeus e provocar a Deus.
- Na batalha contra Gogue, os mortos são sepultados; no Armagedom os cadáveres ficarão insepultos (Ez 39.12; Ap 19.18).
- Na invasão do Oriente Médio, predita por Ezequiel, a confederação do Norte será a provocadora, mas na batalha final, no vale de Josafá, a provocação partirá do próprio anticristo e de todas as nações (Ez 39.12; Ap 19.18).
- Na primeira batalha, os russos serão motivados pelo ódio aos judeus; na segunda, o ódio do anticristo e de todas as nações será contra Deus, Jesus e Jerusalém (Zc 13.2,3). Todavia, "o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, eleitos e fiéis" (Ap 17.14).

Redenção ou tribulação?

A Bíblia Sagrada não afirma se a Igreja ainda estará aqui quando da tentativa de ocupação da Palestina por parte da Rússia, mas dá a entender que tal fato poderá ocorrer um pouco antes ou um pouco depois do arrebatamento, como já dissemos. A derrocada dos exércitos vermelhos na Terra Santa precipitará uma série de medidas políticas e religiosas de âmbito mundial e preparará o mundo, em todos os seus aspectos, para o cumprimento das predições bíblicas para essa época.

Se existem divergências em alguns pontos menos importantes, numa coisa, entretanto, a maioria dos estudantes da Bíblia estão perfeitamente concordes: a Igreja não deve esperar a Grande Tribulação — a ira futura —, mas sim o glorioso arrebatamento. "Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Ts 5.9).

O Senhor Jesus afirma: "Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra" (Ap 3.10).

Apontando os nossos dias, Jesus disse:

> E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira e para todas as árvores. Quando já começam a brotar, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão. Assim também vós, quando virdes acontecer essas *coisas*, sabei que o Reino de Deus está perto (Lc 21.29-31).

A nação israelita não constitui apenas o centro geográfico do mundo, mas também o centro nevrálgico da política internacional. Mesmo no auge da crise vietnamita, quando a imprensa internacional destacava bombasticamente os mais importantes acontecimentos daquele conflito, para os principais comentaristas e

estudiosos dos problemas do mundo, todavia, o verdadeiro barril de pólvora sempre foi o Oriente Médio, em decorrência da presença ali do novo e progressista Estado de Israel.

As grandes potências, bem como praticamente todas as nações do globo, incluindo-se o Brasil, têm orientado sua conduta em função do problema árabe-israelense, acerca do qual nenhum país consegue ficar realmente neutro.

Essa evolução dos acontecimentos no mundo político e religioso, o milagroso renascimento de Israel e a crescente centralização nesse pequeno país das atenções, interesses e preocupações de todos os povos mostram a rápida aproximação do verão profético, a assinalar a breve volta de Cristo.

9

O Anticristo

O homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus (2 Ts 2.3,4).

A Bíblia afirma e todos concordam num ponto: a besta será realmente um homem, um líder autêntico, revestido de poderes paranormais. "E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse" (Ap 13.13,14).

Possivelmente, uma espécie de Uri Geller, em dimensão muitas vezes superior.

Muito antes de esse jovem judeu apresentar-se na televisão brasileira, tomei conhecimento das realizações dele em outros países e fiquei surpreendido com o seu incrível poder de influenciar pessoas ou coisas. O que ele fez no Brasil é irrelevante em relação às assombrosas manifestações de poder demonstrada em outros países. O pastor Gerson Rocha, que pesquisou o assunto, escreveu em um periódico paulistano:

> Tudo começou quando ele, aos três anos de idade, em 1949 num jardim árabe, defronta-se com um fenômeno ignolucífero de grande esplendor, que o escolhe para importante missão neste mundo, o que entendemos e constatamos à medida que volvemos as páginas dos livros.
>
> As espantosas coisas sobrenaturais que ele realiza ganham autenticidade por terem sido reconhecidas por iminentes [sic] e renomados cientistas — de Israel, da Europa e dos Estados Unidos, entre os quais figura o conhecidíssimo Werner Von Braun. E tudo foi feito em laboratórios, preparados de tal sorte onde a fraude seria impossível e onde os maiores mágicos do mundo nada puderam fazer.
>
> Entre as inumeráveis coisas sobrenaturais que ele realiza, encontram-se: a mudança das estruturas dos metais; a transformação de chumbo em ouro; a entortadura de ferros em geral; a paralisação de máquinas — inclusive computadores; o desabrochamento de botões de flores; o desaparecimento de objetos e seu reaparecimento em lugares impossíveis; o germinar de sementes e aumento de seu tamanho em questão de segundos; a teletransportação de objetos, como por exemplo: um objeto, de propriedade do Dr. Andrija (autor de um dos livros sobre Geller), foi trasladado de Nova Iorque a Israel — 10 mil km de distância — com a velocidade do relâmpago!

> O próprio Uri Geller foi transportado a Ossining, numa fração de segundos, estando antes na cidade de Nova Iorque, sendo que as duas cidades estão separadas por uma distância de quase 50 km! E tudo tem sido irrecusavelmente constatado! Da Inglaterra, ele pôde realizar coisas espantosas na França e na Noruega. Governos e líderes mundiais importantes estão preocupados com ele e têm tido reuniões secretas. Soldados e oficiais do Exército Israelense passaram a ter, por Uri Geller, um temor reverente, e por causa dele e da situação de Israel, a esperança da vinda do Messias dos judeus se reacendeu, enquanto o Andrija se esforça por encontrar a maneira correta de transformá-lo num líder forte.
>
> Vozes jamais gravadas numa fita cassete nunca usada antes falam e instruem Uri Geller sobre a missão urgente que ele tem que desempenhar no mundo, no que se refere à paz e à destruição dos poderes bélicos dos homens, notadamente as armas nucleares; elegem o Dr. Andrija Punharich como promotor de Uri nos meios científicos e no mundo em geral; e se autentificam por meio de *naves espaciais* que visitam constantemente o nosso planeta e se identificam como *Os Nove Princípios* que se apresentam como *eneaúno* — Deus com o nome de Hoova — tentando imitar, como foi fácil descobrir, o nome de Jeová, que no hebraico é Iehovah. A mais importante destas naves, já vistas por muitos, chama-se *Spectra*. Elas explicam o aparecimento de seres extraterrestres que cercam e protegem Uri e Andrija.[59]

O pastor Rocha explica ainda que Uri, no hebraico, significa "minha luz", e que ao dizer "Uri Geller" o mundo, inconscientemente, acaba dizendo "*minha luz* é Geller".

O próprio Geller, em sua autobiografia, conta um incidente ocorrido com o Dr. Von Braun:

> Pedi que o Dr. Von Braun tirasse sua grossa aliança de ouro do dedo e a pusesse na palma aberta da mão. Comecei a me concentrar nela. Botei minha mão perto da dele, cuidando para não tocar nem na mão nem no anel. De repente o anel entortou, adquirindo um formato oval. O Dr. Von Braun admitiu que antes estava céptico, mas que agora tinha ficado completamente espantado. Não conseguiu encontrar explicação para o fenômeno. Mais tarde declarou a um repórter: "Geller entortou minha aliança de ouro sem tocar nela, enquanto estava na palma de minha mão. Não entendo como pôde fazer isso. Não conheço nenhuma explicação científica. Só sei que o anel antes era redondo. Agora está oval".[60]

Ao tomar ciência desses fatos, minha mente voltou-se para a Palavra de Deus e convenci-me de que ali estava, quem sabe, um precursor do anticristo, o qual exercerá influência numa escala incomparavelmente maior. É possível que, quando o novo império romano começar a exercer seu controle sobre as nações ocidentais da Europa, o anticristo surja assombrando a todos e ditando soluções para o caos econômico, político, moral e espiritual em que o mundo se encontrará.

O exemplo da História

Tanto na história bíblica como na secular, temos abundantes exemplos de que muitos dominadores do povo têm recebido tratamento dispensado apenas à divindade. Desde Ninrode, neto de Noé, até o imperador japonês de nossos dias, muitos homens e mulheres poderosos passaram a ocupar o panteão das nações pagãs.

No império medo-persa vemos essa tendência na atitude dos inimigos de Daniel, que obtêm de Dario o decreto segundo o qual ninguém poderia orar a qualquer deus senão ao próprio imperador (Dn 6.1-28).

Nos dias apostólicos, Herodes Agripa I, trajando vestes reais, discursava aos moradores de Tiro e Sidom, e estes exclamavam: "Voz de Deus, e não de homem!" (At 12.22). Teria Herodes sido influenciado pelo culto ao imperador, que então se praticava em todo o mundo romano?

Nessa época de supremacia romana, havia em toda a parte templos erigidos em honra dos césares, os quais adotavam o título de *avgvstvs* (augusto), aplicável somente a seres divinos ou divinizados. Afirma-se que quando morria um imperador, os que dirigiam a cerimônia fúnebre soltavam uma águia, que mantinham escondida, como se ela fosse a alma divina do falecido, subindo ao céu. Tudo isso tinha o propósito de reforçar a crença das massas populares na divinização do imperador.

Por tratar-se de tempos obscuros aqueles em que se cultuava o imperador, não estranhamos tanto. Mas quem poderia supor que justamente em um dos países mais cultos do mundo, e em pleno século das luzes, pudesse levantar-se um ditador que fosse, literalmente, adorado como um verdadeiro deus?

Assim aconteceu na politizada Europa e na inteligente Alemanha. Por isso a ascensão de Adolf Hitler e a espiritualização de seu partido político servem também para mostrar a todos nós quão vulneráveis são as democracias e quão confiáveis são os vaticínios da Palavra de Deus.

O próprio ditador referiu-se ao nazismo como a uma religião superior. Disse ele:

> Todo aquele que vê no Nacional Socialismo nada mais do que um movimento político não sabe muito sobre ele [...] nós rapparemos o verniz cristão e exibiremos uma religião peculiar para a nossa raça.

Outro importante testemunho é o de Louis Bertrand, da Academia Francesa. Convertido ao nazismo, Bertrand exultou com o seu novo messias:

> Que inexcedível, que herói nacional tem jamais sido aclamado, adulado, adorado e cultuado como Hitler [...] seguido de seu cortejo. Isto é alguma coisa totalmente diferente do que mera popularidade, isto é religião! Aos olhos de seus admiradores, Hitler é um profeta, o partícipe do divino!

O historiador William Shirer, autor do best-seller *Levantamento e queda do Terceiro Reich*, escreveu acerca de Hitler:

> Hoje, tanto como a vasta maioria de seus seguidores compatriotas entendem, ele tem alcançado o pináculo jamais antes alcançado por um rei alemão. Ele se tem tornado — ainda antes da sua morte — um mito, uma lenda, talvez um deus, com aqueles atributos da divindade com que os japoneses imputam ao seu imperador.

Joseph Goebbels, ministro de propaganda do nazismo, foi outra pessoa de elevada cultura. Disse ele:

> Ele é um instrumento criador de morte e divindade. Eu me ponho de pé por ele profundamente comovido [...] reconhecendo-o como o meu líder [...] Ele é profundo e místico, como um profeta do passado. Com um homem assim se pode conquistar o mundo.

Finalizamos esta série de testemunhos com as palavras do Dr. Ley, chefe da frente de trabalho nazista:

> Nossa fé [...] é o Nacional Socialismo, e essa fé religiosa não tolera nenhuma outra fé ao lado dela.

Anticristo e falso cristo

Há uma diferença flagrante entre anticristo e cristo falso (Mt 24.24). O cristo falso não nega a pessoa de

Cristo, mas explora os sentimentos, o fanatismo e as esperanças do povo com respeito a essa Pessoa e, como blasfemo que é, afirma ser ele mesmo o Cristo esperado e o que veio cumprir todas as promessas de Deus contidas nas Escrituras. Já o anticristo nega que haja um Cristo, enquanto o cristo falso não nega a existência dEle, mas afirma ser ele mesmo esse Cristo.

O mundo, principalmente nestes últimos tempos, tem conhecido centenas de cristos falsos em todo o mundo. Em 1986, em uma conferência em Amsterdã, Billy Graham afirmou que havia mais de quatrocentos falsos cristos somente na cidade de Los Angeles.

Cedo a palavra a um eminente teólogo:

> A idéia de oposição direta a Cristo parece ser mais uma característica da primeira besta [a força política], do que da segunda besta, que procurará imitar e falsificar o Cristo verdadeiro. Se tivéssemos de identificar uma das bestas com o anticristo, seria mais razoável identificá-lo com a primeira besta, mesmo que o espírito das duas bestas seja o de um anticristo no sentido verdadeiro da palavra.
>
> Pode ser que João, ao usar o termo "anticristo", estivesse se referindo ao espírito e ao sistema corrupto de rebelião, de anarquia e de blasfêmia que iriam caracterizar as duas bestas (2 Ts 2.7). Esse mesmo espírito de iniqüidade, característico do anticristo, opera ainda hoje; e quem nega a Cristo está andando no mesmo sistema de apostasia e de rebelião que, finalmente, irá culminar na manifestação das atividades abomináveis de ambas as bestas.
>
> A primeira besta fingirá um pacto com Israel, cedendo o terreno que a ele pertence e, depois, no meio da Semana Setenta de Daniel, quebrará a sua promessa e iniciará uma grande perseguição contra o mesmo Israel (Dn 9.27).[61]

O anticristo não apenas prometerá solução para o mundo, mas será acreditado aos olhos de todos, pelo seu alto poder de liderança. Pelos judeus, será recebido não apenas como o salvador do mundo, mas também como o seu messias — e então assentar-se-á no templo de Deus, "querendo parecer Deus".

O número da besta

O apóstolo João fecha sua descrição da besta que subiu da terra com um verdadeiro enigma:

> Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, porque é número de homem; e o seu número *é* seiscentos e sessenta e seis [Ap 13.18].

As letras, tanto no hebraico como no grego, têm valor numérico, não da mesma forma que no latim, onde apenas uma vogal e seis consoantes — I=1; V=5; X=10; L=50; C=100 e D=500 — constituem o sistema numérico romano. Mas talvez seja significativo que a soma dessas letras romanas dê *666*:

$$1 + 5 + 10 + 50 + 100 + 500 = 666$$

Acham alguns que, embora João tenha escrito no grego, referia-se à numeração hebraica; outros são da opinião de que a besta seria mesmo distinguida na escrita grega; finalmente, existe um terceiro grupo, que procura aplicar o *666* a conhecidos inimigos da igreja, valendo-se de algarismos romanos.

Bossuet usa a gematria romana para explicar que o terrível perseguidor da Igreja, Diocleciano, era Diocles.

> Para fazer daqui o imperador que São João designou pela Besta, não é necessário mais do que ajuntar ao seu nome particular Diocles, a sua qualidade Augustos, que os imperadores com efeito costumavam ajuntar a seus nomes. Feito isto, logo dum golpe de vista aparece nas letras dos latinos (que destas convém que se use, visto tratar-se de um imperador romano) o número 666, Diocles Avgvstvs, DCLXVI. Eis aqui o grande perseguidor, que São João representou de tantas maneiras. Eis aqui o que Juliano fez reviver: por isso antes se marca o seu nome do que o de Juliano.[62]

Ainda segundo esse método, o papa já foi identificado como a besta, em razão dos títulos que adota, alguns deles gravados nas sua tiara pontifícia, e cuja soma dá o sombrio e misterioso 666. Eis aqui alguns títulos papais, em língua latina: *Vicarivs Filii Dei* (Vigário Filho de Deus) e *Vicarivs Generali Dei in Terris* (Vigário Geral de Deus na Terra). A soma, tanto de um como de outro, dá 666!

Usando-se os mesmos algarismos romanos, o sombrio 666 já foi aplicado até mesmo a Ellen Gould White, vidente e profetisa do sabatismo, considerando-se, como se fazia no passado, o "u" como "v", e o "w" como dois "vv". Fazemos tal referência apenas para salientar a vasta aplicabilidade do obscuro sinal da besta tomando-se por base de cálculo a gematria romana. [63]

A Bíblia identifica a besta como um homem no sentido restrito da palavra, e não como uma mulher ou um sistema religioso ou político, como o papado, Concílio Mundial de Igrejas, Organização das Nações Unidas, Comunidade Econômica Européia etc. Através dos séculos, foi esse método largamente empregado para enfarpelar dezenas de inimigos e perseguidores do cristianismo e dos judeus, desde o período apostólico até os nossos dias.

Sendo seis o número do homem, o *666* seria então, como já vimos, a imperfeição máxima e radical do ser humano, uma espécie de auto-suficiência, extrema e frontal recusa em chegar até o sete, que é o número de Deus. De fato, a Bíblia mostra de muitas maneiras a relação do homem com o número seis: foi criado no *sexto* dia e deve trabalhar *seis* dias na semana. No episódio de Davi e Golias, este gigante era da altura de *seis* côvados e possuía uma lança de *seiscentos* siclos de ferro. A estátua de Nabucodonosor apresenta igualmente o número seis e seus múltiplos: *sessenta* côvados de altura e *seis* de largura (1 Sm 17.4-7; Dn 3.1).

Em Golias, vemos o homem na sua força, desafiando os exércitos de Deus e ao próprio Deus; na imagem de ouro de Nabucodonosor, o resultado do orgulho humano, buscando para si mesmo um nome. Em ambos os casos, tanto o gigante filisteu quanto o rei babilônico são precursores do anticristo.

Na opinião de um dos maiores mestres da gematria, E. W. Bullinguer, é ridículo o uso dos algarismos romanos para identificar o anticristo, uma vez que para tal fim devemos limitar-nos apenas "ao hebraico e ao grego, que não possuíam sinais arábicos ou especiais para cifras".[64]

Rejeitando como espúria a gematria romana, Bullinguer vê no *666* o ápice da soberba humana:

> Se seis é o número da perfeição secular ou humana, então o *66* é uma expressão mais enfática do mesmo, e *666* é sua expressão concentrada. O número *666* é, portanto, a trindade da perfeição humana; a perfeição da imperfeição; o ápice da soberba humana independente de Deus e em oposição a Cristo.[65]

De acordo com Bullinguer, o número 666 era usado nos antigos mistérios pagãos como um símbolo secreto relacionado com a adoração do diabo. O correspondente moderno daqueles mistérios é o movimento da Nova Era, que acopla em si mesmo o espiritismo em suas variadas formas, a teosofia, a astrologia, a ufologia, a maçonaria e diversos outros grupos ocultistas.

Era comum os antigos mistérios pagãos trazerem estampado o número seis, e por isso o grande símbolo secreto era SSS, porque a letra "s" (estigma), no alfabeto grego, simbolizava o número seis. Mas essa letra, em uma forma peculiar semelhante a uma serpente, era misteriosamente inserida em sexto lugar na ordem alfabética em lugar da *zeta*.

É curioso que a palavra "estigma" significa "uma marca", especialmente aquela feita com um ferro em brasa, tal como se marcava gado, escravos ou soldados a fim de identificá-los como propriedade de seus senhores, ou mesmo devotos que assim se deixavam marcar como pertencentes a seus deuses. Bullinguer comenta:

> Não sabemos por que esta letra e este número permanecem assim associados, exceto que ambos estavam intimamente relacionados com os mistérios egípcios. As três letras SSS eram o símbolo de Ísis, que estava assim relacionada com o 666. Além disso, a expressão desse número consiste nas letras inicial e final da palavra Cristo, ou seja, com o símbolo da serpente entre ambos.[66]

Outras interpretações do 666

Considerando Apocalipse 17.11 como identificação paralela da besta, que afirma: "E a Besta, que era, e que já não é. É ela também a oitava: É ela também uma das sete, e caminha à sua perdição" (Figueiredo), podemos chegar ao

mesmo resultado por outro caminho. O número triangular de oito é 36, e o triângulo de 36 é 666.

O leitor poderá comprovar esse fato somando os números 1 a 8 (inclusive) e da mesma forma 1 a 36. Assim, a besta, que é a oitava, seria o mesmo anticristo. O sistema triangular, largamente empregado no passado, conduziria, destarte, ao mesmo resultado. De acordo com J. J. Von Allmen,

> 666 é o número triangular de 36, por sua vez o triangular de 8, podendo-se estabelecer uma identidade entre 666 e 8. De fato, encontramos o 8 como símbolo da Besta em Apocalipse 17.11 [...] Notemos que o procedimento gemátrico possibilitou enfarpelar com o 666 todos os tiranos que no transcurso da história perseguiram a Igreja, permanecendo assim este número bem vivo através da história.[67]

Na minha opinião, o cálculo triangular que conduz ao 666 serve para mostrar o caráter anticristão da falsa Igreja Romana, a mãe das prostituições da terra, identificada no texto em apreço no sentido em que São João usa o termo anticristo em suas cartas, referindo-se ao erro doutrinário.

A sua tríplice repetição, 666, aplicado ao anticristo (Ap 13.18), significa a recusa de passar até ao sete, que é o número de Deus. Mas o 666 representa, ainda, a trindade satânica: *dragão, besta* e *falso profeta*, como a falsificação e a negação da divina Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, cujo número equivalente é 777.

Um número impresso na carne

Acerca da possibilidade de a marca da besta ser gravada na testa ou na mão, como afirma a Bíblia, praticamente ninguém hoje duvida. Nossos dias assistem a uma impetuosa multiplicação do conhecimento hu-

mano. Este dobrou de 1775 a 1900, depois de 1900 a 1950, depois de 1950 a 1958 e desde então já duplicou várias vezes!

A rapidez com que o saber aumenta tem levado os cientistas a alterarem suas mais otimistas previsões para o futuro. A tecnologia desenvolveu-se a ponto de produzir máquinas quase humanas. Somente nas indústrias japonesas dezenas de milhares de robôs substituem operários em diferentes atividades, e a Inglaterra trabalha na produção de milhares de máquinas que "ouvem", "vêem", andam, sobem e descem escadas etc.

Em muitas áreas, esse incrível desenvolvimento já alcançou a ficção científica e até a ultrapassou, pois tudo o que já se escreveu acerca de um registro geral da população pode hoje concretizar-se perfeitamente dentro das características indicadas no capítulo 13 de Apocalipse, onde se diz que o anticristo "faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita ou na testa, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome" (vv. 16,17).

O reverendo Willard Cantelon, professor de Escatologia em Bruxelas, diz:

> Quase diariamente começamos a ouvir sugestões para que cada homem receba um número para a vida toda e que poderia ser impresso de forma permanente em sua carne. Ouvi, na Europa, que o orador falava numa estação radiofônica de Frankfurt sobre a idéia de tatuar no rosto o número de um homem. Quando feito na carne, diziam eles, o número não pode perder-se, nem pode ser roubado do seu dono.
>
> Nos Estados Unidos, falei com um amigo que trabalhava no Northwest National Bank. Ele falou do progresso que se fazia nos laboratórios, no sentido de desenvolver

> uma tinta invisível, não tóxica, que seria tatuada na carne humana, invisível à luz normal, mas claramente legível sob uma luz especial.[68]

É hoje fora de dúvida que a tecnologia do computador torna possível que se emita para cada indivíduo um único cartão de crédito, e, para garanti-lo contra perda, furto ou falsificações, seu número "pode ser fixado fotograficamente na testa ou nas costas das mãos, visível unicamente sob raios ultravioletas".

Outro valioso testemunho é o de John Wesley White. Em seu precioso livro prefaciado por Billy Graham, ele afirma que "existe atualmente um processo em virtude do qual pode imprimir-se em forma invisível e indelével um número na mão ou na testa, mediante um dispositivo eletrônico, e tal número pode ler-se [sic] com um instrumento, de um relance".[69]

Muitos são da opinião de que após a invasão de Israel pelos russos e o desastroso fim destes nas montanhas de Israel, os povos europeus serão unificados pelo medo, "na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo" (Lc 21.26). E optarão por um governo mundial.

Essa opção significará a concretização dos anseios de ecumenistas, sincretistas e cientistas nucleares modernos, pregadores de uma só religião e de um só governo para o mundo. A fiel Igreja de Cristo, entretanto, será tirada da terra antes da manifestação desse premier do mundo, tantas vezes referido na Bíblia. "Ora, quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima" (Lc 21.28). Maranata!

Desfecho Final

Ora, quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima (Lc 21.28).

Paz árabe-israelense?

O mundo todo desfruta, ainda, o resultado dos heróicos gestos do presidente Anuar Sadat, do Egito, e do premier Isca Begin, de Israel, ao superarem as barreiras antes consideradas intransponíveis e negociarem diretamente um acordo de paz para os seus povos. Ambos pagaram com a vida o seu gesto pacificador, mas graças a eles o mundo viu-se, de

repente, diante de um verdadeiro milagre, a ponto de os editorialistas recorreram mesmo à terminologia e escatologia bíblicas para explicar o encontro dos dois chefes de Estado, outrora inimigos, dispensando-se intermediários benignos ou malignos e chegando ao aperto de mãos.

Os resultados positivos do histórico encontro produziram um alívio internacional. O "barril de pólvora" — como tem sido chamado o Oriente Médio — já se mostra menos explosivo do ponto de vista estratégico. Porém, à luz da Bíblia, as montanhas de Israel e o vale de Josafá ainda verão o derramar de muito sangue. Gogue e seu bando abater-se-ão, segundo Ezequiel 38 e 39, sobre a descendência de Abraão para obter o triunfo não conseguido através dos árabes, e, finalmente, após o arrebatamento da Igreja, o anticristo e seus exércitos tentarão esmagar o povo de Israel. Em tudo, porém, o "bichinho de Jacó" será vencedor, pois Deus lutará por ele.

A infalível Palavra de Deus não está alheia aos últimos acontecimentos da Terra Santa. Ela prevê a humanamente impossível paz árabe-israelense, reunindo debaixo da proteção divina a descendência de Abraão segundo Isaque (judeus) e Ismael (árabes):

> Naquele dia [...] os egípcios adorarão com os assírios ao Senhor. Naquele dia, Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra. Porque o SENHOR dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança (Is 19.23-25).

A grande tribulação

É opinião corrente entre os crentes de que o período da Grande Tribulação, predito nas Escrituras Sagradas, será caracterizado pelo domínio de uma trindade maligna, constituída pelo *dragão*, pela *besta* e

pelo *falso profeta*, na qual sobressairá a besta, ou seja, o anticristo.

O primeiro será a fonte de todo o mal espiritual, o inspirador e sustentador de toda iniciativa político-religiosa. A besta encarnará uma terrível força política, de orientação satânica, infinitamente superior ao poder exercido por Stálin ou Hitler. O terceiro, identificado também na Bíblia como a segunda besta, será o poder religioso apóstata, do tipo preconizado pelos ecumenistas e sincretistas de nossos dias.

A Bíblia ensina que essa tríade diabólica enganará e seduzirá as nações, levando-as a prestar ao anticristo um culto apaixonado. Que isso é perfeitamente possível, atesta-o a história, pois o Führer (Hitler), como já vimos, foi venerado por muitos, e a sua imagem chegou a ser literalmente adorada.

Todavia, o governo do anticristo só acontecerá durante a última semana profética de Daniel — a septuagésima — depois do arrebatamento da Igreja, pois a Palavra de Deus afirma: "Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que, agora, resiste até que do meio seja tirado; e, então, será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; a esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira" (2 Ts 2.7-9)

A grande igreja vindoura

Mas já em nossos dias essa influência satânica opera no mundo — o mistério da injustiça —, particularmente através de entidades como o Concílio Mundial de Igrejas (CMI), que congrega mais de seiscentos milhões de adeptos, e cujo objetivo primordial é a união de

todas as crenças em conflito, para que o mundo tenha uma só religião. Numa só palavra, isso quer dizer sincretismo. O símbolo do CMI é todos no mesmo barco: catolicismo, protestantismo, budismo, espiritismo, islamismo etc.

Convictos da necessidade das diversas confissões religiosas se unirem para a formação da *grande igreja vindoura*, os ecumenistas modernos não se importam com o caráter teológico que essa super-igreja venha a adquirir. E para tanto eles têm-se empenhado na depreciação das doutrinas bíblicas fundamentais, atacando mesmo a pessoa de Cristo. Em Nova Délhi, no ano de 1961, o CMI afirmou, na pessoa de um de seus mais destacados líderes:

> Dentro da Igreja Cristã sempre se tem levantado o perigo de, ao procurar estabelecer ou proclamar o caráter único de seu Senhor, desprezar todas as outras luzes e depreciá-las. Não é esse o caminho de Jesus, de modo algum. Ele não considerou o mundo como sendo igualmente entenebrecido em todos os lugares [...] Não podemos evitar a pedra de tropeço que isso pode levantar, fingindo que ele (Cristo) é apenas uma luz entre outras. Ele não tem a intenção de competir com as luzes do mundo.

Essa deslavada blasfêmia contra a pessoa de Cristo e grave ofensa à infalível Palavra de Deus tem sido uma constante nos concorridos encontros internacionais da entidade. Percebe-se que o movimento ecumênico mundial tem um claro e precípuo objetivo: desacreditar a Bíblia e fazer de Jesus apenas um mito.

Dessa maneira, o CMI pretende nivelar todas as correntes religiosas do mundo — cristãs e pagãs — e em seguida enfeixá-las numa super e única igreja, bem ao gosto do vindouro falso profeta.

Governo mundial

Paralelamente à campanha ecumenista pela criação de uma igreja mundial, desenvolve-se hoje, nos meios religiosos e políticos, um vigoroso movimento visando um só governo para o mundo. A iniciativa decorre da dificuldade que têm os governos livres em solucionar sérios problemas de carestia e subversão, este último fomentado por regimes totalitários que disputam o domínio do mundo.

Em muitos países, esse estado de insegurança tem levado ao poder ditadores sanguinários, como tem acontecido por trás das cortinas de ferro e de bambu e em todos os continentes. A Uganda, o Camboja, a Líbia, o Iraque e Cuba são apenas alguns exemplos do que podem fazer regimes de terror.

Se a Segunda Grande Guerra teve por objetivo eliminar a ditadura como forma de governo, como se afirma, então ela ficou longe de alcançar o seu objetivo. Parece que o trágico destino dos povos é o de cair presa de cruéis regimes totalitários, até chegar, finalmente, ao governo mundial do anticristo.

Uma palavra final

Certa vez Jesus repreendeu seus negligentes ouvintes com estas palavras: "Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?" (Mt 16.3, ARA). E depois disse aos seus discípulos: "Olhai para a figueira [Israel] e para todas as árvores [demais nações]. Quando já começam a brotar, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão" (Lc 21.29,30). Por essas palavras é evidente a necessidade de sabermos a que hora estamos vivendo no relógio divino, pois a volta de Jesus pode estar mais próxima do que pensamos.

Já se ouve no mundo, em meio ao caos político, social e religioso, o grande clamor da meia-noite. "Aí vem o noivo, saí ao seu encontro" (Mt 25.6, EC). A hora é de vigilância e de discernimento dos sinais dos tempos. Devemos manter acesas as lâmpadas e cheios os nossos depósitos de azeite, a fim de recebermos aquEle que há de vir. Tem um sentido especial hoje a advertência de Jesus: "Quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima" (Lc 21.28).

A Bíblia não nos ensina a esperar os sinais, mas a Jesus. Ele não diz: "quando estas coisas *terminarem* de acontecer", mas: "*começarem* a acontecer." E, pelo que vemos hoje, os sinais *já começaram* a acontecer. Guerras e rumores de guerras, pavorosos terremotos, devastadores furacões, as nações preparando-se para os grandes eventos futuros, o movimento ecumênico estruturando a babélica *grande igreja vindoura*, e o derramamento do Espírito Santo sobre o povo de Deus testificam do adiantado da hora em que vivemos.

Para não nos alongarmos muito nesse campo realmente fértil, vejamos apenas o que se está passando na área da genética, ramo da biologia que se ocupa da hereditariedade, das diferenças entre os seres vivos, das suas causas e das leis da transmissão dos caracteres individuais. Em 1968, 82 especialistas, dos mais famosos do mundo, estabeleceram algumas prováveis datas para as conquistas genéticas e biomédicas: 2007, a regeneração de membros e órgãos; 2012, o aperfeiçoamento da inteligência e, talvez para antes de todas essas datas, as drogas de controle mental e os transplantes generalizados etc.

Os sinais parecem apontar a vinda de Cristo para a nossa geração. E, se o leitor ainda não possui a bem-aventurada esperança do breve regresso de Cristo, que

o assunto deste livro o leve a tomar uma decisão sábia e urgente. Somente em Jesus Cristo há perdão, salvação eterna e perfeita segurança. Ele é o refúgio certo contra as tempestades que já ameaçam este mundo perdido.

Ora vem, Senhor Jesus! Que assim seja!

O Seu esplendor e a glória veremos / Do mundo, então, nós por fim sairemos.

Assim, grande gozo no céu fruiremos / Jesus breve vem nos buscar.

Cristo, que há de vir, virá! Ele não tardará. / Sim, Jesus vem! Aleluia!

Aleluia! Amém! Aleluia! Amém![70]

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] Suetônio, *A vida dos doze césares*, São Paulo, Atena, p.350-351.

[2] Joseph-François Michaud, *História das cruzadas*, Editora das Américas, São Paulo, 1956, v. 1, p. 131-132.

[3] *O capital*, Lisboa, 26 mar. 1973. "Cristão-novo" ou "recém-converso", nesse caso, era o judeu convertido, quase sempre pela força, ao catolicismo romano.

[4] F. W. Foerster, *A questão judaica*, São Paulo, Herder, 1961, p. 138.

[5] Marcos Margulles, *Os judeus na história da Rússia*, Rio de Janeiro, Bloch, 1971, p. 226.

[6] *Enciclopédia judaica*, v. 2, p. 557-559.

[7] Rifka Berezin, *Caminhos do povo judeu*, São Paulo, 1977, v. 4, p. 60-63.

[8] F. W. Foerster, op. cit.

[9] William L. Shirer, *Ascensão e queda do Terceiro Reich*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962, v. 4, p. 44-45.

[10] *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, Vozes, dez. 1966, fasc. 4.

[11] Meyer Levin, *Israel de Abraão a Dayan*, Dinal, p. 21.

[12] Theodor Herlz, *O Estado judeu*, Mercaz-Wizo-Brasil, Rio de Janeiro, 1954, p. 42, 67.

[13] *Palestina, terra de promessa e de sangue*, Rio de Janeiro, Delegação da Liga dos Estados Árabes, 1969, p. 27.

[14] *O Arauto de Santidade*, órgão da Igreja do Nazareno do Brasil, 15 abr. 1973.

[15] Citado em Demétrio Magnoli e Regina Araújo, *A nova geografia*, São Paulo, Moderna, 1997, p. 260.

[16] *Hechos de Israel*, Jerusalém, Divisão de Informação do Ministério de Relações Exteriores, p. 42-43.

[17] *Corrente Wizo*, abr. / jun. 1982.

[18] Revista *Novas de Alegria*, Lisboa, n. 203, nov. 1959.

[19] Meyer Levin, idem, p. 204-205.

[20] Ury Paz, *Guerra-relâmpago*, São Paulo, V.G.T., s.d., p. 101.

[21] *Folha de São Paulo*, 23 jun. 1968.

[22] Revista *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1971.

[23] *Hechos de Israel*, p. 49.

[24] Ury Paz, idem, p. 21.

[25] *Novas de Alegria*, Lisboa, jul. 1970.

[26] Padre Georges, *Deus nos subterrâneos da Rússia*, Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira, p. 17.

[27] *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1972.

[28] Pontifício Instituto Bíblico de Roma, *Comentários à Bíblia Sagrada*, São Paulo, Alfabeto, v. 2, p. 578.

[29] Antônio Neves de Mesquita, *Povos e nações do mundo antigo*, Rio de Janeiro, Bereana, 1954, p. 25.

[30] Pontifício Instituto Bíblico de Roma, op. cit.

[31] *A Voz dos Mártires*.

[32] Wim Malgo, *Cinqüenta respostas tiradas da palavra profética*, Porto Alegre, Chamada da Meia-Noite, p. 61-62.

[33] Op. cit., p. 65.

[34] Henry H. Halley, *Manual bíblico*, p. 296-297.

[35] Op. cit., p. 278.

[36] Synésio Lira, *O Oriente Médio, a batalha do Armagedom e depois?...* Rio de Janeiro, S. Lira, 1974, p. 63, 66-67.

[37] H. L. Heijkoop, *O porvir*, 2. ed., Lisboa, Depósitos de Literatura Cristã, 1972, p. 123-124.

[38] *Novas de Alegria*, Lisboa , maio 1973.

[39] Synésio Lira, op. cit., p. 45.

[40] Harry e Bonaro Overstreet, *A guerra chamada paz*, Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1962, p. 16.

[41] Clinton Rossiter, *Aventuras do espírito*, Rio de Janeiro, Biblioteca Fundo Universal de Cultura, 1963, p. 138-139.

[42] Clinton Rossiter, op. cit., p. 140.

[43] Gordon Lindsay, *Sinais da próxima vinda de Cristo*, Rio de Janeiro, Cruzada de Nova Vida, s.d., p. 13.

[44] Karl Marx, *O capital*, 3. ed., Rio de Janeiro, Bruno Buccini, 1968, p. 38-39.

[45] Ildefonso Albano, *A URSS do deão*, 3. ed., Rio de Janeiro, I. Albano, 1945, p. 41ss.

[46] James DeForrest Murch, *A aventura ecumênica*, São Paulo / São Luís, Vida Nova / Livraria Editora Evangélica, 1963, p. 67-68.

[47] Hal-Lindsey, *Planet Earth — 2000 A.D.* [Planeta Terra — 2000 A.D.], Palos Verdes, Western Front, 1996, p. 197-198.

[48] Jack Van Impe, *2001: on the edge of eternity* [2001: no limiar da eternidade], Dallas, Word, 1996, p. 51-52.

[49] Revista *A Seara*, CPAD, Rio de Janeiro, dez. 1998, p. 38.

[50] John Hagee, *O começo do fim*, São Paulo, Mundo Cristão, 1997, p. 171.

[51] *Novas de Alegria*, Lisboa, jan. 1953.

[52] *Novas de Alegria*, Lisboa, jun. 1970.

[53] *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 jan. 1976.

[54] E. Stanley Jones, *O caminho*, São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1988, p. 351.

[55] *Fé Hahá'i: fatos básicos*, 2. ed., Rio de Janeiro, Bahá'i do Brasil, p. 21-22.

[56] Fernand Gigon, *Apocalipse do átomo*, São Paulo, Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1959, p. 1-3.

[57] Bíblia Sagrada, *Versão da Liga de Estudos Bíblicos*, São Paulo, Abril.

[58] Idem.

[59] Jornal *Palavra da Vida*, Atibaia, Acampamento Palavra da Vida.

[60] Uri Geller, *Minha história*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975, p. 181.

[61] William L. LeRoy, *O futuro da Igreja Mundial*, São Paulo, Missão Bíblica Presbiteriana no Brasil, 1969, p. 9.

[62] Notas à Bíblia Sagrada, *Edição Clássica de Figueiredo*, São Paulo, Editora das Américas, 1950, v. 12, p. 428.

[63] *Gematria:* sistema criptográfico que consiste em atribuir valores numéricos às letras.

[64] E. W. Bullinguer, *Como entender y explicar los números de la Biblia*, Editorial Clie, Barcelona, Espanha, s.d., p. 305.

[65] E. W. Bullinguer, op. cit., p. 306.

[66] E. W. Bullinguer, op. cit., p. 62.

[67] Jean-Jacques Von Allmen, *Vocabulário bíblico*, São Paulo, ASTE, 1963, p. 232.

[68] Willard Cantelon, *A morte do dólar*, Miami, Vida, 1973, p.100.

[69] John Wesley White, *Retorno*, Miami, Vida, 1975, p. 200.

[70] De um hino de Paulo Leivas Macalão (letra) e James McGranaham (música), Harpa Cristã, CPAD, 1981, n. 74.

ISBN 85-263-0222-1

O que acontecerá a Israel nos últimos dias?

O país será mesmo invadido por Gogue e Magogue?

Quem são essas personagens?

Podemos identificá-las?

Que importância têm esses acontecimentos para a Igreja?

Essas perguntas são respondidas por um dos maiores especialistas em profecias bíblicas de nosso tempo. Com maestria, o autor "passeia" por algumas passagens da rica história de Israel, cruciais para o perfeito entendimento das profecias contidas em Ezequiel 38 e 39, objeto de seu estudo nesta obra. O significado bíblico e contextualizado de Gogue, os sinais da manifestação do anticristo e o papel do "relógio divino" às portas do novo milênio levam o leitor a entender melhor o propósito de Deus acerca desse povo admirável. Tudo isso numa edição revista e ampliada deste best-seller que já vendeu cerca de 240.000 exemplares em português e espanhol, resultado de recente pesquisa que permitiu ao autor atualizar todas as informações.

O Autor

Abraão de Almeida é fundador e pastor da Igreja Evangélica Brasileira de Coconut Creek, Flórida, e diretor do Seminário Betel, que funciona na mesma cidade e também foi fundado por ele, em 1991. É autor de mais de trinta livros editados em português e em espanhol. Reside com a esposa, Lúcia, e o filho caçula, Júnior, na Flórida. O casal tem ainda três filhas casadas e seis netos.